UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MICHELE CRISTINA FONSECA ANTUNES

A tecnologia digital na integração creche-família

SÃO PAULO

2017

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MICHELE CRISTINA FONSECA ANTUNES

A tecnologia digital na integração creche-família

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Mestre em Educação.

Área de Concentração: Formação, Currículo e Práticas
Pedagógicas.

Orientadora: Profa. Dra. Vani Moreira Kenski.

São Paulo

2017

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

372.212 Antunes, Michele Cristina Fonseca
A636t A tecnologia digital na integração creche-família / Michele Cristina
Fonseca Antunes; orientação Vani Moreira Kenski. São Paulo: s.n., 2017.
139 p. ils.; grafs.; tabs.; anexos

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação.
Área de Concentração: Formação, Currículo e Práticas Pedagógicas) - -
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Crianças de 0 a 3 anos (Educação) 2. Creche 3. Tecnologia digital
4. Integração creche-família I. Kenski, Vani Moreira, orient.

Nome: ANTUNES, Michele Cristina Fonseca.

Título: A tecnologia digital na integração creche-família

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Vani Moreira Kenski (Orientadora)

Instituição: USP Faculdade de Educação

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

À minha família, por todo apoio e compreensão,
e às famílias e aos educadores das crianças de 0 a 3 anos.

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Deus, Criador dos Céus e da Terra, que é fiel e poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós. Muito obrigada, Senhor! A Ti toda honra e glória!

Aos meus pais, irmã e esposo, por toda compreensão e incentivo. Amo vocês!

À Professora Doutora Vani Moreira Kenski, pela orientação e auxílio durante a elaboração desta pesquisa e às Professoras Doutoras Beth Almeida e Mônica Pinazza pelas ricas indicações no Exame de Qualificação.

Aos colegas da equipe de trabalho que me acolheram carinhosamente e continuam demonstrando muita vontade de aprender.

Às Coordenadoras Pedagógicas, Rosa Maria Faganelli e Jozina Alves Moyano, por compartilharem seus saberes e me auxiliarem em todos os momentos. Obrigada, amigas!

Às famílias das crianças por toda parceria, confiança e apoio.

Por fim, às encantadoras crianças de 0 a 3 anos que têm me ensinado a alegria de viver.

Meus mais sinceros agradecimentos a todos!

RESUMO

ANTUNES, Michele Cristina Fonseca. **A tecnologia digital na integração creche-família**. 2017. 139p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2017.

Esta pesquisa tem por objetivo geral analisar o uso da tecnologia digital para facilitar a integração creche-família. Foi desenvolvida de acordo com os pressupostos da abordagem qualitativa de pesquisa (FLICK, 2004; SEVERINO, 2007; LÜDKE e ANDRÉ, 1986) e, mais especificamente, como estudo de caso (YIN, 2005) a partir dos dados empíricos obtidos na creche municipal de São Bernardo do Campo/SP, onde a pesquisadora exerce o cargo de diretora escolar. As pesquisas teóricas sobre a Educação de crianças de 0 a 3 anos e sobre os usos da tecnologia digital nos contextos escolares buscaram situar os conceitos centrais que envolviam a proposta. A pesquisa empírica foi realizada por meio de questionário enviado a todas as famílias das crianças atendidas na creche e por entrevistas semi-estruturadas realizadas com mães/pais e professoras. Pela análise dos dados levantados, constatou-se que a maioria das famílias das crianças matriculadas na creche pesquisada tem acesso à internet, principalmente via telefone celular, e a utiliza diária ou semanalmente. Outra constatação foi de que são poucas as famílias que acessam o Blog da instituição para acompanhar o trabalho desenvolvido com seus filhos. Por outro lado, a maior parte das famílias, que respondeu ao questionário, afirmou que utilizaria ferramentas de comunicação via internet para se comunicar com a creche e sugeriu o aplicativo *WhatsApp* para potencializar a integração creche-família. Em termos de resultados, a pesquisa identifica que as famílias e professoras da creche estão imersas na cultura digital, fazem uso de dispositivos móveis e desejam usar esses dispositivos para interações frequentes com a creche a fim de, no caso das famílias, acompanhar virtualmente o desenvolvimento de seus filhos. Neste sentido, considera-se que a tecnologia digital pode facilitar e potencializar a comunicação e a integração entre creche e família e que as iniciativas de propostas para essa maior integração devem partir da equipe da creche.

Palavras-chave: educação de crianças de 0 a 3 anos; creche; tecnologia digital; integração creche-família.

ABSTRACT

ANTUNES, Michele Cristina Fonseca. **Digital technology in day care/family integration**. 2017. 139p. Thesis (Master's Degree) - College of Education, University of São Paulo, 2017.

This research's general goal is to analyze the use of digital technology to facilitate day care/family integration. It has been developed in consonance with the theoretical assumptions of the Qualitative Research approach (FLICK, 2004; SEVERINO, 2007; LÜDKE and ANDRÉ, 1986) and, more specifically, with the assumptions of the Case Study approach (YIN, 2005) applied on the empirical data obtained from the municipal day-care center of São Bernardo do Campo/SP, where this researcher holds the position of headteacher. Our theoretical researches about the Education of children under 3 years old and the uses of digital technology in school context aim to shed light on the main concepts that involve our general goal. The empirical research is based on a survey form sent to the families of all the children that attend the mentioned day-care center and on semi-structured interviews with their parents and teachers. Through the analysis of the collected data, it has been possible to realize that the majority of those families have access to the internet, mainly through smartphones, and use it on a daily or weekly basis. Another realization the empirical analysis made possible was that few are the families that access the institutional Blog to keep up with the work developed with their children. On the other hand, the majority of the families who answered the survey said they would use internet-based communication tools to be in touch with the day-care center, and suggested that *WhatsApp* could improve the day care/family integration. In terms of results, this research shows that the families and daycare teachers are immersed in digital culture, make regular use of mobile devices and that the family wish to employ them on everyday interaction with the day-care center in order to keep up with their children's development. Therefore, we consider that digital technology can facilitate and improve communication and integration between day-care center and families, and such initiatives should come from the daycare staff.

Keywords: education of children under 3 years old; day-care center; digital technology; family/day-care center integration.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Levantamento de pesquisas acadêmicas sobre o tema

Quadro 2 – Pesquisas Científicas mais relevantes sobre integração creche-família e/ou escola-família e tecnologias digitais.

Quadro 3 – Descrição dos espaços físicos da creche

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização do município de São Bernardo do Campo/SP

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Acesso à internet pelas famílias

Gráfico 2 – Aparelho/dispositivo usado pelas famílias para acesso à internet

Gráfico 3 – Frequência de acesso à internet pelas famílias

Gráfico 4 – Sobre as famílias acessarem a internet para acompanhar o blog da creche

Gráfico 5 – Meios de comunicação que as famílias utilizam com a creche

Gráfico 6 – Avaliação das famílias acerca da relação creche-família

Gráfico 7 – Sobre outras formas de comunicação com a creche via internet

Gráfico 8 – Sobre aplicativo ou recurso tecnológico que as famílias gostariam que a creche tivesse para ampliar a comunicação e a integração escola-família

LISTA DE SIGLAS

AMFRI – Associação dos Municípios Catarinenses da Foz do Rio Itajaí

APM – Associação de Pais e Mestres

CE – Conselho de Escola

CEMEIs – Centros Municipais de Educação Infantil

Cetic.br – Centro Regional de Estudos para o desenvolvimento da Sociedade da Informação

FEUSP – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

IBM – International Business Machines

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PNE – Plano Nacional de Educação

PPP – Projeto Político Pedagógico

TDIC – Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

TIC – Tecnologias de Informação e de Comunicação

TMSF – Tecnologias Móveis Sem Fio

UBS – Unidade Básica de Saúde

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a infância

SUMÁRIO

Introdução.....	13
Capítulo 1- O caminho da Pesquisa.....	24
1.1 Apresentando a creche onde se desenvolveu a pesquisa.....	29
1.2 Apresentando as professoras que participaram da entrevista.....	33
1.3 Apresentando as mães e o pai que participaram da entrevistas.....	34
Capítulo 2- A educação de crianças de 0 a 3 anos.....	36
2.1 As mudanças na sociedade e suas implicações na Educação de crianças de 0 a 3 anos.....	36
2.2 A importância do Cuidar e do Educar e dos contextos integradores.....	39
2.3 As aprendizagens das crianças de 0 a 3 anos.....	45
2.4 Os desafios da integração creche-família.....	49
Capítulo 3- Usos da tecnologia digital nos contextos escolares.....	58
3.1 As tecnologias digitais mediando o processo de ensino e aprendizagem.....	59
3.2 As tecnologias digitais e a gestão escolar.....	63
3.3 A apropriação das tecnologias digitais pelo diretor escolar e seu papel de coordenador.....	67
3.4 As tecnologias digitais e a integração com as famílias.....	69
Capítulo 4- Trajetória Metodológica e Análise de dados.....	73
4.1 Sobre o questionário enviado às famílias.....	76
4.2 Sobre as entrevistas com as famílias.....	86
4.3 Sobre as entrevistas com as professoras.....	90
Considerações.....	95
Referências Bibliográficas.....	98
Anexos	
Anexo A.....	105
Anexo B.....	107
Anexo C.....	112
Anexo D.....	113
Anexo E.....	126
Anexo F.....	127

INTRODUÇÃO

Nos próximos parágrafos, compartilho um resumo da minha trajetória na área da Educação, apresento o problema que me provocou a desenvolver esta pesquisa e elenco os objetivos que foram sendo construídos, afinal, como afirma o pesquisador Antônio Joaquim Severino (2007, p. 57), “[...] a apreensão da problemática, que por assim dizer “provocou” o autor, é condição básica para se entender devidamente um texto [...]”.

Cursei Magistério no Ensino Médio e graduei-me em Letras e em Pedagogia. Depois fiz algumas Especializações na área da Educação, entre elas *Mediações Tecnológicas em Ambientes Educacionais* e *Gestão Escolar*. Concomitante a esse período de formação, trabalhei como professora concursada de Educação Básica nas Redes Municipais de Santo André e de São Bernardo do Campo, cidades vizinhas localizadas na Região Metropolitana de São Paulo, também conhecida como Região do Grande ABC.

Após cerca de uma década como professora, fui chamada para assumir a direção de uma creche na cidade de São Bernardo do Campo, pois há alguns anos havia prestado um concurso público para esse cargo. Atualmente, faço parte do quadro de Diretores Escolares das escolas municipais de São Bernardo e venho trabalhando em creches, coordenando equipes docentes e discentes e lidando diretamente com as famílias. Desde o ano de 2010, assumi a direção de três creches públicas em bairros distintos do município em questão, cada uma a seu tempo, em momentos diferentes. E, no ano de 2013, tornei-me diretora titular de uma delas.

Durante essa trajetória, identifiquei um problema, que enfrentava em minha rotina diária de trabalho, em relação à participação das famílias na vida escolar das crianças matriculadas na creche. Nossa equipe atende cerca de noventa crianças de 0 a 3 anos e lida, consequentemente, com cerca de noventa famílias diferentes. Como a maior parte das famílias trabalha em horário comercial, nem sempre a participação em reuniões e eventos é possível para elas, o que dificulta diretamente a comunicação e a integração entre creche-família. Essa questão sempre foi alvo de preocupação para as equipes com as quais trabalhei, mesmo enquanto professora. Na maior parte das vezes, a queixa dos profissionais baseava-se no não comparecimento das famílias às reuniões propostas, sejam

elas para tomada de decisões nos órgãos colegiados ou para o acompanhamento da aprendizagem e do desenvolvimento de suas crianças.

Por outro lado, a fala praticamente unânime da maior parte das famílias era de que havia o interesse em conhecer um pouco mais acerca do trabalho da creche, em acompanhar o desenvolvimento dos filhos, mas as condições de trabalho não as permitiam. Como as políticas públicas ainda não abarcam toda a demanda da educação infantil de 0 a 3 anos, um dos critérios para se conseguir uma vaga em creches de São Bernardo é que a mãe seja trabalhadora, o que, geralmente, acarreta em falta de tempo para acompanhar e participar das atividades propostas pela creche. A preocupação em viabilizar melhores condições de integração e comunicação com essas famílias sem prejudicá-las tornou-se, de tal modo, um **problema a ser pesquisado**.

Retomando a ideia de Severino (2007), ele diz que “não se pode falar coisa alguma a respeito de um tema se ele não se apresentar como um *problema* para aquele que discorre sobre ele” (p. 57, grifo do autor), e eu tinha um dilema a ser refletido e que afetava a dinâmica do meu trabalho, da relação das professoras com as famílias e das crianças com a própria creche. E, a partir da preocupação original, outros questionamentos foram surgindo: Como conciliar a necessidade de diálogo com a família sem interferir na dinâmica de trabalho dos pais e mães para o sustento de seus filhos? As tecnologias digitais poderiam contribuir para maior integração entre a creche e a família?

Para responder essas questões, realizei esta pesquisa de mestrado na creche pública onde atuo como diretora escolar. Tal creche localiza-se em um bairro próximo ao centro da cidade e atende a comunidade desde o início da década de 1990. Além disso, como a creche na qual atuo possui um Blog¹, que é atualizado periodicamente, a intenção também foi descobrir em que medida essa ferramenta tecnológica facilita (ou não) a integração creche-família. Dessa forma, o estudo de caso que me propus desenvolver ocorreu em uma creche que já se dispunha a utilizar as tecnologias digitais para divulgar o seu trabalho.

Baseei-me na abordagem qualitativa (FLICK, 2004; SEVERINO, 2007; LÜDKE e ANDRÉ, 1986) e, mais especificamente, no estudo de caso (YIN, 2005) para desenvolver a pesquisa. Os dados levantados foram verificados com base na análise de conteúdo (BARDIN, 1977; LANKSHEAR e KNOBEL, 2008). A pesquisa empírica foi realizada por meio de questionário enviado a todas as famílias das crianças atendidas na creche e por

¹ Para maiores informações acesse o Blog: <http://antoniojosemantuan.wixsite.com/mantuan>

entrevistas semi-estruturadas realizadas com mães/pais e professoras. Na pesquisa bibliográfica, levantei referências que me ajudassem compreender a Educação de crianças de 0 a 3 anos e a importância dos contextos integrados e do cuidar e educar; discutissem os usos da tecnologia digital nos contextos escolares; abordassem a relação creche-família, a integração entre essas instituições e seus respectivos desafios, entre outras questões.

Essas leituras me propiciaram uma reflexão sobre a primeira infância: essa é uma fase do desenvolvimento humano que necessita de muitos cuidados e investimentos. A criança pequena necessita de cuidados do adulto (PINAZZA, 2004) e nos primeiros meses de sua vida existe certa dependência desse adulto, já que ela não consegue se alimentar, higienizar ou se locomover de forma autônoma. Contudo, espera-se que ela seja considerada capaz “de participar de forma efetiva do processo educativo” (PINAZZA, 2004, p. 373) e seja vista como pequena cidadã (KRAMER, 1994) desde a mais tenra idade. Todo o trabalho pedagógico desenvolvido na creche preconiza “garantir o acesso aos conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade e formar, simultaneamente, indivíduos críticos [...] capazes de agir no seu meio e transformá-lo” (KRAMER, 1994, p. 13).

Como vivemos em uma sociedade com diversos tipos de constituições familiares – famílias tradicionais com pai, mãe e filhos; chefiadas somente pela mãe ou somente pelo pai; baseadas em relações homoafetivas, entre outras – e com as mulheres adentrando cada vez mais o mercado de trabalho, as creches passaram a atender um número ainda maior de crianças. Cada vez mais as responsabilidades pelos cuidados e pela educação dos pequenos passaram a ser compartilhadas entre ambas as instituições. Desse modo, fica latente a importância da integração creche-família, afinal, o desenvolvimento das crianças é o objetivo principal tanto para uma quanto para outra instância.

Reforçando essa ideia, Ana Polonia e Maria Auxiliadora Dessen (2005) afirmam que “quando a família e a escola mantêm boas relações, as condições para um melhor aprendizado e desenvolvimento da criança podem ser maximizadas” (p. 304) ². Ou seja,

² A maior parte dos autores que embasam esta pesquisa utiliza o vocábulo *escola* e não *creche* ao se referirem à relação das instituições escolares com a instituição familiar, o que será mantido sempre que o texto for transcrito na íntegra ou se referir à ideia do autor. Isso se dá porque os estudos sobre a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, vêm crescendo no decorrer dos anos, contudo, não na mesma proporção dos estudos sobre outras etapas da Educação (a pesquisa na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), com o recorte temporal de 2010 a 2015, aponta 571 trabalhos na área da Educação para o descritor “Ensino Fundamental” e 217 trabalhos para “Educação Infantil”, ambos descritores entre aspas). Sendo assim, o termo *escola* é identificado, nesta pesquisa, como instituição não familiar

quanto mais estreita for a relação da instituição de educação da primeira infância com a família, maior será a possibilidade de desenvolvimento da criança. Luciana Caetano e Solange Yaegashi (2014) também corroboram com tal afirmação ao dizerem que ambas as instituições são contextos privilegiados de desenvolvimento e aprendizagem e necessitam trabalhar em conjunto.

Sem comunicação entre creche e família será impossível desenvolver um bom trabalho pedagógico com os pequenos, haja vista os mesmos estarem num estágio do desenvolvimento que requer mais do que educação escolar formal (PINAZZA, 2004). As crianças que frequentam creche requerem cuidados específicos com higiene, alimentação e saúde e a parceria com a família é primordial. Afinal, “todo o processo de construção de uma parceria entre a família e a escola fundamenta-se na necessidade de oferecer à criança uma formação adequada” (CAETANO e YAEHASHI, 2014, p. 13). E a tecnologia digital pode facilitar essa integração creche-família, o que favorece, entre outras coisas, uma aprendizagem mais eficaz das crianças.

A tecnologia digital já faz parte das nossas vidas (KENSKI, 2008; 2013). Ela tem a forte característica de facilitar o acesso aos dados e, dessa forma, contribuir para a ampliação e o aprofundamento do conhecimento (ANDERSEN, 2013) e de facilitar a comunicação entre as pessoas. Utilizá-la com o propósito de favorecer a integração creche-família pode resultar positivamente no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

A internet, a partir das variadas opções de dispositivos para seu acesso, tais como smartphones, tablets, notebooks, netbooks, ou mesmo via computadores de uso coletivo, permeia a rotina de pelo menos 107,7 milhões de brasileiros³. Nesse universo estão inseridas as famílias das crianças de 0 a 3 anos atendidas nas creches municipais de São Bernardo do Campo.

A pesquisa *TIC Kids Online Brasil 2015*⁴, que estudou sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil, também traz dados importantes acerca do uso da internet

devidamente aceita pela sociedade e regulamentada por lei. Também o termo *aluno* foi mantido nas citações dos autores e se refere à criança e/ou educando que está sob os cuidados de uma instituição escolar.

³ Sínteses de Índices Sociais da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (IBGE/2014).

⁴ A pesquisa *TIC Kids Online Brasil* visa entender a percepção de jovens em relação à segurança online, bem como delinear as práticas de mediação de pais e responsáveis relacionadas ao uso da internet. Gera indicadores sobre os usos que crianças e adolescentes de 9 a 17 anos de idade fazem da mesma. Foi desenvolvida desde 2012 pelo Cetic.br, que adotou um quadro conceitual e metodológico desenvolvido pela

pelos pais ou responsáveis da população de 9 a 17 anos. O estudo aponta que 82% desses pais ou responsáveis acessam a internet todos os dias ou quase todos os dias e 15% o faz pelo menos uma vez por semana. Os dados foram coletados entre novembro de 2015 e junho de 2016 e não se referem às crianças de idades mais baixas ou seus pais. A convivência diária com as famílias na creche em que sou diretora me garante a percepção de que entre os pais/mães dessas crianças os mesmos percentuais de acesso à internet estejam presentes.

Vitor Paro (2000) afirma que as questões objetivas da vida – tais como o trabalho e os cuidados com a casa e com os filhos – dificultam, em certa medida, a comunicação entre escola e família. Mas o autor também aponta que há “uma grande falta de iniciativa dos educadores para criarem maneiras de viabilizar a comunicação com a população” (p. 69). Talvez, um dos caminhos para atingirmos esse objetivo seja o uso das tecnologias digitais, já tão presentes no cotidiano das famílias na atualidade. Esse é um dos alvos deste estudo, ou seja, compreender as formas como as tecnologias digitais podem contribuir para melhor integração e comunicação entre creche e família.

Por meio das leituras feitas e da análise do *corpus* que se construiu, delimitei os seguintes objetivos:

Objetivo Geral: Analisar o uso da tecnologia digital para facilitar a integração creche-família.

Objetivos Específicos:

1. Identificar o posicionamento de teóricos sobre a importância do papel da família na educação das crianças de 0 a 3 anos que frequentam creche;
2. Identificar o posicionamento de teóricos sobre a importância da integração creche-família;
3. Identificar os usos da tecnologia digital em creche municipal de São Bernardo do Campo para viabilizar o processo de integração creche-família;

4. Analisar como os usos da tecnologia digital facilitaram (ou não) a integração creche-família.

Ao fazer o levantamento de pesquisas com o recorte temporal de 2010 a 2015 nas bases de dados de teses e dissertações *Portal CAPES*, *Biblioteca Digital de Teses e Dissertações* e *Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal*, pude comprovar que não há muitos trabalhos, em língua portuguesa, que abordam a questão dos usos da tecnologia na integração creche-família e/ou escola-família. O quadro a seguir comprova tal afirmação.

Quadro 1 – Levantamento de pesquisas acadêmicas sobre o tema

Palavras-chave	Portal CAPES Pesquisas do Programa de Educação	Portal BDTD Biblioteca Digital de Teses e Dissertações	Portal RCAAP Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal
1. Integração creche-família SEM aspas	3	0	1
2. Integração creche-família COM aspas	0	0	3
3. Integração creche família SEM aspas	51	7	23
4. Integração creche família COM aspas	0	0	0
5. Integração escola-família SEM aspas	2	4	54
6. Integração escola-família COM aspas	0	0	3
7. Integração escola família SEM aspas	7	34	903
8. Integração escola família COM aspas	0	0	3
9. Tecnologia Digital SEM aspas	49	219	2642
10. Tecnologia Digital COM aspas	7	98	321
11. Usos da tecnologia na integração creche-família SEM aspas	0	0	0
12. Usos da tecnologia na integração creche-família COM aspas	0	0	0
13. Usos da tecnologia na integração creche família SEM aspas	9	0	0
14. Usos da tecnologia na integração creche família COM aspas	0	0	0
15. Usos da tecnologia na integração escola-família SEM aspas	0	0	0

16. Usos da tecnologia na integração escola-família COM aspas	0	0	0
17. Usos da tecnologia na integração escola família SEM aspas	0	0	4
18. Usos da tecnologia na integração escola família COM aspas	0	0	0

Fonte: A autora (2016)

Observando os dados, apresentados no Quadro 1, é possível perceber que há alguns estudos sobre a integração creche-família e/ou escola-família e um número mais expressivo de estudos sobre tecnologia digital. Entretanto, as buscas sobre o uso da tecnologia na integração creche-família e/ou escola-família apresentaram poucos trabalhos acadêmicos nas bases de dados pesquisadas. Assim, as pesquisas desenvolvidas de 2010 a 2015 que estão indexadas aos locais de consulta supracitados parecem não abordar, diretamente, o tema desta pesquisa.

Alguns dos trabalhos científicos identificados se mostraram mais relevantes em relação a esta pesquisa. Nenhum deles aborda a temática geral que me propus investigar, mas são relevantes porque focam em um ou outro assunto que pretendo desenvolver. As pesquisas selecionadas estão expostas no Quadro 2 a seguir.

Quadro 2 – Pesquisas Científicas mais relevantes sobre integração creche-família e/ou escola-família e tecnologias digitais.

Nº	T/D ⁵	Ano	Instituto de Ensino Superior	Orientador (a)	Autor/es	Títulos
1	T	2011	Universidade Federal do Paraná	Maria Augusta Bolsanello	Marisa Zanoni Fernandes	Bebê e criança pequena: imagens e lugar nos projetos pedagógicos de instituições públicas de Educação Infantil
2	T	2012	Universidade de São Paulo	Marieta Lucia Machado Nicolau	Gilmara Lupion Moreno	A relação professor-escola-família na educação da criança de 4 a 6 anos: estudo de caso em duas instituições de ensino da cidade de Londrina

⁵ Tese ou Dissertação

3	D	2013	Universidade Federal do Paraná	Ricardo Antunes de Sá	Maria da Glória Galeb	A tecnologia digital na infância: investigando o projeto <i>kidsmart</i> nos centros municipais de educação infantil de Curitiba
4	D	2010	Universidade de Lisboa, Portugal	Guilhermina Lobato Miranda	Helena Isabel Caseiro Branco Dias Pereira Ferreira	Que papel podem desempenhar as tecnologias de informação e comunicação na relação escola-família?
5	D	2011	Universidade de Lisboa, Portugal	Neusa Sofia Guerreiro Pedro	Paula Cristina Foguete Feitor	As tecnologias móveis na comunicação entre diretor de turma e encarregado de educação

Fonte: A autora (2016)

A tese de Marisa Zanoni Fernandes intitulada “Bebê e criança pequena: imagens e lugar nos projetos pedagógicos de instituições públicas de Educação Infantil” analisa os projetos pedagógicos de instituições públicas da região da Associação dos Municípios Catarinenses da Foz do Rio Itajaí (AMFRI), buscando explicitar as imagens do bebê e da criança pequena presentes nesses documentos. Ela buscou apontar as implicações dessas imagens no desenvolvimento da criança, na organização dos espaços físicos e afetivos, no envolvimento da família e na implementação dos direitos das crianças a uma educação de qualidade. Aborda, de forma implícita, as aprendizagens das crianças de 0 a 3 anos e discorre sobre a importância de uma relação mais próxima entre as instituições de Educação Infantil e as famílias, foco deste meu estudo.

A tese de Gilmara Lupion Moreno, com o título “A relação professor-escola-família na educação da criança de 4 a 6 anos: estudo de caso em duas instituições de ensino da cidade de Londrina”, objetivou pesquisar sobre a relação professor-escola-família na educação da criança de 4 a 6 anos na instituição de ensino; investiga como os professores, as famílias e a equipe técnica (direção e coordenação) concebem a relação entre si; e verifica quais são as estratégias utilizadas pela escola a fim de viabilizar a participação das famílias e dos professores na educação da criança de 4 a 6 anos. A autora explicita a diversidade dos arranjos familiares, as diferentes formas de comunicação entre escola e família, as técnicas que as equipes escolares podem utilizar para promover um trabalho

mais sistematizado com as mesmas, entre outros. Esse trabalho contribuiu para uma reflexão mais aprofundada acerca do tema, ainda que o foco seja sobre a educação de crianças de 4 a 6 anos.

A pesquisa “A tecnologia digital na infância: investigando o Projeto *Kidsmart* nos Centros Municipais de Educação Infantil de Curitiba”, elaborada por Maria da Glória Galeb, buscou investigar como os educadores e professores apropriam-se/integram o Projeto *Kidsmart* em sua prática docente. O Projeto *Kidsmart*, da *International Business Machines* (IBM), visa à inclusão digital das crianças pré-escolares e foi implantado nas turmas de pré dos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) de Curitiba, a partir de 2008. Em sua pesquisa, a autora explicita os impactos desse Projeto tanto para os docentes quanto para as crianças e enfoca a importância das tecnologias digitais para o processo de ensino e aprendizagem. Galeb contribuiu para minha reflexão ao abordar as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na Educação Infantil, ainda que esse não seja meu foco de pesquisa.

A dissertação “Que papel podem desempenhar as tecnologias de informação e comunicação na relação escola-família?”, da pesquisadora portuguesa Helena Isabel Caseiro Branco Dias Pereira Ferreira, traz à baila a questão do uso das TIC para aproximar a relação da escola com a família. A autora afirma que as TIC podem, de fato, ter um papel importante na aproximação entre a escola e a família. Para tanto, sugere a possibilidade de aquisição ou aprofundamento por parte dos diretores de turma e dos pais de competências na área das TIC, com o objetivo de as usarem como meio facilitador de comunicação. O trabalho de Ferreira trouxe muitas contribuições à minha pesquisa, mesmo se tratando da relação escola-família em outro contexto, ou seja, de alunos com cerca de 15 anos ou mais matriculados em uma escola secundária da periferia de Lisboa.

O último trabalho, listado sob o título “As tecnologias móveis na comunicação entre diretor de turma e encarregado de educação”, elaborado por Paula Cristina Foguete Feitor, também pesquisadora portuguesa, analisa a utilização dos celulares em contexto escolar especificamente no suporte à comunicação entre diretor de turma e encarregados de educação, ou seja, os pais ou responsáveis pelos alunos. O projeto desenvolvido apresentou-se como um estudo exploratório que procurou perceber as vantagens e desvantagens da utilização das tecnologias móveis na comunicação entre escola-família mediada pelas comunicações móveis. A pesquisadora buscou perceber como tais

tecnologias podem ser utilizadas no suporte a novos padrões e a novos níveis de regularidade na comunicação estabelecida entre diretor de turma e encarregados de educação, ao mesmo tempo em que procurou descrever quais as expectativas iniciais e quais os resultados encontrados na sequência da implementação desse projeto. A experiência foi desenvolvida em um agrupamento de escolas da zona de Vila Franca de Xira, em Portugal, com uma turma do 5º ano durante o ano letivo de 2010/2011, através da exploração do envio de SMS como meio de informação e de comunicação entre a escola e os encarregados de educação da turma. Essa pesquisa foi a que mais se aproximou do tema do meu trabalho, mas também não abordou famílias de crianças da primeira infância.

As pesquisas mencionadas tangenciam o tema da minha investigação. Contudo, percebe-se que, nas bases de dados e no recorte temporal selecionados, há poucas pesquisas científicas sobre a integração creche-família mediada por tecnologias digitais. Sendo assim, espero que esta pesquisa possa contribuir sobre o tema proposto.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos. No Capítulo 1 – *O caminho da Pesquisa* – apresento os pressupostos teóricos-metodológicos que embasaram a pesquisa. Apresento a creche pesquisada e o perfil geral das famílias cujas crianças são atendidas pela instituição. As professoras, as mães e o pai entrevistados também são apresentados neste capítulo.

No Capítulo 2 – *A Educação de crianças de 0 a 3 anos* – é apresentada a revisão bibliográfica sobre o respectivo tema. Reflexões e posicionamentos teóricos sobre temas como a importância do cuidar e educar e dos contextos integrados na educação dos infantes, bem como suas aprendizagens são apresentadas nesta parte. Além disso, apresento os desafios da integração creche-família.

O Capítulo 3 – *Usos da tecnologia digital nos contextos escolares* – também traz uma revisão bibliográfica sobre o tema. Nele busco trazer os posicionamentos de autores sobre as tecnologias digitais mediando o processo de ensino e aprendizagem e a gestão escolar. Abordo, ainda, a posição de teóricos sobre as tecnologias digitais e a integração com as famílias.

No Capítulo 4 – *Trajectoria metodológica e análise dos dados* – é apresentada toda a trajetória percorrida ao longo da pesquisa e a análise dos dados coletados. Detalhei os percalços enfrentados e os avanços alcançados. Neste momento de análise, procurei refletir

sobre o uso da tecnologia digital para facilitar a integração creche-família, tendo como base a fundamentação teórica desenvolvida nos capítulos 2 e 3 e a análise de conteúdo dos dados coletados.

Capítulo 1

O caminho da Pesquisa

O caminho metodológico desta pesquisa se orientou pelos princípios da abordagem qualitativa, que considera a ação do pesquisador em campo como parte explícita da produção de conhecimento (FLICK, 2004; SEVERINO, 2007; LÜDKE e ANDRÉ, 1986). Segundo Severino (2007), o termo *abordagem qualitativa* refere-se a conjuntos de metodologias, envolvendo, eventualmente, diversas referências epistemológicas e que deve ser usado preferivelmente ao invés de *pesquisa qualitativa* ou *metodologia qualitativa*, já que “não se está referindo a uma modalidade de metodologia particular” (p. 119).

Os pesquisadores Colin Lankshear e Michele Knobel (2008) também corroboram com a ideia de Flick (2004), Severino (2007) e demais autores em relação ao papel ativo do pesquisador na abordagem qualitativa. Para eles “o pesquisador é visto como alguém que produz efeitos diretos sobre o projeto, os resultados e as interpretações de um estudo” (LANKSHEAR e KNOBEL, 2008, p. 70). Afirmam que o pesquisador é visto como um instrumento de coleta de dados e, por isso, suas crenças, valores e os conhecimentos construídos por ele informam diretamente sobre o tipo de dados coletados. Sendo assim, na abordagem qualitativa, o pesquisador é também uma fonte de dados.

As autoras Menga Lüdke e Marli André (1986) referiram-se às abordagens qualitativas, descrevendo as especificidades da pesquisa qualitativa em Educação proposta por Bogdan e Biklen (1982, *apud* LÜDKE e ANDRÉ, 1986), na obra *A Pesquisa Qualitativa em Educação*. As autoras sintetizaram as cinco características básicas que configuram esse tipo de estudo, sendo elas:

- 1) O principal instrumento da pesquisa qualitativa é seu pesquisador e ela tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados. Como os fenômenos são muito influenciados pelo seu contexto, o pesquisador precisa manter um contato prolongado, direto e estreito com a situação na qual eles naturalmente ocorrem.

- 2) Os dados coletados são majoritariamente descritivos, incluindo a transcrição de relatos, depoimentos, entrevistas etc. Assim, todos os dados são considerados importantes.

3) A preocupação com o produto fica em segundo plano, sendo o processo considerado o principal. O pesquisador tem interesse em identificar como um determinado problema se manifesta nas atividades, procedimentos e interações do cotidiano.

4) O pesquisador dá especial atenção ao significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida. Ou seja, busca-se investigar a maneira como o informante encara a questão em voga.

5) O processo indutivo para a análise dos dados tende a ser seguido pelo pesquisador. Não busca evidências que comprovem hipóteses previamente definidas, mas isso não implica na inexistência de um quadro teórico que oriente a coleta de dados e que deem vida às discussões e conclusões.

Já para Anselm Strauss e Juliet Corbin (2008) há três componentes principais na pesquisa qualitativa: o primeiro são os *dados* que podem vir de diversas fontes, tais como entrevistas, documentos, questionários etc.; o segundo são os *procedimentos* que poderão ser usados para interpretar e organizar os dados, consistindo em *conceitualizar* e *reduzir* os dados, *elaborar* categorias e *relacioná-las* por meio de declarações preposicionais; e o terceiro e último componente são os relatórios *escritos* e *verbais* que podem ser apresentados como artigos, palestras, entre outros. Contudo, tanto Lüdke e André (1986) quanto Straus e Corbin (2008) reiteram a importância do pesquisador nas pesquisas qualitativas.

Airle Souza e Evandro Matos (2004) também fazem reflexões sobre a abordagem qualitativa e afirmam que nela “busca-se a compreensão particular daquilo que se estuda” (p. 220). Para os autores, na abordagem qualitativa “o foco da atenção do pesquisador se dirige ao específico e ao individual, abandonando as generalizações, os princípios e as leis, substituindo as correlações estatísticas em favor das descrições individuais” (p.220). Além disso, pontuam como importantes a intuitividade e a habilidade do pesquisador, podendo esse tipo de estudo ser considerado como um “empreendimento abrangente e multidimensional” (p. 220).

Encontrei também em Uwe Flick (2004) a base para o desenvolvimento desta pesquisa, pois, segundo o autor, “as subjetividades do pesquisador e daqueles que estão sendo estudados são parte do processo de pesquisa” (p. 22). Considerando essas orientações, a proximidade do pesquisador – no caso, a minha como diretora da creche –

em relação ao objeto pesquisado, foi muito importante na compreensão e análise das questões que o estudo empírico deixou transparecer. Portanto, foi com base nesses autores que se desenvolveu esta investigação qualitativa.

A pesquisa se construiu, inicialmente, pelo levantamento de posicionamento de autores sobre os temas centrais deste estudo, já que, como afirma Robert K. Yin (2015) “o caminho começa com uma revisão minuciosa da literatura e com a proposição cuidadosa e atenta das questões ou objetivos da pesquisa” (p. 3). O estudo empírico foi desenvolvido por meio de estudo de caso, considerando o processo vivenciado por mim, professores e famílias da creche.

Segundo Yin (2005),

Como estratégia de pesquisa, utiliza-se o estudo de caso em muitas situações, para contribuir com o conhecimento que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais, políticos e de grupo, além de outros fenômenos relacionados. [...] Em todas essas situações, a clara necessidade pelos estudos de caso surge do desejo de se compreender fenômenos sociais complexos. Em resumo, o estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos acontecimentos da vida real [...]. (YIN, 2005, p. 20).

O estudo de caso, por vezes, é considerado por alguns críticos como método menos rigoroso no que diz respeito à objetividade e precisão. Yin (2005), em resposta a essas críticas, argumenta que há várias maneiras de evidenciar a validade e a confiabilidade de um estudo de caso. Sendo assim, o estereótipo de que tal método é inferior em relação aos demais das ciências humanas deve ser problematizado, já que a impossibilidade de generalizações estatísticas não é argumento convincente para colocar em dúvida a validade de um estudo de caso (YIN, 2005).

Lüdke e André (1986) afirmam que os princípios do estudo de caso geralmente se subrepõem às características gerais da pesquisa qualitativa. Entre tais princípios destacam-se:

(a) o visionamento à descoberta;

(b) a ênfase na interpretação em contexto;

(c) a busca por retratar a realidade de forma completa e profunda e por representar os diferentes pontos de vista presentes numa situação;

(d) o uso de uma variedade de fontes de informação; e

(e) a utilização de uma linguagem e de uma forma mais acessível nos relatórios de pesquisa.

Afirmam, ainda, que “o estudo de caso ‘qualitativo’ [...] encerra um grande potencial para conhecer e compreender melhor os problemas da escola” (p. 23, 24), por isso, optei pelo mesmo.

Especificando o trajeto da minha pesquisa, iniciei um levantamento documental, o que se chama também de pesquisa bibliográfica (Severino, 2007); por meio dela busquei livros, artigos, teses, etc. que abordassem a temática. Para o desenvolvimento da pesquisa teórica bibliográfica sobre a Educação de crianças de 0 a 3 anos, incluindo os desafios da integração creche-família (Capítulo 2), utilizei como base os estudos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros: Júlia Oliveira-Formosinho (2007; 2013); Elionor Goldshmid (2006) e Urie Bronfenbrenner (1996; 2011) são exemplos desses últimos. Quanto aos primeiros destaco: Emilia Cipriano Sanches (2004); Zilma Oliveira (1998; 2010); Monica Appezato Pinazza (2004; 2005; 2007); Luciana Caetano e Solange Yaegashi (2014) e Cynthia Sarti (2004). Os autores citados possuem trabalhos reconhecidos no campo da Educação Infantil e/ou sobre a relação escola-família e demonstram considerar a criança, desde a mais tenra idade, como cidadã de direito, capaz de construir conhecimentos e intervir em seu meio.

Em relação à construção da pesquisa teórica bibliográfica sobre os usos da tecnologia digital nos contextos escolares (Capítulo 3) tomei como base os estudos de Vani Kenski (2005; 2007; 2008); Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida (2003; 2004; 2012); José Manuel Moran Costas (2000, 2003); Elenice Andersen (2013) e outros. Todos esses autores desenvolvem pesquisas na grande área das relações entre educação e tecnologias; possuem diversos trabalhos publicados e, mesmo os aposentados, continuam orientando teses e dissertações.

Quanto à pesquisa empírica, essa teve como base a elaboração de um questionário (*vide* “Anexo A”) a partir dos aportes teóricos pesquisados e entrevistas (*vide* “Anexos C e E”) com famílias e professoras. Esse questionário tinha ao todo nove perguntas, sendo as sete primeiras perguntas fechadas e as duas últimas perguntas abertas. Ele foi impresso e encaminhado a todas as 87 famílias das crianças matriculadas na creche; o prazo para a devolução do questionário foi de uma semana. As análises das respostas a esse documento bem como das entrevistas foram consideradas mediante a realização de análise de conteúdo (BARDIN, 1977; LANKSHEAR e KNOBEL, 2008) e trouxeram uma visão abrangente do posicionamento das famílias e das professoras em relação à integração creche-família, virtualmente mediada.

Sob a ótica de Laurence Bardin (1977), a análise de conteúdo “é um método muito empírico, dependente do tipo de ‘fala’ a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objectivo” (p. 30 e 31; mantida escrita original). A autora afirma que “não existe o pronto-a-vestir em análise de conteúdo” (p. 31), nem por isso inexistem algumas regras de base. Para ela, o pesquisador precisa reinventar a técnica da análise de conteúdo a cada momento, adequando-a aos objetivos pretendidos em sua investigação. No caso, o meu objetivo geral consistia em analisar o uso das tecnologias para facilitar a integração creche-família.

Os autores Lankshear e Knobel (2008), por sua vez, afirmam que “a análise de conteúdo é frequentemente uma opção atrativa para a análise de dados escritos porque é bem adequada para lidar com grandes quantidades de dados e para comparar vários textos” (p. 275). Nesta pesquisa, os dados escritos foram provenientes do questionário respondido pelas famílias e das transcrições das entrevistas com famílias e professoras, conforme indicam Lüdke e André (1986). Além disso, a análise de conteúdo é um método que “usa um conjunto de procedimentos para extrair inferências válidas do texto” (WEBER, 1985, p. 9, *apud* LANKSHEAR e KNOBEL, 2008, p. 274) e que supõe que o uso frequente de determinadas palavras ou expressões “transporta informações sobre visões de mundo, ideologias e contextos sociais da época em que o texto foi produzido” (LANKSHEAR e KNOBEL, 2008, p. 275). Após a análise dos questionários e entrevistas, por exemplo, foi possível identificar que as famílias e as educadoras estão imersas na cultura digital e que almejam estabelecer interações *online* entre si e com a creche também.

Conforme afirma Severino (2007), o estudo de caso “se concentra no estudo de um caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo” (p. 121). De modo particular, esta pesquisa se concentrou na creche em que atuo, na cidade de São Bernardo, e os participantes das entrevistas foram professoras e os familiares das crianças atendidas. Portanto, a pesquisa que desenvolvi trilhou os caminhos da abordagem qualitativa e do estudo de caso, tendo seus dados considerados à luz da análise de conteúdo.

1.1. Apresentando a creche onde se desenvolveu a pesquisa

A creche municipal na qual esta pesquisa foi desenvolvida localiza-se na cidade de São Bernardo do Campo, Região Metropolitana de São Paulo (Figura 1). Atende cerca de noventa crianças, de segunda à sexta-feira, das 7h30 às 17h30. O número de crianças de 0 a 3 anos matriculadas na creche oscila um pouco ao longo do ano, principalmente por conta de liminares judiciais que obrigam a matrícula das crianças mesmo sem haver vaga. Durante os meses em que se desenvolveu a pesquisa especificamente com as famílias, a saber, novembro e dezembro de 2016, havia oitenta e sete crianças matriculadas.

As crianças atendidas pela creche são divididas em cinco turmas, conforme a faixa etária. Cada turma conta com duas professoras⁶. Ambas são profissionais concursadas e têm uma jornada de 40h de trabalho semanal, divididas entre regência e planejamento individual e coletivo. Uma é responsável por desenvolver as atividades com as crianças no período da manhã e a outra no período da tarde, sempre com o apoio de um auxiliar em educação⁷. Nesta pesquisa somente uma das professoras de cada faixa etária foi entrevistada.

⁶ ou professores, o que é mais raro em se tratando de educação da primeira infância, por isso, usarei o vocábulo no feminino

⁷ O Estatuto e Plano de Carreira dos Profissionais do Magistério e Servidores da Educação Básica do Ensino Público Municipal de São Bernardo do Campo/SP, Lei 6.316/2013, determina que o Auxiliar em Educação possua o Ensino Médio e, entre outras coisas, auxilie o professor nas atividades escolares, execute cuidados básicos de vida diária e prática do cotidiano dos educandos na alimentação, higiene pessoal e locomoção e acompanhe o educando nos cuidados pessoais, auxiliando-o para uso do banheiro, efetuando troca de fraldas, banho e escovação bucal.

Figura 1 – Localização do município de São Bernardo do Campo/SP

Fonte: IBGE. Elaboração: PMSBC/Secretaria de Orçamento e Planejamento Participativo

O Projeto Político-Pedagógico⁸ (PPP) de 2016 da creche em questão indica que a mesma se situa em um bairro próximo ao centro da cidade. Nas redondezas existem outras duas creches municipais que atendem crianças da mesma faixa etária; três escolas municipais de Educação Infantil – pré-escola – que atendem crianças de 3 a 5 anos; uma escola municipal de Ensino Fundamental I e duas escolas estaduais de Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

No entorno da creche há um posto policial, banca de jornal, algumas oficinas mecânicas, minimercados, bazares, açougue, farmácia, centro cultural, Unidade Básica de Saúde (UBS) e um Shopping Center. Em um raio de cerca de 2 km da creche, há um hipermercado, um terminal metropolitano de ônibus e trólebus, um corpo de bombeiros e outros comércios locais. A avenida onde fica a creche é bem movimentada, apesar de estreita, e serve como rota para motoristas que optam por caminhos alternativos por dentro dos bairros aos principais corredores da cidade.

Há poucas áreas de lazer para a comunidade local. O centro cultural do bairro conta com apenas uma quadra coberta que é utilizada pela população local para atividades dirigidas, como ginástica para a terceira idade, ou atividades livres. Não há playgrounds para as crianças. Em relação aos aspectos que precisam de maior atenção pelos órgãos competentes, as famílias apontaram no PPP 2016: a falta de segurança pública, a deficiência de sinalização e excesso de trânsito e, por último, a sujeira observada nas ruas do bairro.

O documento também afirma que a faixa etária dos pais das crianças matriculadas flutua entre os 26 e 35 anos, aproximadamente. A maior parte desses pais concluiu o ensino médio, mas há alguns poucos que não concluíram o Ensino Fundamental e um número ainda menor que concluiu o Ensino Superior.

A estrutura física completa da creche pode ser observada no Quadro 3.

⁸ O Projeto Político-Pedagógico é um documento construído a partir da participação coletiva da comunidade escolar. Ele é revisado anualmente e norteia o fazer pedagógico da instituição.

Quadro 3 – Descrição dos espaços físicos da creche

Espaços	Quantidade	Observações
Salas de Aula	5	Sala 1 – Turma Infantil I B Sala 2 – Turma Infantil II A Sala 3 – Turma Infantil II B Sala 4 – Turma Infantil I A Sala 5 – Turma Berçário
Banheiro adaptado para as crianças de 2 a 3 anos	1	Com vasos sanitários pequenos e baixos, 3 trocadores e 2 chuveiros para uso em caso de necessidade
Banheiro para banho e troca dos bebês de 7 meses a 1 ano e 4 meses	1	Anexo à sala do berçário
Diretoria	1	Sala específica da diretora escolar
Secretaria	1	Sala específica para atendimento à comunidade e arquivo de documentos administrativos
Coordenação Pedagógica	1	Sala específica da Coordenadora Pedagógica
Banheiro feminino	1	Para uso da comunidade
Banheiro masculino e para portadores de deficiência	1	Para uso da comunidade
Banheiro para uso dos funcionários	2	1 feminino e 1 masculino
Almoxarifado externo	1	
Almoxarifado interno	1	
Pátio coberto	1	Utilizado como refeitório
Sala de reuniões	1	Conta com um computador com acesso à internet
Ateliê de artes	1	Espaço com materiais diversos para atividades de Artes
Biblioteca escolar	1	Espaço adaptado devido às medidas do local
Cozinha com despensa	1	
Lactário	1	Usado pelos funcionários como local de apoio durante o almoço
Lavanderia	1	
Parque (playground)	1	Tanque de areia com brinquedos de madeira para playground
Solário	1	Espaço com brinquedos de plástico para playground
Áreas ao ar livre destinadas às atividades físicas e recreativas	2	Localizadas na entrada e nos fundos da creche
Casinhas de boneca – em madeira	2	Para brincadeira simbólica
Canteiros para horta	3	Localizados em uma das laterais da creche

Fonte: A autora, com base no PPP 2016 da creche pesquisada.

Essa instituição escolar funciona desde 1992 e passou por algumas reformas até chegar à configuração física descrita no Quadro 3. Percebe-se que a creche tem uma estrutura básica de atendimento às crianças e suas respectivas famílias com alguns diferenciais, como os canteiros para horta e o ateliê de artes.

1.2. Apresentando as professoras que participaram da entrevista

As professoras que participaram da entrevista tiveram seus nomes preservados. Os critérios para selecioná-las foram o de ter uma professora que representasse cada faixa etária atendida pela creche e aceitação pessoal ao convite verbal desta pesquisadora. Elas foram identificadas como Professora A, Professora B e Professora C e atuavam, respectivamente, nas turmas de Berçário (crianças de 7 meses a 1 ano e 4 meses), Infantil I (crianças de 2 anos) e Infantil II (crianças de 3 anos) no ano de 2016. Todas elas são professoras concursadas de Educação Básica do município de São Bernardo e possuem mais de cinco anos na profissão.

A Professora A tem 38 anos de idade, nasceu em Diadema/SP, é casada e tem dois filhos. Trabalha na Rede Municipal de São Bernardo há nove anos e sempre atuou com a faixa etária do 0 aos 3 anos. Cursou Pedagogia e fez duas pós-graduações *lacto sensu*: – “A arte de contar Histórias” e “Ludopedagogia”. Já trabalhou como vendedora de loja de departamento e cursou auxiliar de enfermagem antes de entrar na faculdade de Pedagogia.

A Professora B tem 27 anos de idade, nasceu em São Paulo, está noiva e não tem filhos. Ela passou no concurso público de professora em São Bernardo há pouco mais de dois anos e, contando com o período de estágio, já trabalha na profissão há uns 6 ou 7 anos, não soube precisar. Também é formada em Pedagogia e fez pós-graduação *lactu sensu* em “Alfabetização e Letramento”.

A Professora C, por sua vez, tem 40 anos de idade, nasceu em São Bernardo do Campo, namora e também não tem filhos. Entre as professoras que aceitaram participar da entrevista, ela é a que tem mais tempo de atuação no magistério, ou seja, 17 anos. Nesse ínterim, ela foi coordenadora pedagógica, trabalhou por 13 anos no Programa de Laboratório de Informática e Tecnologia da Informação em São Bernardo do Campo e nos últimos dois anos optou por atuar na creche. Também é formada em Pedagogia e possui

pós-graduações *lactu sensu* em “Educação, Comunicação e Tecnologias em Interfaces Digitais” e em “Design Instrucional”.

As professoras A e B responderam à entrevista no ambiente da creche, mas fora de seus respectivos horários de trabalho. A Professora C preferiu responder à entrevista via *Skype*⁹ também fora de seu horário de trabalho.

1.3. Apresentando as mães e o pai que participaram da entrevista

As mães e o pai que participaram da entrevista também tiveram suas identidades preservadas. Os critérios para selecioná-los foram: (a) ter respondido com mais detalhes ao questionário previamente enviado às famílias; (b) representatividade das faixas etárias atendidas pela creche; e (c) aceitação ao convite verbal desta pesquisadora. Todos os responsáveis responderam à entrevista no ambiente da creche, no período de entrada ou de saída de seus filhos.

As mães e o pai entrevistados também foram identificados por letras do alfabeto, como as professoras, e representam as mesmas turmas. Assim, o Pai A representa a turma do Berçário, como a Professora A. A Mãe B representa a turma de Infantil I, como a Professora B. E a Mãe C representa a turma de Infantil II, como a Professora C. Seus filhos frequentaram as respectivas turmas no ano de 2016.

O Pai A tem 40 anos, nasceu em São Bernardo do Campo, é casado e tem dois filhos. Trabalha com transporte particular e tem um horário mais flexível do que a esposa, por isso, assumiu a responsabilidade de levar sua criança à creche quase que diariamente. Concluiu o Ensino Médio e geralmente participa das atividades propostas pela creche que incluem as famílias.

A Mãe B tem 40 anos, nasceu em Brasília/DF, é casada e mãe de três filhos, sendo que o menor é o que está matriculado atualmente na creche. Os filhos mais velhos também frequentaram a mesma creche que o irmão e a mãe diz ter um carinho especial pela instituição que a ajudou a cuidar de seus filhos. Ela tem o Ensino Superior completo e

⁹ *Software* que permite comunicação pela internet através de conexão de áudio e vídeo.

trabalha com personalização de brindes e lembrancinhas; tem uma pequena loja no mesmo bairro da creche.

A Mãe C tem 28 anos, nasceu na cidade de Umari, Estado do Ceará; também é casada e tem uma filha. Ela é uma das cozinheiras da creche e trabalha na função há mais de cinco anos. Possui o Ensino Médio completo e participa dos órgãos colegiados da instituição [(Associação de Pais e Mestres – (APM) – e Conselho de Escola – (CE)].

Os filhos desses representantes conseguiram a vaga na creche ainda bebês (7 meses). A filha da Mãe C foi transferida para outra escola municipal no início de 2017, pois sua faixa etária já não era mais contemplada pela creche. O filho da Mãe B está em seu último ano de creche durante 2017 e o filho do Pai A continuará na instituição até o final de 2018.

Os Capítulos 2 e 3 a seguir apresentam o referencial teórico desta pesquisa.

Capítulo 2

A Educação de Crianças de 0 a 3 anos

2.1. Mudanças na sociedade e suas implicações na Educação de crianças de 0 a 3 anos

A sociedade deste século XXI tem vivenciado o uso massivo das tecnologias digitais (KENSKI, 2007; 2008) e tem demonstrado preocupação com a educação, entre outras coisas, devido às necessidades resultantes de tal uso, que exigem mais conhecimento e formação das pessoas (DALCORSO, 2015). Políticas públicas, ainda que precárias no que tange a sua concretização, vem priorizando a universalização do Ensino Fundamental e um pouco mais de acesso ao Ensino Superior¹⁰. Entretanto, há uma etapa da educação que ainda requer investimentos, tanto financeiros e políticos quanto de pesquisas; essa etapa é a Educação Infantil, mais especificamente a educação de crianças de 0 a 3 anos (FERRAZ, 2011).

Em muitos países, inclusive europeus, é a palavra *creche* que indica a etapa de educação das crianças dessa faixa etária. A pesquisadora Zilma Oliveira (1998) afirma que o vocábulo *creche* vem do francês *crèche* e significava manjedoura, associando-se ao simbolismo cristão de dar abrigo a um bebê necessitado. Ao longo do tempo essa ideia foi se modificando e atualmente os educadores dessas instituições tendem a considerá-la como espaço educativo privilegiado. No trecho a seguir, Oliveira (1998) descreve as alterações históricas nas funções da creche.

É relativamente recente conceber a creche como tendo uma tarefa principalmente educativa. Foi preciso todo um movimento histórico que possibilitou mudanças significativas na forma de conceber a criança, o modo como ela se desenvolve e as funções da família. A creche teve que superar a visão assistencial com que era

¹⁰ O Plano Nacional de Educação – PNE – (Lei nº 13.005, de 25/jun/2014), com vigência por dez anos a partir de sua publicação, traz vinte metas para a Educação Nacional. Destas, seis estão voltadas para o Ensino Fundamental e Ensino Superior e somente uma trata da Educação Infantil, ou seja, a Meta 1, cujo texto transcrevo na íntegra: “universalizar, até 2016, a educação infantil na pré-escola para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade e ampliar a oferta de educação infantil em creches de forma a atender, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das crianças de até três anos até o final da vigência deste PNE.”

identificada. Os próprios educadores, mais voltados para a escola de primeiro, segundo e terceiros graus, apenas recentemente passaram a discutir a creche e construir concepções do que seria uma instituição educacional que trabalhasse com crianças desde o primeiro ano de vida por um longo período diário. (OLIVEIRA, 1998, p. 14).

As modificações e conquistas vividas pela creche são frutos de um longo caminho. A Constituição Brasileira promulgada em 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB 9394/96) são as legislações que incluem a educação de crianças de 0 a 3 anos no cenário da Educação Básica do país, até mesmo em termos de financiamento. Apesar da garantia legal do atendimento aos pequenos, em creches e pré-escolas, ainda há desafios a serem superados, tais como ampliar o acesso e a qualidade dessa etapa da educação (FERRAZ, 2011) e estabelecer relações mais horizontais e de parceria com as famílias.

A horizontalidade da relação creche-família se configura como um desafio porque historicamente essa instituição só objetivava oferecer assistência de cuidados às crianças das famílias economicamente menos favorecidas (OLIVEIRA, 1998). Não existia a intencionalidade de um trabalho educativo com os pequenos, muito menos a preocupação de se estabelecer parcerias com as famílias. As mulheres, socialmente consideradas como as principais responsáveis pela educação e guarda da prole (OLIVEIRA, 1998), precisaram ingressar no mercado de trabalho para o sustento da própria família; sem ter com quem deixar suas crianças, as mães buscavam nas creches o apoio de guarda e cuidado de seus filhos enquanto estavam ausentes de casa.

Oliveira (1998) afirma que as modificações do papel da mulher e sua repercussão no âmbito familiar se entrelaçam com a história da creche. Para a autora:

[...] Essas modificações inserem-se no conjunto complexo de fatores contraditórios presentes na organização social, com suas características econômicas, políticas e culturais. Em especial, a creche deve ser compreendida dentro de um contexto social que inclui a expansão da industrialização e do setor de serviços, ao mesmo tempo em que a urbanização se torna cada vez maior. (OLIVEIRA, 1998, p. 17).

A pesquisadora portuguesa Júlia Oliveira-Formosinho (2013) comparte essa mesma ideia. Ao introduzir o tema da participação e da diversidade na Educação em Creche, ela faz um breve resgate histórico das constituições familiares nos séculos anteriores ao advento da industrialização, ou seja, antes do século XIX, e discorre sobre as

transformações do século XX que fundamentam a afirmação de Oliveira (1998). Assim, Oliveira-Formosinho aponta que:

Na segunda metade do século XX, na sequência da Primeira Guerra Mundial e, sobretudo, da Segunda Guerra Mundial, há uma aceleração das transformações económicas e tecnológicas e a consequente aceleração das transformações sociais – a necessidade económica de aumento da mão de obra induz a necessidade do trabalho feminino. Há, assim, mais emprego feminino e emprego cada vez mais longe de casa. À necessidade social e económica do trabalho feminino (inicialmente no meio operário, depois também na classe média), acrescenta-se a crescente emancipação das mulheres e consequente asserção do trabalho feminino como realização pessoal e profissional como exercício dos direitos cívicos, nos quais se inclui o direito ao trabalho. A grande maioria das famílias precisa de uma instituição que assegure a guarda segura dos seus filhos enquanto os pais trabalham. (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2013, p. 9; grafia original).

Lenira Haddad (1991) também corrobora com esse breve levantamento histórico da creche. Segundo seus estudos, essas instituições surgiram no século XIX nos países norte-americanos e europeus, chegando ao Brasil no início do século XX. A autora afirma que isso ocorreu “acompanhando a estruturação do capitalismo, a crescente urbanização e a necessidade de reprodução da força de trabalho composta por seres capazes, nutridos, higiênicos e sem doenças” (p. 24). Em outras palavras, Haddad (1991) explicita que as creches foram criadas aqui no Brasil para suprir uma necessidade econômica e social, como falaram as pesquisadoras anteriores, mas não necessariamente citaram o Brasil.

Contudo, como indica Emilia Cipriano Sanches (2004), “em todo o mundo, inclusive nos países subdesenvolvidos, reconhece-se, hoje, a criança como cidadã de direito, o que vem gerando substantivas mudanças” (p. 14). Tais mudanças ocorrem não somente no âmbito da concepção de criança, mas também de educação infantil. Cada vez mais, as creches estão sendo consideradas parceiras não só no cuidado como também na educação das crianças pequenas, responsabilidades outrora somente da família, ou, mais especificamente, das mães.

Pinazza (2004) valida a ideia de Sanches (2004) ao afirmar que “a criança passou a ser vista em suas possibilidades físicas, cognitivas, afetivas e sociais, sendo considerada um ser ativo, capaz de [...] alcançar, progressivamente, a autonomia” (p. 371). Para a pesquisadora, os papéis do Estado e da Sociedade foram redimensionados no que cerne às formulações de políticas públicas por conta dessa nova concepção de criança. Sendo assim, a legislação atual “prevê a participação dos órgãos governamentais não só na criação e

manutenção de creches e pré-escolas, mas também no fornecimento de meios concretos às famílias para que possam compartilhar, efetivamente, da formação de seus filhos” (p. 372).

Portanto, a educação das crianças de 0 a 3 anos que frequentam creche não deve ser desmerecida. Os bebês e as crianças pequenas requerem cuidados específicos e, na atual circunstância, somente a família ou somente a instituição de educação infantil não conseguirá suprir todos eles. Faz-se necessário um trabalho conjunto de ambas as esferas para atender, adequadamente, os pequeninos.

2.2. A importância do Cuidar e Educar e dos Contextos Integrados na Educação de crianças de 0 a 3 anos

As crianças de 0 a 3 anos estão numa fase peculiar do desenvolvimento e devem ser consideradas como cidadãs de direito (KRAMER, 1994; SANCHES, 2004; PINAZZA, 2004; OLIVEIRA, 2010). O atendimento ofertado a essa faixa etária “deve ser de qualidade, garantindo seu direito à igualdade e ao efetivo exercício da cidadania” (SANCHES, 2004, p. 16). Sem essa premissa, a creche tende a perpetuar-se somente como um espaço de cuidados aos pequenos, sem a perspectiva educacional. Contudo, tal perspectiva deve ser compartilhada entre a creche e a família com o objetivo de atender a criança em todos os aspectos de seu desenvolvimento.

Nessa faixa etária as interações e experiências vivenciadas são fundamentais para a aprendizagem. Quanto mais oportunidades de interação e vivências a criança tiver, maiores serão os conhecimentos que ela construirá e, conseqüentemente, maior desenvolvimento ela alcançará. No excerto abaixo, a pesquisadora Oliveira-Formosinho (2013) explica a importância das interações para as crianças pequenas vislumbrando, até mesmo, uma mudança de vida para aquelas que recebem as intervenções adequadas.

Investigações mais recentes desenvolvidas pelas ciências do cérebro informam-nos que a qualidade dos cuidados e das interações nos primeiros meses de vida de uma criança são cruciais para quase todos os aspectos da aprendizagem e desenvolvimento. Os primeiros anos representam uma janela de oportunidade para uma intervenção que pode fazer a diferença na vida das crianças, podendo ajudar a quebrar os ciclos de pobreza intergeracional que tendem a reproduzir-se. (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2013, p. 10).

Entretanto, a responsabilidade de realizar intervenções adequadas não pode ficar a cargo somente da creche. Como já vimos, a história da mesma se mistura à história da inserção da mulher no mercado de trabalho por conta da expansão da industrialização e do sistema capitalista. Mesmo com tal inserção, apesar de todas as dificuldades, o papel da família em relação aos cuidados e à educação dos filhos precisa continuar sendo exercido. As autoras Luciana Caetano e Solange Yaegashi (2014) traduzem bem essa corresponsabilidade entre escola e família no processo de formação das crianças.

A divisão de responsabilidades entre as relações família e escola é inerente ao processo de formação do indivíduo. Não há como compreender o processo de desenvolvimento psicológico de uma criança, sem levar em consideração os contextos familiar e escolar. O início do processo de socialização da criança pequena acontece na família, e a forma como os pais se relacionam já com bebês de 0 a 2 anos influencia positivamente ou não nas habilidades cognitivas, afetivas e sociais da criança. (CAETANO e YAEHASHI orgs., 2014, p. 14).

Por outro lado, como a creche teve em suas raízes prioridade no cuidar, algumas vezes como substituta da família, faz-se urgente repensar sua concepção e práxis. As pesquisas de Haddad (1991) elucidam a questão da creche como instituição responsável somente pelo cuidar das crianças pequenas. O trecho a seguir é relativamente longo, mas traduz a fase inicial da creche, ou seja, suas raízes no cuidar. Compreendendo o passado, podemos pensar o presente e planejar, com maior qualidade, o futuro, por isso a importância de se conhecer tais raízes.

[...] a existência de creches só se justificava para atender a necessidade de mulheres viúvas ou abandonadas, que tinham de trabalhar por não terem outra alternativa, ou atender filhos de mulheres julgadas mães incompetentes. A creche, portanto, não legitimava a condição da mulher trabalhadora, devendo evitar e prevenir a desorganização familiar.

Provém dessa fase inicial sua vinculação à pobreza, ao abandono e às sociedades de proteção à infância. Um vínculo marcado pela tarefa de moralizar as vidas das famílias atendidas, estabelecendo com elas uma relação de favor e salientando sua incompetência em arcar com as responsabilidades junto aos filhos. Por atuar desde sua origem num campo que não lhe era legítimo, a existência da creche tem se justificado como um paliativo, não se configurando enquanto instituição permanente, que necessita de recursos próprios para sobreviver.

[...]

A história nos revela que enquanto a creche esteve vinculada à ideia da falta de família, seguiu modelos de funcionamento de acordo com os padrões de família e maternidade que foram sendo propostos pelas diversas profissões que se desenvolviam: serviço social, medicina higienista, psiquiatria, psicologia e pedagogia, entre outras. (HADDAD, 1991, p. 25-26).

Em contrapartida, no final de sua explanação acerca da história da creche, Haddad (1991) expõe o seguinte:

Nos últimos anos, a questão da creche teve um avanço considerável no País. A reivindicação por creches e pré-escolas como um direito à educação da criança de todas as camadas sociais passou a ser defendida por vários setores da sociedade, tais como: grupos ligados aos movimentos populares, representantes de conselhos da condição feminina, a comunidade acadêmica, bem como profissionais que atuam nos programas pré-escolares.

[...]

A inclusão da creche no sistema educativo abre importantes perspectivas ao avanço de propostas que reconheçam as necessidades específicas das crianças nos programas destinados à faixa etária de 0 a 6 anos. Primeiro porque representa um grande passo para a superação do caráter assistencialista predominante nos programas destinados a essa faixa etária. Segundo, porque cria a necessidade de formulação de uma política nacional, estabelecendo diretrizes básicas para a implantação e desenvolvimento de programas de creches e pré-escolas no Brasil. Terceiro, porque corresponde a um princípio que vem sendo defendido por áreas ligadas ao movimento de mulheres, ou seja: a educação através da creche e pré-escola vinculada aos direitos da criança e não da mãe trabalhadora ou da família pobre, fator tradicionalmente responsável por negligenciar as características específicas das crianças nesses programas. (HADDAD, 1991, p. 32).

A concepção de creche foi se alterando ao longo dos anos. Desde a publicação dos estudos aqui referendados de Haddad (1991) até a presente data se passaram quase três décadas e nesse ínterim a sociedade vivenciou mudanças. Ou seja, apesar de estar marcada na história a trajetória da creche como local somente de cuidados à criança, atualmente ela é concebida como um espaço educativo no qual os pequenos podem interagir uns com os outros e com os adultos e construir conhecimentos, sem que seus educadores deixem de lado os cuidados com a saúde ou higiene, por exemplo.

Conforme nos aponta Sanches (2004), a Carta Magna do Brasil, a Constituição de 1988, garante que a creche é um direito da criança e dos pais e um dever do Estado. Sendo assim, ela precisa ser concebida “como uma instituição educativa, responsável, com as famílias, pelo desenvolvimento da criança” (p. 17). Além disso, a autora registra que outras legislações brasileiras também subsidiam o direito da criança pequena à educação, conforme trecho a seguir.

No Brasil, a Constituição de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 concebem a Educação Infantil (0 a 6 anos) como a primeira etapa básica, oferecida nas creches e pré-escolas. Estas se diferenciam entre si exclusivamente pela faixa etária das crianças, desempenhando as funções básicas de educar e cuidar de crianças até 7 anos, de modo integrado e complementar à família e comunidade (LDB). (SANCHES, 2004, p. 14-15).

A publicação das pesquisadoras Alessandra Arce e Ligia Martins (2009) versa sobre o ensino aos pequenos de 0 a 3 anos. Tal publicação foi prefaciada por Derneval

Saviani, autor renomado na área da Educação. No referido prefácio, ele corrobora com a ideia desenvolvida por Sanches (2004) ao citar alguns artigos da Constituição de 1988 e da LDB, enfatizando que cabe aos municípios o acompanhamento sistemático da Educação Infantil.

Uma expressiva conquista dos movimentos populares foi a inscrição na Constituição de 1988 do dispositivo contido no inciso IV do Art. 208 assegurando “atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade”. Com isso essa faixa etária também foi contemplada pelo disposto no Art. 205 que define a educação como “direito de todos e dever do Estado”. Por fim, a nova LDB, aprovada em 20 de dezembro de 1996, definiu a educação infantil como a primeira etapa da educação básica (art. 29), devendo ser oferecida em “creches, ou entidades equivalentes, para crianças até três anos de idade” e em “pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade” (art. 30). E a colocou sob a responsabilidade do município ao qual cabe, também, autorizar o funcionamento, reconhecer e fiscalizar as escolas de educação infantil mantidas por entidades particulares. (Prefácio de Dermeval Saviani; ARCES e MARTINS orgs., 2009, p. 8-9).

As concepções de criança do mundo atual somada à legislação brasileira asseguram que as creches são espaços de caráter educativo. Como tais, necessitam, entre outras coisas, de profissionais devidamente formados e capacitados, de planejamento, de momentos para formação e reflexão da equipe, de avaliação e da participação das famílias. As questões do cuidar e do educar não podem estar dissociadas, pois são intrínsecas ao desenvolvimento das crianças. Desse modo, família e creche precisam se auxiliar de forma mútua, assegurando que seus pequenos sejam devidamente cuidados e ensinados.

Cabe aqui uma explicação sobre o “ensinar” no âmbito da creche. Diferentemente do que pode parecer, a ideia central não é antecipar a escolarização e/ou alfabetização/letramento das crianças, nem tão pouco prepará-las para esse momento. Antes, implica planejar de forma sistemática o trabalho pedagógico que será desenvolvido com o intuito de proporcionar as mais diferentes vivências às crianças de 0 a 3 anos. Dessa forma, elas poderão construir novas aprendizagens. A esse respeito Oliveira (2010) faz os seguintes apontamentos:

[...] novas perspectivas com respeito ao ensinar consideram que há uma construção de significações (afetos e conhecimentos) por parte da criança desde o nascimento, mediada por parceiros mais experientes, em situações que [...] constituem uma relação de *en-sinar*, ou seja, de apontar signos. Supera-se, assim, a tradicional definição do ensino como prática associada à transmissão de conceitos, geralmente elaborados dentro de disciplinas acadêmicas. (OLIVEIRA, 2010, p. 25-26, grifo da autora).

[...] Creches e pré-escolas não devem nem substituir a família nem antecipar práticas tradicionais de escolarização. [...] a creche e a pré-escola devem se encarregar de educar meninos e meninas provenientes de diferentes culturas, levando-as em conta para poder articular convenientemente os diversos contextos de vivência e desenvolvimento. (OLIVEIRA, 2010, p. 38-39).

Além disso, a autora reafirma, sob o prisma das Diretrizes de 1999, a saber, Parecer CNE/CEB nº 22/98 e Resolução CNE/CEB nº 01/99, a questão indissociável do cuidar e do educar.

Tais Diretrizes trataram o cuidar e o educar como aspectos indissociáveis e defenderam uma concepção de criança como sujeito ativo que interage com o mundo por meio da brincadeira e principalmente como alguém com direito a viver sua infância; daí as preocupações, manifestas no parecer, em combater a antecipação de rotinas e práticas características do Ensino Fundamental para orientar o trabalho com as crianças pequenas. (OLIVEIRA, 2010, p. 119).

Por outro lado, como a família é a primeira instituição responsável por acolher as crianças e, segundo Urie Bronfenbrenner (2011), constitui-se como “o coração do nosso sistema social”, ela é considerada como um contexto essencial para a formação humana. O autor expõe a importância da família afirmando que “de todos os contextos que nos ajudam a sermos humanos, a família fornece as condições de desenvolvimento mais importantes: o amor e o cuidado que uma criança necessita para se desenvolver com sucesso” (p. 279). Aponta que outros contextos como a creche ou a igreja também são importantes para o desenvolvimento dos pequenos, contudo, “*a família é o mais humano, o mais poderoso e o sistema mais econômico conhecido para tornar e manter os seres humanos mais humanos*” (p. 279; grifo do autor).

Bronfenbrenner (1996; 2011) mostrou a importância da inter-relação dos níveis ecológicos, concebidos como sistemas entrelaçados, em seu livro clássico de 1979/1996, *A ecologia do desenvolvimento humano* e fez uma espécie de revisão de tais sistemas na obra *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos*, datado de 2011. Bronfenbrenner (2011) revisou as definições de *microssistema* e de *macrossistema*, cujos acréscimos são apresentados em itálico, mas manteve as definições de *mesossistema* e de *exossistema* explicitados em sua obra de 1979, como mostram os excertos a seguir.

Um *microssistema* é um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciadas pela pessoa em desenvolvimento nos contextos nos quais estabelece relações face a face com suas características físicas e materiais, e

contendo outras pessoas com distintas características de temperamento, personalidade e sistemas de crenças.

[...] O *mesossistema* compreende as ligações e os processos que ocorrem entre dois ou mais ambientes, os quais contêm a pessoa em desenvolvimento (p. ex., as relações entre casa e escola, escola e local de trabalho). Em outras palavras, o mesossistema é um sistema formado por microssistemas.

O *exossistema* engloba as ligações e os processos que ocorrem entre dois ou mais contextos, nos quais pelo menos um deles não contém ordinariamente a pessoa em desenvolvimento, mas nele ocorrem eventos que influenciam os processos no contexto imediato a que essa pessoa pertence (p. ex., para uma criança, a relação casa e local de trabalho dos pais; para os pais, a relação entre a escola e a vizinhança).

[...] O *macrossistema* consiste no padrão global de características do micro, meso e exossistema de determinada cultura, subcultura ou contexto social mais amplo, em particular os sistemas instigadores de desenvolvimento de crenças, recursos, riscos, estilos de vida, oportunidades estruturais, opções de curso de vida e os padrões de intercâmbio social que são imersas em cada um desses sistemas. O macrossistema pode ser definido como um modelo social para determinada cultura, subcultura ou outro contexto mais amplo. (BRONFENBRENNER, 2011, p. 176-177; grifos do autor).

Em relação aos contextos integrados supracitados, Bronfenbrenner (2011) diz que essas palavras que ele “costumava usar em *A ecologia do desenvolvimento humano* (1979/1996) foram, algumas vezes, substituídas em meus escritos por uma linguagem mais geral, como *sistemas interconectados*” (p. 41; grifos do autor). O pesquisador compara tais sistemas integrados, ou sistemas interconectados, a um conjunto de bonecas russas, conforme explicita o trecho a seguir:

Como um conjunto de bonecas russas, os contextos do desenvolvimento humano funcionam um encaixado no outro, cada um expandindo em direção ao maior, mas também contendo o menor. Os contextos também influenciam e são influenciados simultaneamente uns pelos outros. Assim, o contexto familiar se encaixa dentro do bairro; o contexto do bairro, no contexto maior da cidade, do trabalho e do governo; e todos os contextos dentro do amplo contexto da cultura. Qualquer fator que influenciar algum contexto maior influenciará, também a unidade mais íntima, a família [...]. (BRONFENBRENNER, 2011, p. 278).

Bronfenbrenner (2011) também afirma que há dois contextos que representam as principais atividades para a sobrevivência humana, sendo eles o trabalho e a família. “O trabalho serve como meio para transformar o nosso ambiente” (2011, p. 278) e “são os pais que nos mostram como os ambientes podem ser modificados e, assim, nos preparam para o mundo do trabalho” (2011, p. 278). Contudo, o autor reconhece que a família enfrenta vulnerabilidades e que depende de contextos mais amplos para conseguir exercer a contento seu papel social.

[...] a família não existe sem vulnerabilidades. Para um alcance maior do que temos imaginado previamente, a capacidade de funcionamento efetivo da família, criando e sustentando a competência e o comprometimento dos seres humanos, depende do apoio do outro, nos contextos mais amplos. Cada apoio social [...] ou a falta de apoio diminuem a unidade social mais íntima, a família, determinando a confiança ou o estresse que os pais levam para suas relações com seu filho. Mesmo a redução da interação resultante do estresse e das exigências do trabalho podem prejudicar a qualidade e a eficácia do vínculo entre pais e filhos. (BRONFENBRENNER, 2011, p. 280).

Um dos “contextos mais amplos” a que o texto acima se refere pode ser o contexto escolar, ou, mais especificamente na educação de crianças de 0 a 3 anos, o contexto da creche, que é regida por uma política pública previamente estabelecida. Esses dois contextos socializadores, a família e a creche, exercem influências diretas no desenvolvimento de uma criança. Se ambos os contextos não estabelecerem uma boa comunicação e se não estiverem bem integrados, a criança acabará sofrendo as consequências, pois, como ser em formação, depende que os adultos responsáveis por cuidar dela e educá-la estejam em sintonia. Bronfenbrenner (2011) afirma que “a habilidade da criança de aprender a ler nas séries iniciais pode depender tanto de como ela é ensinada como da existência e natureza dos laços entre a escola e a família” (p. 87).

Portanto, as responsabilidades da creche e da família se entrelaçam. Apesar de serem instituições distintas entre si, exercendo papéis diferentes, ambas se constituem como os primeiros contextos sociais nos quais os pequeninos são acolhidos. Por isso, para que as crianças que frequentam as creches possam construir conhecimentos significativos, a comunicação e a parceria entre a instituição de educação infantil e a família são imprescindíveis. O subitem a seguir abordará esse assunto.

2.3. As aprendizagens das crianças de 0 a 3 anos

A Educação Infantil em nosso país, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 (LDB), é a primeira etapa da Educação Básica e divide seu atendimento em creche e pré-escola. Na creche são atendidas as crianças de 0 a 3 anos e na pré-escola as crianças de 4 e 5 anos. Conforme indica as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013):

O atendimento em creche e pré-escola a crianças de zero a cinco anos de idade é definido na Constituição Federal de 1988 como dever do Estado em relação à educação, oferecido em regime de colaboração e organizado em sistemas de ensino da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. A incorporação das creches e pré-escolas no capítulo da Educação na Constituição Federal (art. 208, inciso IV) impacta todas as outras responsabilidades do Estado em relação à Educação Infantil, ou seja, o direito das crianças de zero a cinco anos de idade à matrícula em escola pública (art. 205), gratuita e de qualidade (art. 206, incisos IV e VI), igualdade de condições em relação às demais crianças para acesso, permanência e **pleno aproveitamento das oportunidades de aprendizagem propiciadas** (art. 206, inciso I). (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA, 2013, p. 83, grifo meu).

O grifo no trecho “pleno aproveitamento das oportunidades de aprendizagem propiciadas” se deu para enfatizar que as crianças da Educação Infantil têm o direito de aprender e de se desenvolver. A função educativa da creche é reafirmada em diferentes documentos legais (LDB, 1996; Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica, 2013; Plano Nacional de Educação 2014-2014, entre outros). As instituições de educação infantil de 0 a 3 anos precisam seguir um currículo específico, oportunizando que as crianças vivenciem diferentes experiências e construam seus saberes. Quanto a esse assunto o documento supracitado define que:

O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico. Tais práticas são efetivadas por meio de relações sociais que as crianças desde bem pequenas estabelecem com os professores e as outras crianças, e afetam a construção de suas identidades.

Intencionalmente planejadas e permanentemente avaliadas, as práticas que estruturam o cotidiano das instituições de Educação Infantil devem considerar a integralidade e indivisibilidade das dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural das crianças, apontar as experiências de aprendizagem que se espera promover junto às crianças e efetivar-se por meio de modalidades que assegurem as metas educacionais de seu projeto pedagógico. (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA, 2013, p. 86).

Segundo Laura Pitluk (2007, *apud* FERRAZ, 2011, p. 111-112), ensinar nas creches implica ampliar o conceito e a definição daquilo que se considera por ensino. Para ela não é possível cumprir a função pedagógica nessa etapa da vida das crianças sem construir vínculos de afeto e sem um trabalho personalizado com cada criança e com suas famílias. Dessa maneira, o ato de ensinar envolve cuidado, afeto e respeito e se o professor, ao ensinar, tiver responsabilidade, também cuidará.

Pitluk (2007, *apud* FERRAZ, 2011, p. 112) ainda afirma que na creche se ensina em todos os momentos: quando se ressignifica as rotinas, quando os ambientes são organizados para ricas experiências e aprendizagens e quando o professor propõe situações de ensino previamente planejadas e sequenciadas. Para a autora, as atitudes dos adultos que lidam direta ou indiretamente com as crianças na creche ensinam modos diferentes de agir. A forma como elas são levadas ao colo, como lhes são apresentados novos brinquedos e objetos ou como suas inquietações são respondidas lhes ensinam sobre as relações, sobre si mesmas, sobre o outro e sobre a cultura.

Outro ponto destacado por Pitluk (2007, *apud* FERRAZ, 2011, p. 112-113) diz respeito às aprendizagens que as crianças realizam na creche. Muito daquilo que a maior parte delas aprenderia em situação familiar, social e pessoal medianamente favorecedora, também poder ser aprendido na creche. Há aprendizagens que os pequenos somente conquistam se estiverem imersos num contexto de acolhimento e educação. O trecho a seguir elucida o que as crianças aprenderiam em uma situação familiar favorável e o que, segundo a autora, seguramente não aprenderiam.

Aprenderiam a falar, a engatinhar, a caminhar, a correr, a reconhecer seu corpo, a reconhecer seu nome, a nomear pessoas, objetos e ações com determinado grau de familiaridade, a realizar ações e estabelecer relações entre os objetos, a explorar os objetos e os espaços.

Provavelmente aprenderiam a compartilhar espaços, objetos e momentos de jogo, a explorar outras características dos materiais e espaços, a fazer jogos com seu corpo, a jogar com as palavras. Isto dependerá da formação familiar e da modalidade vincular (se estão em contato com outros irmãos ou outras crianças, se os adultos que os cuidam jogam com eles etc.).

Seguramente não aprenderiam a reconhecer e respeitar as características específicas de cada um de seus companheiros, a esperar sua vez e aceitar os tempos de espera em função da dinâmica grupal, a entender o modo de funcionamento de uma instituição e uma sala, a aceitar que os objetos não são próprios, mas de todos, a separar-se e reencontrar-se com as pessoas queridas, a escutar e produzir contos, a desfrutar de poesias com os amigos, a cantar canções, a produzir e tocar instrumentos musicais, a reconhecer estilos musicais diversos, a pintar e limpar seus pincéis com um pano para não sujar a pintura de todos e lavá-los ao acabar de usar para que estejam limpos para a próxima atividade, a jogar com objetos e com o próprio corpo respeitando o corpo, o espaço e as necessidades dos outros, a reconhecer características específicas dos objetos e outras comuns a diferentes elementos, a estabelecer relações entre os objetos, a recriar suas ações em função da ajuda dos outros, a adequar os próprios interesses em função do interesse comum, a cuidar de seus corpos e dos de seus companheiros, a cuidar dos espaços e dos objetos, a cuidar dos companheiros... (PITLUK, 2007, p. 37, *apud* FERRAZ, 2011, p. 113. Grifos como no original. Tradução de FERRAZ, 2011).

Uma das atividades mais significativas para a construção de novos conhecimentos pelas crianças de 0 a 3 anos é o brincar. Segundo o documento *Brinquedos e Brincadeiras*

nas creches: manual de orientação pedagógica, elaborado por Tizuko Kishimoto e Adriana Freyberger, distribuído pelo Ministério da Educação em 2012, “[...] a brincadeira é, para a criança, um dos principais meios de expressão que possibilita a investigação e a aprendizagem sobre as pessoas e o mundo” (BRASIL, 2012, p. 5). Ainda segundo o documento, é necessário valorizar o brincar oferecendo “espaços e brinquedos que favoreçam a brincadeira como atividade que ocupa o maior espaço de tempo na infância” (p. 5).

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013) afirmam que:

[...] Brincar dá à criança oportunidade para imitar o conhecido e para construir o novo, conforme ela reconstrói o cenário necessário para que sua fantasia se aproxime ou se distancie da realidade vivida, assumindo personagens e transformando objetos pelo uso que deles faz.

Na história cotidiana com diferentes parceiros, vão sendo construídas significações compartilhadas, a partir das quais a criança aprende como agir ou resistir aos valores e normas da cultura de seu ambiente. Nesse processo é preciso considerar que as crianças aprendem coisas que lhes são muito significativas quando interagem com companheiros da infância, e que são diversas das coisas que elas se apropriam no contato com os adultos ou com crianças já mais velhas. Além disso, à medida que o grupo de crianças interage, são construídas as culturas infantis. (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA, 2013, p. 87).

A pesquisadora Beatriz Ferraz (2011) corrobora com essa ideia ao elencar as ações que os bebês e as crianças pequenas realizam para construir conhecimentos. O excerto a seguir exemplifica isso.

[...] a construção do conhecimento nesta faixa etária se dá pela coordenação do paladar, olfato, visão, audição, sentimentos e ações. Pela ação o bebê e as crianças pequenas descobrem coisas sobre si próprias e sobre o meio (rolar, dar pontapé, cheirar, tocar...), expressam aquilo que estão descobrindo e sentindo (balançando a cabeça, fazendo caretas...) e interagem com adultos atentos e respondentes e com materiais interessantes e desafiadores, e assim constroem uma bagagem de conhecimentos básicos sobre o modo como as pessoas e as coisas são, o que fazem e como respondem a determinadas ações. Quando são ações repetidas dão à criança sentido de finalidade, gerando a possibilidade de intencionalidade de escolha consciente, planejamento, pensando sobre a resolução de problemas. (FERRAZ, 2011, p. 114).

Como as brincadeiras e as interações devem nortear as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil, Kishimoto e Freyberger (BRASIL, 2012) elaboraram diversas sugestões para as equipes escolares. É importante destacar a ênfase dada pelas autoras à participação das famílias e à valorização de suas culturas no

que tange à construção de novos saberes por parte das crianças. O trecho que segue é um exemplo disso.

Quando as famílias partilham informações com a equipe da creche/pré-escola sobre o que as crianças gostam de fazer em casa e escutam o que a professora diz sobre o que seus filhos fazem na instituição, criam-se pontes para a construção de um currículo que amplia a responsabilidade pela educação das crianças pequenas (pais e creche/pré-escola/comunidade). Essa é a ponte de ligação para ampliar a imaginação e a brincadeira mas, também, para criar entre a professora e os pais um sistema de apoio contínuo, de mediações que potencializam e enriquecem as experiências das crianças. (BRASIL, 2012, p. 27).

Pode-se perceber, portanto, a importância dada pelas autoras quanto à integração creche-família para o pleno desenvolvimento das crianças pequenas. É necessário que tal integração seja construída e que a equipe escolar e as famílias busquem recursos para ampliar os canais de diálogo entre si. Entretanto, há muitos desafios a serem enfrentados e vencidos até se chegar a essa conquista e esse será o assunto do próximo subitem.

2.4. Os desafios da integração creche-família

As primeiras instituições sociais às quais as crianças pequeninas têm acesso, geralmente, são a família e a creche, nessa ordem. A família é a primeira agência socializadora porque é responsável pelos cuidados do bebê desde sua concepção e constitui a base para seus primeiros aprendizados (BRONFENBRENNER, 2011). A creche, por sua vez, é uma instituição com rico contexto socializador que tem, entre outras, a responsabilidade de cuidar e educar, ações indissociáveis (OLIVEIRA, 1998).

Ambas as instituições sociais objetivam oferecer à criança uma formação sólida, favorecendo seu desenvolvimento pleno para viver em sociedade. O excerto a seguir, de Marcos Vinicius da Cunha (2010), esclarece que:

[...] lidamos com duas instituições de caráter educacional imbuídas da missão de conduzir pessoas, levando-as do lugar e do estado em que se encontram no presente para um espaço futuro, supostamente melhor, mais desejável, superior. Família e escola são instituições sociais que gravitam em torno de um mesmo centro, o educando, seja ele criança ou jovem ou, em alguns casos, adulto – o ser educável, o indivíduo que se desenvolve da infância à maturidade, o ser social envolvido nas tramas culturais e políticas de seu meio. (CUNHA, 2010, p. 447).

Na sociedade do século XXI, em que tanto o pai quanto a mãe precisam trabalhar para sustento de sua prole, a inserção dos bebês nos contextos escolares tem ocorrido cada vez mais cedo (BRONFENBRENNER, 2011), ou seja, logo que se finda o período da licença-maternidade da mãe. Apesar disso não ser uma regra, nas classes média e baixa do nosso país, nas quais todos os membros da família geralmente trabalham, é isso que ocorre. A família e a creche passam, assim, a se corresponsabilizar pela educação e formação integral daquela criança.

Entretanto, a parceria entre creche e família não é natural, não ocorre de maneira espontânea. Ela precisa ser construída levando-se em consideração todos os sentimentos envolvidos nessa relação. Mesmo que a família atual reconheça “que a escola é a instituição habilitada e legítima para auxiliar na educação e formação de seus filhos” (CAETANO e YAEGASHI orgs., 2014, p. 5), “[...] ainda continua profundamente arraigada na mentalidade das pessoas a ideia de que compete à família o cuidado e a educação da criança pequenina” (OLIVEIRA, 1998, p. 114), o que pode refletir na insegurança dos genitores em ter de deixar sua criança sob os cuidados da creche.

Em relação aos sentimentos gerados quando do ingresso de uma criança pequenina na creche, Oliveira (1998) escreve o seguinte:

Ao levar o bebê para a creche, sentimentos contraditórios de culpa e alívio, apreensão e alegria, estarão permeando as primeiras relações que a mãe estabelece na instituição. Grande parte das recomendações, reclamações e comentários das mães em relação aos cuidados de seus filhos na creche expressam estes sentimentos, principalmente por estarem dividindo com outras pessoas as “suas responsabilidades de mãe”. Também não deixam de ser uma maneira de algumas mães resistirem a esta divisão de responsabilidades. (OLIVEIRA, 1998, p. 114-115).

Faz-se necessário, assim, construir laços entre ambas as instituições, creche e família. Se por um lado, a família precisa da creche para deixar seus filhos com segurança, por outro, a creche precisa da família como parceira para desenvolver seu Projeto Político-Pedagógico. A construção desses laços deve partir da instituição de educação infantil antes mesmo da criança começar a frequentá-la, sendo tal construção uma das principais tarefas da instituição. Oliveira-Formosinho (2013) discorre sobre o assunto.

Para a maioria das crianças, a transição para a creche representa a primeira grande exigência de adaptação a um novo contexto, a qual é paralela em exigências para os pais. Antes da entrada da criança na creche, existem rotinas específicas para promover o conhecimento e respeito mútuo e para iniciar uma

colaboração sistemática. A construção de laços é concebida como uma tarefa central do educador de infância. (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2013, p. 20).

Para a pesquisadora “[...] a criação de laços privilegiados entre a criança e adultos responsivos é [...] basilar para que a criança se sinta segura e aberta a explorar e aprender acerca da diversidade que este novo mundo [a creche] lhe apresenta” (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2013, p. 20). E essa construção de laços precisa ser estendida também às famílias das crianças. Como “o bem-estar de crianças e pais é altamente interdependente (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2013, p. 20), a autora sugere algumas estratégias para o início dessa construção de laços com as famílias, tais como visita dos pais à creche, acesso às organizações e rotinas da mesma, abertura para questionamentos diversos e para que comentem sobre as preferências demonstradas em casa pela criança, entre outras coisas.

Apesar da responsabilidade da construção de laços entre família e instituição de educação infantil ser dessa última, como a família e a creche são “contextos privilegiados de desenvolvimento e aprendizagem, [...] necessitam trabalhar em conjunto” (CAETANO e YAEGASHI orgs., 2014, p. 6). Para as autoras, “todo o processo de construção de uma parceria entre a família e a escola fundamenta-se na necessidade de oferecer à criança uma formação adequada” (p. 13). Assim, quanto mais sintonia houver entre ambos os contextos socializadores, melhor será para os pequenos.

Sobre isso as autoras Polonia e Dessen (2005) afirmam que “os benefícios de uma boa integração entre a família e a escola relacionam-se a possíveis transformações evolutivas nos níveis cognitivos, afetivos, sociais e de personalidade dos alunos.” (p. 305). Para elas “pais e professores devem ser estimulados a discutirem e buscarem estratégias conjuntas e específicas ao seu papel, que resultem em novas opções e condições de ajuda mútua” (p. 304). Desse modo, quanto mais estreita for a relação da creche com a família maior será a possibilidade de desenvolvimento da criança.

Todavia, as instituições de educação infantil de 0 a 3 anos não foram concebidas com a ideia de construir laços de parceria com as famílias. Ao observar a história do surgimento das instituições escolares, Cunha (2010) afirma que no século XVII “a escola foi pensada como agência de apoio à família” (p. 447), de complementaridade ao seu papel. O autor aponta que:

As famílias eram vistas como necessitadas de auxílio para a educação das crianças porque não tinham tempo nem competência para tanto. Nos dizeres de

Comênio, era assim porque os pais assumiam afazeres que os desviavam da possibilidade de bem educar as crianças. A escola surgiu, então, para complementar a família, liberando os adultos para outras ocupações relevantes da sociedade. (CUNHA, 2010, p. 448).

Com o passar do tempo, entretanto, as instituições escolares passaram a entender que as famílias não conseguiam educar suas crianças de maneira adequada e, segundo Cunha (2010), tais instituições tornaram-se contra a família. O discurso científico de que a família não era capaz de educar suas crianças, principalmente no tocante à saúde física e moral das mesmas, foi absorvido pelas escolas, o que distanciou o relacionamento entre ambas as instituições. O trecho a seguir explicita tal afirmação.

[...] A instituição familiar naquela época era caracterizada como em permanente estado de mal funcionamento, era dada como incompetente, incapaz, sem qualidades para educar as crianças. Fazia-se urgente inseri-la nos padrões da normalidade.

[...] Para adequar pais, mães, filhos e filhas ao que consideravam pertinente às normas da saúde física, mental e moral, os higienistas combateram em várias frentes. Uma delas foi a escola, mais particularmente os internatos [...]. Bastiões da moralidade, essas escolas deviam organizar-se para [...] estabelecer [...] uma série de medidas higiênicas para produzir o indivíduo saudável, o cidadão decente e honesto, o responsável pelo futuro da nação. As escolas deviam fazer aquilo que a família [...] era incapaz: educar segundo os saberes oriundos da ciência. (CUNHA, 2010, p. 452-453).

Além disso, o autor aponta que, a partir desse discurso científico ao qual as instituições escolares se sujeitaram, pais e mães de todas as classes sociais passaram a ser considerados como coadjuvantes no processo de educação de seus filhos. As “agências especializadas em educar” (CUNHA, 2010, p. 458) consideravam-se as únicas capazes por educar as crianças, tornando-as cidadãos de bem. Às famílias era permitido ir à instituição de ensino somente para aprender a maneira mais adequada de lidar com as crianças e jamais se intrometer e/ou atrapalhar os trabalhos dos professores. O excerto a seguir ratifica as afirmações anteriores.

A família [...] devia enquadrar-se, ou ser enquadrada, nos princípios ditados pelo discurso educacional renovador. Isso aplicava-se, em tese, a todas as famílias, independentemente da camada social a que pertencessem. Tal raciocínio era justificado pela recorrência a uma concepção de história e de sociedade mediante os avanços do modo capitalista de produção: a nova configuração do mundo do trabalho impedia as famílias de educarem corretamente seus filhos.

[...] Essa manifestação [...] é representativa de um discurso muito comum na época, cuja característica era expressar duas noções muito peculiares. Primeiramente, não fazia distinção entre os vários tipos de família. O desenvolvimento histórico havia consumado uma certa ordenação social que atingia todas as famílias, fossem elas de camadas sociais altas ou baixas. Nenhum pai ou mãe, rico ou pobre, ficava imune à superioridade das agências

especializadas em educar. Podia-se obviamente discutir se tais agências deviam ou não pertencer ao Estado, mas essa é outra questão.

Em segundo lugar, esse discurso geralmente continha um chamamento para que as famílias se aproximassem da escola, viessem à instituição de ensino para instruir-se sobre a educação de seus filhos. Pais e mães eram retirados do patamar de educadores exclusivos de seus filhos, passando a atuar como coadjuvantes. E que não ousassem intrometer-se demais, pois podiam atrapalhar os trabalhos tão diligentemente elaborados pelos professores [...]. (CUNHA, 2010, p. 457-458).

O contexto histórico trazido por Cunha (2010) traduz um dos desafios para a integração creche-família, ou seja, o de quebrar o paradigma de superioridade da escola às famílias que as instituições escolares foram construindo ao longo do tempo. Além disso, quando se trabalha com a instituição familiar é preciso ter clareza de que estamos lidando com relações e não com indivíduos isolados. E, ao lidar com as relações intersubjetivas faz-se necessário desenvolver um olhar mais apurado e observador para compreender as dinâmicas internas dessa instituição social, sem preconceitos. A autora Cynthia Sarti (2004) afirma que:

Sendo a família um mundo de relações [...], o atendimento que focaliza a família lida forçosamente com esse mundo de relações, em todo seu emaranhado de situações e pontos de vista. Quando se enfoca a família, então, a primeira coisa a se ter em conta é que se está tratando de relações e não de indivíduos, o que contraria a formação dos profissionais de saúde, em geral, que tendem a operar a partir de uma noção individualizada e objetivada do corpo e da doença, com base no modelo biomédico, distante desse universo não palpável, mas sempre atuante, das relações intersubjetivas que ocorrem no âmbito familiar. (SARTI, 2004, p. 12).

Outra questão abordada por Sarti (2004) – que também se constitui em um desafio para a integração creche-família – é a da visão que os profissionais geralmente têm quando lidam com famílias. A pesquisadora aponta que os educadores, entre outros técnicos, tendem a identificar as mesmas a partir de seus próprios conceitos pessoais de família, o que dificulta a observação a partir de outros pontos de vista. O trecho a seguir, da própria autora, traz tal afirmação.

Quando se trabalha com famílias, tanto cientistas sociais, quanto psicólogos, médicos, educadores e outros profissionais enfrentam um primeiro problema: o de identificar a noção de família com suas referências pessoais. A família tende a ser identificada com a “nossa” família, tão forte é a identificação da idéia de família com o que nós somos. Por isso, quando se lida com questões de família, é difícil estranhar-se em relação a si mesmo. Há uma tendência a projetar a família com a qual nos identificamos – como idealização ou como realidade vivida – no que é ou deve ser a família, o que impede de olhar e ver o que se passa a partir de outros pontos de vista. (SARTI, 2004, p. 16; grafia original).

A esses desafios somam-se, entre outras coisas, o preconceito das famílias em relação à instituição creche. As autoras Damaris Maranhão e Cynthia Sarti (2008) declararam que “o preconceito não incide apenas sobre a creche como instituição de cuidado infantil, mas sobre seu caráter de serviço público, percebido como de pouco crédito, pelo atendimento de baixa resolutividade e massificado, no qual o usuário se sente ‘mais um’” (p. 176). Os educadores e profissionais da creche precisam lidar com todo esse emaranhado de desafios se realmente se propuserem a estabelecer uma relação mais próxima com as famílias.

Portanto, a tarefa de realizar uma aproximação com as famílias de modo produtivo não é fácil; ela exige tempo, dedicação e muito estudo para superar os desafios anteriormente descritos. Faz-se necessário que os educadores e demais profissionais da creche considerem que as famílias da nossa sociedade atual não seguem mais o padrão típico da cultura burguesa, ou seja, pai como o único provedor financeiro do lar e mãe como cuidadora e organizadora da casa. Há diversas outras constituições familiares que precisam ser consideradas e respeitadas, conforme afirma Oliveira (2010).

Grande parte das instituições de educação infantil veem o lar como arena livre de tensões, como refúgio onde reina a harmonia e onde todos os membros partilham os mesmos interesses. Desprezam as diversas formas de arranjo familiar vigentes hoje, mantendo a imagem de uma família nuclear – na qual o pai cuida de prover os recursos necessários à sobrevivência física e a mãe é a grande responsável pela educação da prole e pela harmonia cotidiana – como o ambiente correto para o bom desenvolvimento infantil. Separações de casais, famílias monoparentais, uniões informais, uniões homossexuais, etc. são consideradas perigosas ao bom desenvolvimento psíquico e moral das crianças. Ademais, o pai não é tratado como figura privilegiada de educador.

Para trabalhar de modo produtivo no estabelecimento de uma aproximação com as famílias, os professores de creches e pré-escolas devem considerar que a família nuclear típica da cultura burguesa não é, hoje, a única referência existente. Além disso, as condições de trabalho existentes em nosso país em nossos dias produzem problemas numerosos e diversificados a respeito da guarda da infância. Com isso, as famílias são obrigadas a constituir diferentes ambientes para seus membros, os quais estão também em permanente mudança. (OLIVEIRA, 2010, p. 172).

Caetano e Yaegashi (2014) discorrem sobre o mesmo assunto no excerto que se segue.

As mudanças [dos contextos social, histórico e econômico] são tantas e tão visíveis que não é raro que se fale hoje em dia em desordem na família, crise na família e até de desaparecimento da família. Obviamente esses fenômenos e modificações importantes vivenciados pela família, a partir de sua contextualização política, social e econômica, também atingem as escolas. Talvez por esses motivos seja tão comum ouvir as pessoas comentarem

nostalgicamente que “não se faz mais famílias como antigamente”. Comentário esse também bastante comum nos corredores das escolas.

Os professores parecem buscar nas novas organizações familiares o motivo para o insucesso escolar das crianças: “uma das crenças mais frequentes que se conserva é a omissão da família na educação das crianças”. Os professores, além de culpar a família pelo fracasso escolar dos alunos, ainda a julgam pouco participativa. (CAETANO e YAGASHI orgs., 2014, p. 18).

Um ponto importante a ser considerado é que a creche é quem deve ter a iniciativa de aperfeiçoar os laços com as famílias. Vitor Paro (2000), Oliveira (1998; 2010), Polonia e Dessen (2005), Goldschimied (2006), Oliveira-Formosinho (2013), entre outros, apontam que os profissionais da educação que atuam na instituição escolar são os principais responsáveis por construir uma relação de parceria com as famílias, principalmente quando se trata do atendimento à primeira infância. Faz-se necessária uma reflexão acerca do assunto desde a formação desse educador, contudo, Oliveira (2010) afirma que isso não vem ocorrendo como deveria.

A formação inicial dos professores de educação infantil tem sido apontada como fonte de obstáculos para uma produtiva relação entre a instituição educacional e a família. Introduzidos nas teorias das áreas de modo muitas vezes inadequado, não tiveram a oportunidade de uma apreensão crítica delas. (OLIVEIRA, 2010, p. 174).

Além disso, os futuros profissionais da Educação Infantil – e também os que já lidam com os pequenos – precisam apropriar-se dos *Crêterios para um atendimento em creches que respeite o direito das crianças*, de autoria de Maria Malta Campos e Fúlvia Rosemberg (2009). A primeira edição do referido documento data de 1995 e foi republicado pelo Ministério da Educação em 2009. Seu principal objetivo é a qualidade da educação e do cuidado em creches e, para atingir tal objetivo, as autoras, entre outras coisas, salientam a importância da integração creche-família.

Algumas frases do documento apontam para o contato da creche com a família somente no sentido de informá-la acerca das atividades desenvolvidas na instituição de educação infantil. Em outros momentos, porém, é nítido o esforço das autoras de pontuar a importância da participação das famílias no contexto escolar não só para receber informações, mas para participar ativamente da constituição daquele ambiente escolar responsável por cuidar e educar sua criança. Seguem alguns exemplos:

- As famílias recebem orientação sobre a importância das brincadeiras para o desenvolvimento infantil
- Mantemos comunicação com a família quando uma criança fica doente e não pode frequentar a creche

- As famílias são informadas sobre a alimentação da criança e suas sugestões são bem recebidas
- As famílias são informadas sobre o desenvolvimento de suas crianças
- Nossas crianças sabem que são queridas quando percebem que suas famílias são bem-vindas e respeitadas na creche
- As mães e os pais recebem uma atenção especial para ganhar confiança e familiaridade com a creche
- Nossas crianças têm direito à presença de um de seus familiares na creche durante seu período de adaptação
- Nosso planejamento reconhece que o período de adaptação é um momento muito especial para cada criança, sua família e seus educadores
- A creche é um espaço de criação e expressão cultural das crianças, das famílias e da comunidade
- As creches são concebidas como um serviço público que atende a direitos da família e da criança
- A política de creche prevê a gestão democrática dos equipamentos e a participação das famílias e da comunidade
- A política de creche reconhece a importância da comunicação entre famílias e educadores
- A programação prevê que as famílias sejam informadas dos progressos de suas crianças sem que isto implique em avaliação formal. (CAMPOS; ROSEMBERG; 2009, páginas diversas).

Observando as frases de Campos e Rosemberg (2009) é possível perceber a importância dada pelas autoras à integração entre creche e família. Nos momentos de doença da criança, nas explicações sobre o progresso de seus pequenos e no acolhimento tanto dos infantes quanto de suas famílias à creche, as ações precisam partir da instituição escolar. Por outro lado, a família deve participar da gestão democrática desse ambiente e apropriar-se do mesmo como seu espaço de criação cultural.

Dessa maneira, à equipe de profissionais da instituição de educação infantil cabe criar estratégias que envolvam as famílias na construção do Projeto Político-Pedagógico e em sua execução. As atividades integradoras entre pais, crianças e equipe da creche, por exemplo, podem estreitar os vínculos e os laços de convivência (KRAMER, 1994). Expor os desenhos e outras atividades das crianças com determinada frequência, organizar reuniões com pais para discussão acerca de um tema sugerido por eles, realizar filmagens de momentos diversos das crianças na creche, apresentar fotos representativas da rotina escolar, entre outras coisas, são exemplos de estratégias que podem ser utilizadas pelas creches para maior integração com as famílias.

A pesquisadora Oliveira-Formosinho (2013) afirma que “a presença das famílias na creche é percebida como facilitador importante” (p. 20). Fotografias das famílias nas paredes da creche ou em livros construídos para esse fim e objetos de conforto ou familiares às crianças nas salas são indícios de que a instituição de educação infantil está

buscando uma parceria colaborativa com as famílias. Segundo a autora, essa parceria pode estender-se no envolvimento das famílias em atividades cotidianas da instituição, tais como manutenção do jardim, escolha de músicas ou histórias para serem incluídas no dia a dia das crianças, entre outras coisas.

Elionor Goldschmied (2006) também discorre sobre algumas estratégias que as instituições de educação infantil podem usar para ampliar a integração creche-família. A pesquisadora enfatiza a importância da divulgação às famílias acerca do trabalho pedagógico desenvolvido pela instituição para alcançar tal objetivo. O excerto a seguir traz alguns exemplos.

As funcionárias da creche podem mostrar que entendem essa situação [falta de tempo dos pais que trabalham] e encontrar formas de manter os pais informados. Por exemplo, uma simples circular mensal é uma boa maneira de fazer todos saberem o que se passa na creche e sobre planos para atividades futuras. (Isso também pode representar um ótimo projeto de colaboração para aqueles pais que não estão trabalhando). Os pais que nunca têm uma chance de ver o que seus filhos fazem na creche, muitas vezes gostam de assistir a *videoclips* que mostram as crianças brincando. Se a creche dispuser de uma câmera de vídeo, ou puder conseguir uma emprestada, essa será uma tarefa útil para o educador-referência realizar. A câmera digital [...] é um recurso maravilhoso e pode ser utilizada para gravar sequências do brincar e também momentos específicos. (GOLDSCHMIED, 2006, p. 226-227, grifo da autora).

Percebe-se, portanto, que a creche, entre outras coisas, precisa divulgar aos pais seu trabalho como forma de envolvê-los no contexto escolar. As ideias de Oliveira-Formosinho (2013) e Goldschmied (2006) sobre portfólio, foto e filmagem podem ser amplificadas com as tecnologias que dispomos atualmente, criando, por exemplo, um ambiente virtual não só para divulgação dos trabalhos dos pequenos, mas para a integração creche-família. As Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC) possibilitam tal integração e estão cada vez mais acessíveis a todos os públicos.

Contudo, como afirma a pesquisadora Pinazza (2005), “não é uma nova ideia ou proposta pedagógica que garante uma transformação no terreno da prática” (p. 86). Não se trata de considerar as TIC como “o” caminho para alcançar a tão almejada integração creche-família, mas sim como “mais uma possibilidade”. Esse será o assunto do qual tratará o próximo capítulo.

Capítulo 3

Usos da tecnologia digital nos contextos escolares

O Capítulo 3 aborda a questão dos usos da tecnologia digital nos contextos escolares sem focar na creche. As crianças de 0 a 3 anos, apesar de muito provavelmente já terem tido contato com as tecnologias digitais de uma ou de outra maneira (DIAS e BRITO, 2016; BRITO, 2017), ainda estão nos primórdios da construção de seus saberes e não estão habilitadas a utilizarem tais tecnologias para mediar a própria aprendizagem, nas formas usuais como são consideradas em espaços escolares. Segundo Rita Brito (2017), a Academia Americana de Pediatria desaconselha a exposição de crianças de 2 a 5 anos, por mais de uma hora por dia, às telas de computadores, smartphones, tablets, entre outros. Por outro lado, a pesquisadora portuguesa também afirma que “as crianças com menos de 3 anos, inclusivamente crianças de 1 ano, estão também expostas a vários ecrãs. [...] Gostam muito de ver fotografias dos familiares e de ver vídeos e ouvir músicas no *YouTube* [...]” (BRITO, 2017, p. 222) e, com eles, aprendem.

É possível que as crianças de 3 anos utilizem os dispositivos de modo relativamente autônomo (BRITO, 2017) e, em um trabalho direcionado pelos adultos, desde que planejado cuidadosamente, elas poderiam utilizar uma máquina fotográfica digital, por exemplo, para registrar alguns projetos que estão sendo desenvolvidos por elas mesmas (AMANTE, 2007). Contudo, caberá ao educador organizar o produto final desse trabalho por conta da pouca idade das crianças, como afirma Lúcia Amante (2007).

Sendo assim, as reflexões teóricas desenvolvidas por vários educadores, apresentadas a seguir, aparentemente, estarão mais voltados à educação de crianças um pouco mais velhas. Entretanto, desde que façamos as adequações necessárias, também é possível utilizar as TIC em diferentes projetos em uma creche, de forma direta ou indireta (AMANTE, 2007; DIAS e BRITO, 2016; BRITO, 2017). O importante é saber que as crianças e suas famílias têm o direito de participar de cada movimento proposto pela instituição (CAMPOS e ROSEMBERG, 2009).

3.1. As tecnologias digitais mediando o processo de ensino e aprendizagem

As primeiras duas décadas do século XXI estão marcadas pelo desenvolvimento acelerado e contínuo das tecnologias em todas as áreas. Uma dessas tecnologias é a internet. Para Manuel Castells (2003) “a Internet é o tecido de nossas vidas” e “passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede” (p. 7).

O autor afirma que “a comunicação consciente (linguagem humana) é o que faz a especificidade biológica da espécie humana” (CASTELLS, 2003, p.10). Como a comunicação é a base da nossa prática e a internet transforma a maneira de nos comunicarmos, “nossas vidas são profundamente afetadas por essa nova tecnologia da comunicação” (CASTELLS, 2003, p.10). Além disso, a internet é um meio de comunicação que permite o diálogo de muitos com muitos, algo que nunca havia acontecido na história da humanidade (CASTELLS, 2003).

Essa tecnologia também deve interferir na maneira da escola perpetuar, entre as crianças e jovens, os conhecimentos acumulados ao longo dos séculos. As autoras Patrícia Lupion e Marilda Behrens (2014) afirmam que é preciso superar as metodologias de ensino e aprendizagem baseadas na reprodução do conhecimento e alcançar a produção, a construção do mesmo. Segundo as autoras, “trata-se da transposição de um modelo conservador para uma proposta inovadora que atenda a uma concepção diferenciada que envolva uma mudança radical na visão do ser humano, de sociedade e de mundo” (TORRES e BEHRENS, 2014, p. 15).

José Moran Costas (2000) corrobora com a ideia de Torres e Behrens (2014) ao afirmar que:

Todos estamos experimentando que a sociedade está mudando nas suas formas de organizar-se, de produzir bens, de comercializá-los, de divertir-se, de ensinar e de aprender. Muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais. Perdemos tempo demais, aprendemos muito pouco, desmotivamo-nos continuamente. Tanto professores como alunos temos a clara sensação de que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas. (MORAN COSTAS, 2000, p. 11).

Como “as novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade” (CASTELLS, 1999, p. 57) e “não são apenas meros instrumentos que possibilitam a emissão/recepção deste ou daquele conteúdo de conhecimento” (SILVA, 2001, p.840), elas podem facilitar e potencializar o ensino e a

aprendizagem baseados na construção do conhecimento (TORRES e BEHRENS, 2014). Para tanto, “é preciso desenvolver uma abordagem pedagógica que gere um ensino inovador, alternativo, mediatizado, flexível, individualizado e/ou colaborativo” (TORRES e BEHRENS, 2014).

Esse ensino inovador, mediatizado, colaborativo, que almeja a troca de informações e a cooperação entre as pessoas, pode se beneficiar das novas formas de comunicação e interação em rede oferecida pelas mídias digitais, como afirma a pesquisadora Vani Kenski (2008) no trecho a seguir.

As novas formas de interação e comunicação em redes, oferecidas pelas mídias digitais, possibilitam a realização de trocas de informações e cooperações em uma escala inimaginável. Permitem o desenvolvimento de projetos colaborativos complexos e associações inesperadas. *Wikipedia*, *Second Life*, *Craigslist*, *MySpace*, *Bebo*, *Facebook*, *Flickr* são exemplos de espaços virtuais e informais de encontro na internet que permitem a construção coletiva aberta. Todos os que acessam são potencialmente produtores de informações e podem “colaborar”, inserindo suas contribuições e opiniões em qualquer tipo de texto a que tenham acesso nesses ambientes. Revisões podem ser feitas periodicamente por especialistas e profissionais qualificados, o que não impede que novas inserções sejam incluídas. O crescimento é exponencial. Uma informação postada reflete-se em um número incalculável de comentários e novas contribuições de qualidade e origem diferenciadas. (KENSKI, 2008, p. 653).

Corroborando com essa ideia, as pesquisadoras Vera Andrade e Dilmeire Vosgerau (2009) afirmam que:

Numa década, na qual a internet promove uma revolução na comunicação em tempo real, ampliaram-se os artefatos de comunicação [...] com o uso de blogs, twitters, redes sociais de interação, nas quais as trocas acontecem em todos os tempos e lugares, num espaço cibernético [...] possibilitando que as notícias aconteçam ao mesmo tempo em muitos lugares do planeta. O recurso tecnológico vem se tornando uma ferramenta facilitadora para a educação: professores e alunos podem ver, observar, trocar, criticar e refletir sobre os mais diversos assuntos [...]. (ANDRADE e VOSGERAU, 2009, p. 536).

Vosgerau, Glaucia Brito e Nuria Camas (2016) também abordam a ideia de que as tecnologias de comunicação podem facilitar e potencializar os processos de ensino e aprendizagem que almejam a produção do conhecimento ao invés da reprodução. As pesquisadoras afirmam que “as novas formas de se comunicar, [...] de buscar e selecionar informações e fazer com que elas se transformem em conhecimento têm trazido mudanças radicais para a sociedade, as quais [...] se refletem [...] na escola como um todo” (p. 106). Para elas, a fim de que o conhecimento seja realmente construído e não reproduzido, é

preciso planejar formações continuadas aos professores e incluir nos cursos de licenciatura a formação nos letramentos midiáticos, digitais, da informação e científicos.

Por sua vez, o professor, principal responsável pela organização dos planos de ensino, precisa considerar-se como um colaborador mais experiente no grupo de estudos no qual está inserido, independente da faixa etária dos educandos, a fim de tecer com eles redes de conhecimento e não de transmissão de saberes. A respeito disso, Maria Elizabeth Almeida (2004b) afirma que “tecer redes de conhecimento na escola significa assumir a ótica da interação e colaboração entre alunos, professores, funcionários, dirigentes, especialistas e comunidade” (p.4). Assim, o professor pode (e deve!) continuar sendo um aprendiz também.

Para os autores Almeida e José Valente (2014) essa aprendizagem, contudo, não acontece somente dentro do perímetro da escola, o que denominamos de aprendizagem formal, mas também ocorre em contextos não formais, tais como nos espaços sociais (museus, por exemplo), no espaço domiciliar e no espaço das redes sociais da internet. Os pesquisadores realizaram um estudo sobre currículo e a integração entre os contextos de aprendizagem formal e não formal por meio das tecnologias digitais. Esse estudo aborda a importância da integração dos contextos formais e não formais para a aprendizagem do indivíduo e salienta que a instituição escolar, outrora considerada como detentora do saber, já não é a única fonte de conhecimento. O excerto a seguir discorre sobre isso.

A escola até os anos 70 do século passado foi o centro pedagógico e cultural da nossa sociedade. Ali se realizavam as palestras, os recitais, as amostras, as festas folclóricas, bem como o desenvolvimento das disciplinas curriculares. No entanto, com a diversidade cultural que caracteriza a sociedade atual, a mobilidade das pessoas e a intensa produção de conhecimento em distintos espaços e contextos sociais, é humanamente impossível querer incluir na proposta curricular da escola toda esta produção cultural, assim como é nefasto ignorar o potencial que as TDIC [Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação] e as TMSF [Tecnologias Móveis Sem Fio] oferecem para a integração e a complementaridade entre esses contextos. Neste sentido é compreensível quando o professor argumenta que não pode incluir mais atividades culturais nas atividades pedagógicas por conta da falta de tempo para cumprir o currículo acadêmico prescrito. Por outro lado, a escola atual ainda segue os moldes definidos para a escola dos anos 70, como se ainda fosse o contexto central do processo de aprendizagem. Ela ainda não se deu conta dos avanços tecnológicos e culturais no sentido de saber explorar estes recursos em benefício do enriquecimento dos processos de ensino e de aprendizagem, e da flexibilidade curricular com a criação de atos de currículo. O ideal seria que houvesse realmente um diálogo entre os currículos da escola e dos contextos de aprendizagem, continuamente recriados [...]. (ALMEIDA; VALENTE, 2014, p. 1183).

Como já citado, as tecnologias de comunicação ultrapassam barreiras físico-geográficas, proporcionando trocas de saberes entre as pessoas de qualquer parte do planeta e aumentando, consideravelmente, o potencial de aprendizagem e de construção de conhecimentos daqueles que têm acesso a elas. Entretanto, essas ferramentas inovadoras não podem ser encaradas como a solução mágica para os problemas de ensino e aprendizagem. Apesar do acesso rápido à informação e de toda inovação que tais ferramentas proporcionam à vida prática, o professor-mediador é fundamental para que se estabeleça uma educação de qualidade.

A respeito desse assunto, Moran Costas (2000) afirma que as novas tecnologias, por si só, não trarão soluções rápidas para os problemas vividos na área da Educação. Segundo o autor:

[...] há uma expectativa de que as novas tecnologias nos trarão soluções rápidas para o ensino. Sem dúvida as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e de tempo, de comunicação audiovisual, e estabelecer pontes novas entre o presencial e o virtual, entre o estar juntos e o estarmos conectados a distância. Mas se ensinar dependesse só de tecnologias já teríamos achado as melhores soluções há muito tempo. Elas são importantes, mas não resolvem as questões de fundo. Ensinar e aprender são os desafios maiores que enfrentamos em todas as áreas e particularmente agora em que estamos pressionados pela transição do modelo de gestão industrial para o da informação e do conhecimento. (MORAN COSTAS, 2000, p. 12).

Almeida e Ligia Rubim (2004) corroboram com essa ideia de que as mudanças não são geradas única e exclusivamente pelas tecnologias. No excerto a seguir, as autoras discorrem sobre o assunto afirmando que:

[...] isoladamente, as tecnologias não podem gerar mudanças. Sua inserção no cotidiano da escola exige a formação contextualizada de todos os profissionais envolvidos, de forma que sejam capazes de identificar os problemas e as necessidades institucionais, relacionadas ao uso de tecnologias. (ALMEIDA; RUBIM, 2004, p. 2).

Diante desse quadro, a Educação do século XXI não pode estar pautada somente em aulas expositivas, centradas única e exclusivamente no saber do professor e em sua experiência de vida. Ao contrário, os profissionais da Educação devem buscar novas metodologias de ensino que considerem as aprendizagens prévias dos educandos e proporcionem a construção de conhecimentos significativos (TORRES e BEHRENS, 2014). Dessa maneira, a troca de saberes e o entrelaçamento das mais diversas opiniões também serão contemplados.

3.2. As tecnologias digitais e a gestão escolar

O cargo de Diretor Escolar, principalmente nas escolas públicas, surgiu a partir da necessidade de se ter uma pessoa que pudesse responder pelo que ocorria no interior das escolas (BOCCIA, 2011). A responsabilidade desse profissional que respondia pelo cargo era de manter certa ordem nesse local e exercer um papel mais voltado para a coordenação pedagógica. Suas atribuições também eram baseadas em tarefas predominantemente administrativas e seu cargo era considerado de confiança.

Margarete Boccia (2011), no breve levantamento histórico que faz sobre o cargo de diretor escolar, afirma que o mesmo, a princípio, estava relacionado somente às escolas particulares:

[...] Na primeira vez em que se falou sobre o cargo de diretor de escola (século XIX), ele estava relacionado com as instituições particulares. Nas instituições públicas, esse cargo surgiu posteriormente, a partir de demandas que foram surgindo no interior da escola, demandas essas que exigiam respostas e um responsável por elas. (BOCCIA, 2011, p. 57).

Ao longo dos anos, ocorreram mudanças no que tange ao papel do diretor e às exigências de formação para que um candidato assumisse o referido cargo. A mudança mais significativa nasceu no ano de 1996, quando foi aprovada a nova LDB (Lei 9.394/96). Seu Artigo 64 determina que a formação dos profissionais responsáveis pela administração escolar deve ser feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação. Percebe-se, portanto, o surgimento de uma preocupação maior com a formação do diretor escolar.

Além disso, essa mesma lei também trouxe mudanças para o papel do diretor. Apesar de ainda assumir uma grande responsabilidade, a palavra desse profissional não é mais soberana. Ele continua respondendo pela escola, mas precisa exercer uma gestão compartilhada e democrática, ou seja, as decisões cabem ao Conselho Escolar e aos demais órgãos deliberativos constituídos na forma da lei e não mais está unicamente centrada na figura do diretor. Ademais, ele precisa cuidar da aprendizagem dos educandos e da formação continuada do corpo docente, segmentos que também estão sob sua responsabilidade.

Quanto a esse assunto, a pesquisadora Ana Maria Hessel (2004) diz que “a prática autoritária [do diretor] deve ceder lugar a uma dinâmica mais participativa, que supõe

compartilhamento de responsabilidades” (p. 2). Para tanto, segundo a autora, o diretor precisa organizar a escola para ações integradas e convergentes, mobilizando pessoas dentro de um clima cooperativo e dialogando no exercício do poder (HESSEL, 2004).

Percebe-se, então, que o diretor escolar precisa ser uma espécie de modelo para sua equipe docente. A pesquisa e a formação continuada também são fundamentais para esse profissional, pois, suas atribuições atuais vão muito além das responsabilidades administrativas (BOCCIA, 2011; DALCORSO, 2015). Ele precisa motivar professores, crianças e comunidade, por meio de ações previamente planejadas, a apropriarem-se das TIC e usá-las como ferramentas para construção de novas aprendizagens e para maior interação entre si (ALMEIDA, 2004c).

As pesquisadoras Almeida e Rubim (2004), afirmam que cabe a cada gestor:

[...] mobilizar os diferentes participantes da comunidade escolar, dispor dos recursos tecnológicos para a articulação entre o administrativo e o pedagógico e alavancar processos de formação continuada e em serviço de seus profissionais. Juntos, gestores e demais profissionais da escola podem criar situações, que permitam experimentar o uso das tecnologias no cotidiano das suas funções e que lhes dê a oportunidade de participar de redes colaborativas de aprendizagem, apoiadas em ambientes virtuais, para encontrar, coletivamente, um caminho mais promissor, condizente com a identidade da escola e o contexto em que ela se encontra inserida. (ALMEIDA; RUBIM, 2004, p. 14).

O diretor escolar exerce papel fundamental ao supervisionar, junto com os demais componentes da equipe gestora, os trabalhos pedagógicos desenvolvidos com os educandos. Como a aprendizagem das crianças é uma corresponsabilidade de toda a equipe, o diretor precisa organizar os diferentes momentos de trabalho para proporcionar reflexões sobre as ações educativas e, conseqüentemente, planejar e executar as mudanças necessárias. Acerca disso Alexandre Vieira (2004) afirma que:

[...] A prática de trabalho dos professores, geralmente isolada nas salas de aula, dificulta sobremaneira a criação de uma cultura de colaboração. Por isso, há necessidade do gestor planejar a existência de momentos de troca de experiências entre professores e funcionários. (VIEIRA, 2004, p. 6).

Essa função de acompanhar o processo de aprendizagem dos estudantes e motivar maior interação entre esses, os professores e toda a comunidade, potencializa a necessidade do uso das TIC na escola. Quando o diretor escolar entende que seu papel não é somente cuidar das questões administrativas, passa a objetivar, também, um trabalho de colaboração com a comunidade no que se refere ao pedagógico (ALMEIDA, 2004b). O uso de

computadores e internet, por exemplo, passa a fazer parte da formação das crianças (dependendo da faixa etária) e professores, proporcionando maior agilidade no acesso à informação e posterior construção de novos conhecimentos.

Para a autora Elaine Lima (2004), o gestor precisa se questionar acerca de sua postura diante da apropriação da tecnologia pela escola:

[...] é importante que nos perguntemos como o gestor pode potencializar o processo de aprendizagem organizacional relacionado à apropriação da tecnologia pela escola.

Algumas pistas nos levam a ver que o primeiro passo é o gestor perceber-se efetivamente como educador nesse processo. Sabemos que na história da educação foi se construindo uma separação entre a atividade administrativa e a pedagógica e talvez a inovação tecnológica possa se constituir em uma oportunidade para se reverter essa realidade. Como em todo processo educativo, aqui também é possível estabelecer objetivos, estratégias, formas de avaliação, e algumas transformações no ambiente escolar para que haja uma maior aprendizagem. (LIMA, 2004, p. 10).

Portanto, todas essas mudanças na sociedade vêm transformando a função da instituição escolar e o papel de professores e diretores escolares. Já há algum tempo, os trabalhos burocráticos da creche são executados com o uso de computadores e a comunicação entre as Secretarias de Ensino e as instituições a elas ligadas estão cada vez mais rápidas e eficazes por conta da internet. É necessário, entretanto, desenvolver uma cultura tecnológica no ambiente escolar, ou seja, formar professores, crianças e comunidade para utilizar as TIC como ferramentas que potencializem o processo de ensino e aprendizagem e a interação entre os diferentes atores. Ao diretor, portanto, cabe mais esse desafio.

Como líder de equipe, o diretor precisa, segundo Hessel (2004), “agir como estimulador da participação dos elementos de sua equipe e permitir que uma intensa comunicação se estabeleça entre eles” (p. 4). Quanto mais o diretor utilizar as TIC para esse fim, mais estimulará a equipe docente a usá-las com as crianças e em situações de interação com a comunidade. Além disso, abrirá caminhos para uma gestão mais democrática com a participação de todos.

Em relação a isso, a Constituição Federal de 1998 e a LDB de 1996, citadas no capítulo anterior, também exigem que a gestão das escolas públicas ocorra com a participação da sociedade. Para isso, na forma da lei, os órgãos colegiados são constituídos com representantes dos diferentes segmentos daquela determinada comunidade – diretor

escolar, coordenador pedagógico, funcionários de apoio, professores, pais e mães, entre outros. As decisões acerca dos assuntos da instituição escolar precisam ser tomadas por esses representantes e registradas em ata.

Os recursos financeiros advindos das administrações diretas (municipais e estaduais) ou do Tesouro Nacional (Governo Federal) são administrados por esses órgãos. Em assembleias gerais ou reuniões periódicas, os representantes eleitos por cada segmento levantam as necessidades da creche, elencam critérios de prioridade e deliberam a compra de materiais e/ou contratação de serviços. Além disso, realizam a prestação de contas para tais administrações e para toda a comunidade escolar.

A gestão escolar das instituições escolares públicas, portanto, pressupõe a participação de diferentes pessoas e a troca de informações entre elas. Heloísa Lück (2006) afirma que:

[...] O entendimento do conceito de gestão [...], por assentar-se sobre a maximização dos processos sociais como forma e ímpeto para a promoção de mudanças, já pressupõe, em si, a ideia de participação, isto é, do trabalho associado e cooperativo de pessoas na análise de situações, na tomada de decisão sobre seu encaminhamento e na ação sobre elas, em conjunto, a partir de objetivos organizacionais entendidos e abraçados por todos. (LÜCK, 2006, p. 21).

Com base nesse novo conceito de administração da instituição escolar, o diretor pode e deve utilizar as TIC como ferramentas para esse processo democrático da gestão. Através da internet podem-se abrir outros canais de comunicação para a comunidade. O uso de e-mails para enviar e receber mensagens, sanando dúvidas dos pais, por exemplo, potencializa essa comunicação da creche com seus usuários.

Almeida (2004c) corrobora com a ideia desse novo conceito de administração escolar com sugestões práticas:

[...] as TIC podem ser incorporadas na escola como suporte para: a comunicação entre os educadores da escola, pais, especialistas, membros da comunidade e de outras organizações; a criação de um fluxo de informações e troca de experiências, que dê subsídios para a tomada de decisões; a realização de atividades colaborativas, cujas produções permitam enfrentar os problemas da realidade; o desenvolvimento de projetos inovadores relacionados com a gestão administrativa e pedagógica; a representação do conhecimento em construção pelos alunos e respectiva aprendizagem. (ALMEIDA, 2004c, p. 3).

O diretor escolar que acredita no uso das TIC para potencializar o processo de ensino e aprendizagem de seus professores e crianças, também pode utilizá-las para a

gestão da creche e para uma maior integração dessa com a comunidade em geral e com as famílias. Atualmente, um dos objetivos do trabalho desse profissional é de articular os diferentes segmentos da comunidade escolar na tomada de decisões (DALCORSO, 2015). Aproveitar os diferentes dispositivos (computador, notebook, smartphones, tablets etc.) e a internet para atingir tal objetivo é essencial para a formação de indivíduos cada vez para preparados para atuarem na atual *Sociedade em Rede* citada por Castells (1999).

3.3. A apropriação das tecnologias digitais pelo diretor escolar e seu papel de coordenador geral da equipe

Tomando por base a história do cargo de diretor escolar, retrocitada de forma bastante breve, antigamente não havia necessidade real desse profissional se aperfeiçoar, de buscar novos conhecimentos; sua função limitava-se a realizar trabalhos meramente burocráticos e administrativos. Ou seja, todos os meses ele preenchia e encaminhava os mesmos documentos e relatórios necessários para os locais previamente determinados, sem grandes alterações.

Com a transformação da sociedade e a consequente mudança do papel do diretor escolar, tal situação tornou-se completamente diferente. Espera-se que o gestor do século XXI busque constante aperfeiçoamento pessoal e profissional (DALCORSO, 2015). É através de uma formação continuada que ele será capaz de auxiliar a equipe da escola a construir novos conhecimentos.

E na *Sociedade em Rede* (CASTELLS, 1999) faz-se necessário um mínimo de domínio sobre o uso de tecnologias, como computador e internet. O diretor escolar, portanto, precisa aprimorar constantemente seus conhecimentos e buscar maneiras de usar, cada vez mais, as TIC em suas atividades profissionais. Porém, sabe-se que nem todos os diretores o fazem com propriedade.

Entretanto, conforme afirma José Carlos Antonio (2009):

O gestor não precisa ter um grande domínio da tecnologia para implementar essas ações [...], mas precisa ter sensibilidade para procurar na própria escola e na comunidade as pessoas que têm uma proximidade maior com essas tecnologias e delegar a elas as tarefas que requerem implementações práticas. Cabe ao gestor o papel de criar e manter condições para que essa equipe possa

trabalhar com autonomia e disponibilidade de recursos, sendo o ingrediente fundamental para o sucesso desse projeto apenas a predisposição dos gestores ao uso das TICs. (ANTONIO, 2009, p. 2).

O papel do diretor escolar tem deixado de ser de um chefe burocrático, de um mero supervisor do trabalho alheio. Suas atribuições atuais exigem que ele planeje momentos de reflexão para – e com – a equipe. O diretor também é responsável pela aprendizagem dos educandos, por suas conquistas e derrotas. Em vista disso, precisa continuar aprendendo a cada dia para contribuir com a equipe docente e discente.

O uso das TIC, em diversas situações do dia a dia na escola, já é realidade há algum tempo. Diferentes governos têm investido – ainda que não na medida necessária – na compra de computadores e acesso à internet em escolas de todo o país. Entretanto, é preciso avançar muito mais e garantir que todo cidadão brasileiro se aproprie dessas tecnologias e as utilize para diferentes fins, entre eles, a construção de novos conhecimentos.

O gestor, por sua vez, não pode e não deve ficar aquém desse assunto. Pelo contrário, precisa compreender as mudanças da sociedade e passar a usar computadores e internet como aliados de seu trabalho (ANTONIO, 2009). Também precisa repensar seu papel e, junto com toda a equipe, buscar renovações para o fazer pedagógico. A pesquisadora Mariluci Martino (2004) afirma que:

[...] a proposta de uma escola renovada, pressupõe uma mudança cultural, envolvendo os dirigentes e seus colaboradores no processo de formação contínua, visando conscientizá-los da necessidade de rever o seu papel frente às novas responsabilidades que lhes cabem. (MARTINO, 2004, p. 7).

Pode-se dizer que o papel do diretor escolar que trabalha nas escolas públicas atuais é de um coordenador geral da equipe. Esse profissional não pode se eximir de sua responsabilidade pedagógica, delegando-a somente aos professores e coordenadores pedagógicos. Precisa, ao contrário, assumir que sua atuação é fundamental para a equipe e que sempre há algo novo a aprender.

O diretor que separa tarefas administrativas de tarefas pedagógicas, cuidando somente das primeiras, ainda não tomou consciência de sua importância para o grupo. Para Myrtes Alonso (2004):

[...] o trabalho de gestão não comporta separação das tarefas administrativas e pedagógicas nos moldes em que costuma ocorrer. Mesmo porque, o trabalho administrativo somente ganha sentido a partir das atividades pedagógicas que constituem as atividades-fim, ou propósitos da organização escolar. Assim vista a questão, torna-se inaceitável a divisão, muito freqüente, de atribuições em que o diretor responde pelo trabalho administrativo rotineiro, burocrático e de representação, sem qualquer compromisso com o trabalho pedagógico, visto como responsabilidade exclusiva dos professores e especialistas do ensino. (ALONSO, 2004, p. 2-3; grafia original).

É importante, desse modo, que o gestor realmente faça parte da equipe, trabalhe com ela e se dedique à aprendizagem, tanto dos professores quanto dos educandos. Qualquer pessoa que assuma o cargo de diretor de escola precisa comprovar alguns anos de atuação em sala de aula. O diretor é somente um profissional um pouco mais experiente com a responsabilidade de coordenar a equipe. Alonso (2004) também afirma que:

[...] Na condição de educando ou de educador ambos se modificam. Portanto, o ato educativo é uma ação de via dupla e é com essa idéia em mente que professores e alunos devem se envolver nesse processo.
Os gestores, por sua vez, nada mais são do que educadores que, em dado momento, se tornaram responsáveis pela condução desse processo. Cabe-lhes, portanto, criar as condições necessárias para que ele se efetive, mas para tanto, é necessário que sejam parte desse processo e não apenas meros espectadores ou controladores da situação. (ALONSO, 2004, p. 7; grafia original; grifo meu).

O gestor escolar precisa, destarte, compreender as mudanças da sociedade e buscar meios de aprimorar sua atuação profissional. Apropriar-se das TIC tende a facilitar e potencializar seu processo individual e contínuo de construção do conhecimento, bem como a comunicação com a comunidade escolar. O próximo subitem trata sobre as tecnologias digitais e a integração com as famílias.

3.4. As tecnologias digitais e a integração com as famílias

Com o intuito de favorecer e ampliar a integração da instituição escolar com as famílias, o diretor e toda a equipe escolar podem utilizar diferentes ferramentas comunicativas disponíveis na internet. Como já citado, nos dias atuais a internet, a partir das variadas opções de plataformas de acesso, como smartphones, tablets, notebooks, netbooks, ou mesmo via computadores de uso coletivo, permeia a rotina de pelo menos 107,7 milhões de brasileiros. Ou seja, os dispositivos móveis com acesso à internet estão mais acessíveis e muitos pais e mães tem acesso a ela.

No excerto a seguir, Kenski (2005) discorre sobre o uso dessas ferramentas comunicativas.

O uso das ferramentas comunicativas disponíveis na Internet – como o correio eletrônico, os *chats* (conversas) e fóruns de discussão – garantem maior troca e diálogo entre professores e alunos. Articuladas com as mais novas tecnologias – como a inserção de vídeos, a comunicação via voz, a visualização dos participantes em tempo real, ou seja, no momento que estão em aula, uso de simuladores tridimensionais etc. - as mídias digitais caminham para a integração de suas possibilidades, oferecendo condições que viabilizam o desenvolvimento de projetos educacionais para qualquer pessoa, a qualquer tempo e em qualquer lugar, desde que tenha acesso ao computador e à Internet. (KENSKI, 2005, s/p).

A pesquisadora Elenice Andersen (2013) dialoga com essa ideia afirmando que:

[...] A internet, em especial, dispõe de ferramentas projetadas para ampliar e enriquecer a interação/colaboração entre as pessoas. Quando aplicadas à educação, essas ferramentas criam um amplo espaço de possibilidades para facilitar e incentivar o aprendizado dos alunos, mais adequadas à realidade atual. (ANDERSEN org., 2013, p. 17-18).

Da mesma forma que essas ferramentas potencializam o processo de ensino e aprendizagem, também podem proporcionar uma maior comunicação e integração da creche com as famílias. Esse ato comunicativo “realiza-se na ação precisa que lhe dá sentido: o diálogo, a troca e a convergência comunicativa, a parceria e as múltiplas conexões entre as pessoas” (KENSKI, 2008, p. 663). Sendo assim, a creche, por meio das tecnologias digitais, pode favorecer a participação e o envolvimento das famílias nas questões escolares. Acerca desse assunto, Caetano e Yaegashi (2014) afirmam que:

[...] cada vez mais as pesquisas têm demonstrado dois resultados importantes no que diz respeito à relação entre escola e família: o primeiro é que, diferentemente do que julga a maioria dos professores e outros profissionais da educação, a família tem interesse em participar da vida escolar dos filhos e vem cada vez mais se interessando e se envolvendo com as atividades escolares. O segundo resultado é que realmente há significativa melhora no desempenho escolar quando a família se envolve, se interessa e se faz presente na vida da criança e nas suas atividades escolares. (CAETANO e YAEHASHI, 2014, p. 28).

Por isso, é necessária uma articulação de toda a equipe escolar no que tange à integração creche-família. Quanto mais abertos forem os canais de comunicação entre esses importantes contextos socializadores, maiores serão os ganhos de aprendizagem e desenvolvimento para as crianças, principalmente quando se trata da faixa etária de 0 a 3 anos.

O diretor escolar deve utilizar essas ferramentas, ou seja, as TIC, para facilitar seu trabalho e ter outras formas de comunicação com sua equipe e a comunidade que atende. Divulgar o endereço de e-mail da creche e responder às mensagens dos pais, criar um Blog com fotos e vídeos de diferentes atividades pedagógicas, abrir um grupo de estudos virtuais entre outras coisas, são maneiras de usar a internet a favor da integração creche-família (AMANTE, 2007). Através desses canais de comunicação, o diretor pode divulgar os projetos desenvolvidos na instituição escolar e tomar conhecimento das diferentes opiniões da comunidade acerca desse trabalho.

Moran Costas (2003) reforça essa ideia da necessidade de divulgação dos projetos desenvolvidos pela instituição escolar. Segundo o autor:

A internet é um espaço virtual de comunicação e de divulgação. Hoje é necessário que cada escola mostre sua “cara” para a sociedade, que diga o que está fazendo, os projetos que desenvolve, a filosofia pedagógica que segue, as atribuições e responsabilidades de cada um dentro da unidade. É a divulgação para a sociedade toda. É uma informação aberta, com possibilidade de acesso para todos em torno de informações gerais.
[...] Não basta só informar quais atividades existem, mas criar caminhos de comunicação, principalmente por meio de e-mails, listas de discussão, fóruns e *chats*. (MORAN COSTAS, 2003, p. 157).

É importante destacar que ao referenciar o diretor como responsável por divulgar o trabalho da creche não estou excluindo os demais profissionais. Toda a equipe, independente do cargo ou função que exercem no espaço escolar, é responsável por isso. Contudo, à figura do diretor é atribuída certa autoridade e, enquanto líder da equipe (HESSEL, 2004), cabe a ele avaliar e delegar tal responsabilidade a uma ou algumas pessoas, descentralizando a organização dessa divulgação mediada pelas tecnologias digitais.

Com base nessas informações, o diretor escolar ou algum outro profissional da creche pode, por exemplo, abrir um ambiente virtual de colaboração e aprendizagem. Há sites na internet que permitem criar gratuitamente estes grupos colaborativos. Geralmente, tais grupos oferecem recursos como chat, fóruns, possibilidade de arquivar documentos digitais, enquetes, etc. Todavia, faz-se necessário um acompanhamento sistemático do mesmo para que os objetivos sejam perseguidos e alcançados.

Pode-se, por exemplo, convidar funcionários, pais e mães, crianças (desde que já dominem a leitura e a escrita) e quaisquer outros para participarem de um fórum sobre a

revisitação do Projeto Político-Pedagógico por meio desse grupo (AMANTE, 2007). As contribuições advindas dos participantes, após ampla discussão no próprio grupo virtual, devem ser incorporadas ao documento. Dessa maneira, o gestor proporcionará que toda a comunidade escolar participe da elaboração do projeto da instituição, dividindo, assim, responsabilidades e ações.

Almeida (2003) afirma que, ao utilizarmos os ambientes virtuais, favorecemos a criação e a atualização de uma rede colaborativa formada pelos diferentes atores da instituição escolar, inclusive por familiares. O trecho a seguir elucida tal ideia.

A utilização de ambientes virtuais de colaboração e aprendizagem na escola favorece a criação e a atualização contínua de uma rede colaborativa formada por pessoas que atuam na escola (diretor, coordenadores, professores, funcionários, alunos), especialistas, membros da comunidade, outras organizações da sociedade civil ou autoridades da secretaria da educação etc. Esses e suas respectivas experiências articulam-se por meio da rede tecnológica, cuja função é conectar todos esses nós para a geração, integração e compartilhamento do conhecimento, organização das informações e manutenção de memórias dinâmicas. (ALMEIDA, 2003, p. 127).

Por fim, pode-se concluir que as TIC têm grande potencial para mediar uma maior integração creche-família. Contudo, “o uso das novas tecnologias, aqui em especial da internet, por si só, não é a solução milagrosa para *todos os problemas da educação*” (ANDERSEN org., 2013, p. 22, grifo meu). No trecho “*todos os problemas da educação*” estão inclusas as relações entre essas duas instituições, comumente avaliadas, no mínimo, como um complexo desafio. Assim, mais uma vez, as TIC são apresentadas como mais uma possibilidade mediadora de integração entre essas duas esferas.

Capítulo 4

Trajectoria Metodológica e Análise dos Dados

O Capítulo 1 apresentou o caminho metodológico desta pesquisa. O Capítulo 4, por sua vez, apresenta a trajetória metodológica definida para este caminhar. Ela está orientada pelos pressupostos teóricos da abordagem qualitativa (FLICK, 2004; SEVERINO, 2007; LÜDKE e ANDRÉ, 1986) e, neste processo, foi definida para a pesquisa empírica as orientações teóricas do estudo de caso (YIN, 2005) e os dados tratados e analisados de acordo com os princípios da análise de conteúdo (BARDIN, 1977; LANKSHEAR e KNOBEL, 2008).

A primeira etapa do estudo empírico foi a elaboração de um questionário para que todas as famílias das crianças matriculadas na creche pesquisada respondessem. Os objetivos de tal questionário foram:

- (a) averiguar se as famílias possuem acesso à internet em seu dia a dia;
- (b) quais dispositivos são mais utilizados para tal acesso; e
- (c) de que maneira o Blog da creche viabiliza ou não uma maior integração das famílias com a creche.

Antes de solicitar que todas as famílias respondessem ao questionário, fiz um “questionário piloto” com duas mães que também eram funcionárias da creche. Uma delas era professora e a outra auxiliar de cozinha. À época do questionário piloto, o filho da primeira frequentava seu segundo ano de creche (turma Infantil I, de 2 anos) e a filha da segunda seu terceiro ano de creche (turma Infantil II, de 3 anos). Ambas trabalhavam na creche há mais de cinco anos e participavam dos órgãos colegiados que a constituem.

A intenção era que elas avaliassem as dificuldades e/ou facilidades em responder ao questionário, apontando possíveis alterações que pudessem contribuir para uma melhor compreensão das demais pessoas acerca do que se pedia. Como a maior parte das famílias das crianças atendidas tem a mesma escolaridade da auxiliar de cozinha, a saber, ensino médio completo, as sugestões trazidas por ela foram valiosas no que diz respeito ao

entendimento do referido instrumento. Suas indicações, portanto, foram de grande valia para que o questionário atingisse seu objetivo.

A priori, na questão de número 2 (*vide* “Anexo A”) eu havia utilizado o termo “dispositivo” com o intuito de que as famílias assinalassem quais deles são geralmente utilizados por elas para o acesso à internet (computador e/ou notebook em casa; computador e/ou notebook no trabalho; celular/smartphone; tablet, entre outros). A mãe e também auxiliar de cozinha não entendeu esse termo e procurou a professora – que também estava contribuindo com o questionário piloto – para que a mesma lhe explicasse o que estava sendo solicitado na questão número 2.

Após a explicação da professora, a auxiliar de cozinha conseguiu compreender e finalizar o questionário. Ao me entregar, perguntei se havia sido difícil responder, se tinha algo que ela não havia entendido e que eu deveria mudar e se foi demorado ou não para responder. Em nenhum momento ela externou a mim sua dificuldade para com o termo “dispositivo” e comentou que foi rápido e fácil responder ao questionário.

Entretanto, a professora e também mãe que estava respondendo ao questionário piloto alertou-me quanto ao ocorrido com a outra mãe. Disse que para ela foi muito fácil compreender o termo “dispositivo”, mesmo que o desconhecesse, pois abaixo havia uma lista dos aparelhos que uma pessoa pode ter e/ou usar para acessar a internet. Contudo, pontuou que talvez os demais pais apresentassem a mesma dificuldade que a auxiliar de cozinha e, portanto, sugeri a mudança do vocábulo. Dessa forma, substituí “dispositivo” por “aparelhos”.

Sendo assim, a avaliação da professora, que possui superior completo, contribuiu com a visão mais técnica do questionário. Somente após as alterações, a partir desse piloto, o instrumento foi encaminhado a cada família via agenda, com prazo determinado para devolução. Essa agenda é um caderno brochura, de capa dura, pequeno, fornecido pela Secretaria de Educação anualmente a cada uma das crianças que frequentam creche. Ele é levado e trazido diariamente pelas famílias dentro das mochilas das crianças e é um dos principais meios de comunicação entre a creche e as famílias.

Dessa forma, segui o que Lankshear e Knobel (2008) indicam, ou seja,

Obter dados confiáveis [...] requer tomar muito cuidado para garantir que nossas questões sejam tão transparentes e claras quanto possível. *Precisamos checar isso, testando as questões com diferentes pessoas e verificando como elas as*

entendem. Igualmente, precisamos tomar cuidado quando formulamos uma questão para diferentes participantes. Por exemplo, precisamos ter certeza de que nossa tentativa de tornar uma questão clara não tenha, inadvertidamente, transformado a pergunta em algo diferente do que era, quando formulada a outro informante. É possível transformar a mesma questão em algo diverso, pela maneira como formulamos essa pergunta para diferentes pessoas ou pela sequência ou circunstâncias nas quais as formulamos. (LANKSHEAR e KNOBEL, 2008, p. 158; grifo meu).

Até o prazo estipulado, dos 87 questionários enviados foram devolvidos 64. Houve 23 famílias que não responderam/não devolveram o referido instrumento. A partir dos questionários devolvidos, selecionei alguns usando como critério as respostas mais completas ou com maior quantidade de informações. Essa seleção também levou em conta o critério das turmas da creche, ou seja, busquei separar ao menos um questionário respondido para cada faixa etária atendida na instituição. Em vista disso, foram selecionados dois questionários entre as famílias das crianças de 7 meses a 1 ano e 4 meses (turma Berçário), dois entre as famílias das crianças de 2 anos (turmas Infantil I) e dois entre as famílias das crianças de 3 anos (turmas Infantil II).

Foi necessário selecionar mais do que um questionário por faixa etária porque o objetivo era entrevistar o membro da família que realmente havia respondido ao questionário selecionado. Caso um familiar de uma determinada faixa etária de crianças não aceitasse participar da entrevista eu já teria outro para convidar a fazê-lo. Além disso, uma das professoras das turmas, cuja faixa etária era idêntica aos dos filhos dessas famílias previamente selecionadas, também foi entrevistada.

As respostas às perguntas de ordem quantitativa do questionário enviado às famílias foram tabuladas para facilitar a análise (*vide* “Gráficos 1 ao 8”). Todas as entrevistas, tanto com as famílias quanto com as professoras, foram transcritas e encontram-se nos “Anexos C, D, E e F”, respectivamente. As informações colhidas e analisadas foram confrontadas com o aporte teórico pesquisado. Os resultados dessa análise permitiram comparar as opiniões das famílias e das professoras acerca da integração creche-família mediada pelas tecnologias digitais. Esses serão os assuntos que abordarei nos próximos subitens.

4.1. Sobre o questionário enviado às famílias

Após a devolutiva do questionário piloto pelas mães/profissionais, da análise das respostas que elas deram e da realização das alterações indicadas por elas terem sido efetivadas, imprimi o questionário e o encaminhei às famílias via agenda da criança. As famílias foram avisadas que se tratava de um questionário para elaboração de uma pesquisa científica de um curso de pós-graduação que eu estava realizando e que todos os dados pessoais seriam preservados. Já é de praxe solicitar que os pais preencham documentos administrativos e/ou pedagógicos via agenda, logo, as famílias já estão acostumadas com esse processo e sempre colaboram, infelizmente com algumas exceções. As respostas às perguntas de ordem quantitativa do instrumento foram organizadas em gráficos que serão apresentados a seguir.

Gráfico 1 – Acesso à internet pelas famílias

Fonte: A autora (2017)

Analisando o “Gráfico 1” percebe-se que quase a totalidade das famílias que responderam ao questionário tem acesso à internet – somente três famílias disseram não ter tal acesso. Isso indica que minha percepção, citada ainda na Introdução, de que os pais das crianças bem pequenas também têm acesso à Rede Mundial de Computadores, tal qual os pais dos pré-adolescentes e adolescentes de 9 a 17 anos que participaram da pesquisa *TIC Kids Online Brasil 2015*, tem fundamento. Saber que a maior parte das famílias das

crianças atendidas na creche tem acesso à internet é muito importante, pois sem conectividade a integração creche-família mediada pelas tecnologias digitais não acontece.

Por outro lado, os profissionais da instituição de Educação Infantil que pretendem uma maior integração com as famílias por meio das tecnologias digitais precisam buscar formas alternativas para que nenhuma família – e, conseqüentemente, nenhuma criança –, fique à margem dessa integração creche-família. Além das três famílias que responderam ao questionário dizendo não ter acesso à internet, há outras 23 que não o devolveram e que também precisam ser consideradas. Isso nos leva a refletir sobre a responsabilidade e sobre os desafios que esses profissionais enfrentam em seu dia a dia ao ter que atender igualmente a famílias com ou sem condições de interação e comunicação com a creche por meio dos recursos digitais.

Gráfico 2 – Aparelho/dispositivo usado pelas famílias para acesso à internet

Fonte: A autora (2017)

Quanto aos dispositivos utilizados pelas famílias para ter acesso à internet, o “Gráfico 2” aponta que computadores e/ou notebooks ocupam a segunda colocação, sendo os celulares/smartphones os primeiros colocados. A população brasileira tem utilizado cada vez mais o celular para acessar a internet. Os dados da *28ª Pesquisa Anual de Administração e Uso de Tecnologia da Informação nas Empresas*¹¹ (2017), realizada pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, apontam que até o final de 2017 o Brasil terá um smartphone em uso por habitante. Consequentemente, o acesso à internet “na palma da mão”, como é citada popularmente, tende a crescer.

Além de serem dispositivos geralmente mais baratos do que computadores e notebooks, os celulares congregam diferentes funções e quase sempre estão à mão das pessoas. Eles são chamados de smartphones, ou seja, telefones inteligentes, justamente porque possuem diferentes funções, entre elas a de realizar ligações e se conectarem à internet. Por conta dessa conexão com a internet, os smartphones ampliam ainda mais suas possibilidades de uso, principalmente por causa de aplicativos gratuitos que permitem a comunicação sem custo através do envio de mensagens de texto, áudios, fotos, vídeos e até mesmo ligações.

Em dias de atividades com as famílias na creche, os celulares estão sempre à mão dos pais para fotografar e/ou filmar suas crianças. E, geralmente, esse conteúdo produzido por eles é postado nas redes sociais de algum membro da família. As instituições de Educação Infantil precisam (e devem!) estar atentas a esse fato. Como os celulares/smartphones estão sempre à mão dos pais e familiares, pode-se buscar ampliar a integração creche-família por meio de aplicativos que sejam facilmente acessados pelo celular, sem se esquecer de, paralelamente, buscar tal ampliação também por outros meios, almejando incluir todas as famílias, sem distinção.

¹¹ Os dados da pesquisa foram divulgados na reportagem “Até o fim de 2017, Brasil terá um smartphone por habitante, diz FGV”, publicada pela Jornal Estadão, em 19 de abril de 2017.

Gráfico 3 – Frequência de acesso à internet pelas famílias

Fonte: A autora (2017)

O “Gráfico 3” ilustra a frequência de acesso à internet pelas famílias. A maior parte acessa diariamente (48 famílias) e grupos menores acessam semanalmente (4 famílias) ou quinzenalmente (2 famílias). Esses números indicam que a maior parte tem condições, em termos de acesso à internet, de acompanhar, ao menos duas vezes ao mês, o que a creche compartilha via internet. Cabe à creche, então, explorar esse potencial não só para divulgar as atividades desenvolvidas com os pequenos, mas também para ampliar a integração creche-família, permitindo que as mesmas expressem suas opiniões e participem do planejamento de novas ações.

Gráfico 4 – Sobre as famílias acessarem a internet para acompanhar o Blog da creche

Fonte: A autora (2017)

Observando o “Gráfico 4” constata-se que 37 famílias não tem o costume de acessar a internet para acompanhar o trabalho da creche pelo Blog. Ou seja, mais da metade das famílias que responderam ao questionário afirmaram não acessar a internet com esse intuito. Essa constatação indica que o Blog da creche ainda não é uma ferramenta eficaz na divulgação do trabalho com os pequenos e na integração creche-família. Faz-se necessário um maior investimento na divulgação do Blog junto às famílias e uma avaliação contínua acerca dos conteúdos postados ou mesmo do tipo de plataforma utilizada para se atingir tais objetivos.

Gráfico 5 – Meios de comunicação que as famílias utilizam com a creche

Fonte: A autora (2017)

Conforme o “Gráfico 5”, as famílias apontaram a Agenda como primeiro item de comunicação entre elas e a creche – 52 famílias a citaram como o meio mais utilizado para se comunicarem com a instituição escolar responsável pelos seus filhos. O segundo meio mais citado foram as conversas pessoais nos momentos de entrada ou saída das crianças (41 famílias) e o terceiro o telefone (33 famílias). Os recursos de tecnologia digital que a creche utiliza atualmente para viabilizar tal comunicação, a saber, o Blog e o e-mail da instituição, foram citados por somente duas famílias. Tais dados reforçam a responsabilidade que as equipes das instituições de Educação Infantil têm em relação a instigar e favorecer diferentes meios para a integração creche-família.

Como já descrito no Capítulo 2, Vitor Paro (2000), Oliveira (1998; 2010), Polonia e Dessen (2005), Goldschimied (2006), Oliveira-Formosinho (2013), entre outros, apontam que os profissionais da educação que atuam na instituição escolar são os principais responsáveis por construir uma relação de parceria com as famílias, principalmente quando se trata do atendimento à primeira infância. A comunicação creche-família mediada pela tecnologia digital pode (e deve!) acontecer, desde que outras formas de comunicação não

sejam desconsideradas. Sendo assim, as diferentes características das famílias precisam ser consideradas quando tais profissionais estiverem planejando seu percurso rumo a uma maior integração creche-família.

Gráfico 6 – Avaliação das famílias acerca da relação creche-família

Fonte: A autora (2017)

Quanto à questão que solicita uma nota de 0 a 10 para a relação creche-família, apresentada no “Gráfico 6”, apesar dos números mostrarem que a maior parte das famílias deu nota 10 (49 famílias) ou nota 9 (nove famílias), nem todas as justificativas estavam atreladas a essa relação. O rol completo de justificativas para a questão de número 6 do questionário enviado às famílias pode ser encontrado no “Anexo B”. Por hora, vou ater-me somente a algumas justificativas.

Em uma delas, por exemplo, a mãe relata precisar da creche “para trabalhar em paz”, por isso, deu nota 10. Outra família justificou ter dado a mesma nota “porque as crianças são bem tratadas, têm boa educação e os horários de alimentação e de atendimento aos pequenos são ótimos”. E uma terceira família disse que dava tal nota porque a creche “mantém a criança alimentada e cuidada”. Tais justificativas revelam que algumas famílias ainda veem a creche somente como um local responsável por cuidar de seus filhos

enquanto trabalham, ou seja, que atendem suas necessidades de ter com quem deixar a prole.

Entretanto, várias justificativas apontam realmente para a relação creche-família. É o caso das frases “boa relação, dispostos a conversar com a família”; “escola entra em contato com os pais sempre que necessário, demonstra preocupação e carinho”; “funcionários esclarecem as dúvidas”; “há diálogo com a família”; “fácil acesso para comunicar-se com as educadoras”, entre outras. Isso indica que a maior parte das famílias atribuiu uma nota alta à questão da relação entre creche e família a partir da compreensão total da questão.

Gráfico 7 – Sobre outras formas de comunicação com a creche via internet

Fonte: A autora (2017)

O “Gráfico 7” evidencia o interesse das famílias em utilizar outras formas de comunicação via internet com a creche. Somente quatro famílias disseram que não o fariam, sendo que três delas são as que afirmaram não possuir acesso à internet. Ou seja, praticamente todas as famílias, que responderam ao questionário e que possuem condições de acesso à Rede Mundial de Computadores, demonstraram interesse em utilizar outras ferramentas de comunicação via internet para comunicar-se com a creche.

Analisando essas respostas, considero que se a instituição de Educação Infantil se propuser a utilizar outras formas de comunicação via internet poderá ampliar a comunicação com as famílias, estreitar laços e construir um trabalho em parceria. Todos esses objetivos também podem ser alcançados sem a mediação da tecnologia digital, contudo, se a mesma for utilizada, um leque maior de possibilidades estará à disposição tanto da instituição quanto da família. A creche poderá enviar fotos de atividades coletivas com as crianças para os pais e convidá-los a vir participar de algo parecido com seus filhos em uma data pré-determinada, por exemplo. As famílias, por sua vez, podem gravar pequenos vídeos de suas crianças em casa lendo o livrinho emprestado da Biblioteca Circulante e enviar para os educadores; tudo isso pela internet, sem custos com impressão de fotos ou gravação de CD's.

Mas, essa não será uma tarefa fácil! Será preciso conversar previamente com as famílias, expor os objetivos, as finalidades, as “regras de etiqueta” para utilização de uma determinada ferramenta de comunicação via internet, entre tantas outras coisas. As famílias precisarão compreender que a possibilidade de se comunicar com a creche de seus filhos via internet não substituirá a participação presencial nas reuniões com pais, por exemplo, nem permitirá que eles conversem virtualmente com os educadores fora de seus horários de trabalho ou durante o período em que os mesmos estão em atividades com os pequenos. Além disso, à instituição de educação infantil caberá o cuidado de não excluir nenhuma família e nenhuma criança de nenhum tipo de atividade.

As famílias que não possuem acesso à internet precisarão receber via Agenda as fotos impressas de atividades coletivas com as crianças e o convite para participarem de uma atividade equivalente em data pré-determinada. É dever da instituição de Educação Infantil buscar estratégias para envolver todas as famílias e todas as crianças em tudo o que for planejado e realizado para esse fim.

Gráfico 8 - Sobre aplicativo ou recurso tecnológico que as famílias gostariam que a creche tivesse para ampliar a comunicação e a integração escola-família

Fonte: A autora (2017)

A análise das respostas que deram origem ao “Gráfico 8” identifica o *WhatsApp*¹² como o aplicativo mais citado pelas famílias quando questionadas que tipo de aplicativo ou recurso tecnológico elas gostariam que a creche tivesse para ampliar a comunicação e a integração creche-família. Tal aplicativo também foi citado por uma mãe e pelas três professoras entrevistadas como uma possibilidade de facilitar a integração creche-família. O segundo aplicativo mais citado pelas famílias foi o *Facebook (Messenger)*: 16 familiares o indicaram como resposta para a questão.

Somente quatro famílias indicaram o Blog como recurso tecnológico para ampliar a comunicação e a integração creche-família. Agregando esse dado às constatações de que

¹² Aplicativo de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones (celulares “inteligentes”, com acesso à internet). Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos, documentos em PDF e fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet.

37 famílias não acessam a internet para acompanhar o trabalho da creche pelo Blog e que somente duas famílias utilizam o Blog ou o e-mail para comunicar-se com a creche, infere-se que o Blog da creche não tem cumprido a contento seu papel de divulgador das atividades realizadas com as crianças por nós atendidos. Ele precisa ser reavaliado e reformulado para tornar-se mais atrativo, além da necessidade de divulgá-lo às famílias ao longo de todo o ano letivo.

Finalizando, a última pergunta do questionário buscava captar de que maneira as famílias achavam que poderiam participar mais ativamente da vida escolar de seus filhos. Novamente, a íntegra das repostas poderá ser encontrada no “Anexo B”; as frases a seguir são somente uma amostra do que as famílias responderam.

Eis algumas dessas respostas: “pelo *WhatsApp*”; “criando grupo de mães no *WhatsApp*”; “através das Redes Sociais”; “tendo uma comunicação mais imediata (mãe relata que a Agenda é um bom instrumento, que as professoras informam todas as coisas, contudo, gostaria de algo mais rápido, mais imediato, para a comunicação)”; “que a escola utilize o *WhatsApp* e o *Facebook*, ferramentas praticamente em tempo real”; “acompanhando as atividades das crianças pela internet, por conta da vida corrida dos pais”; “mantendo mais comunicação entre escola e família”; “buscando ter acesso ao Blog”. Essas frases mostram que as famílias têm o desejo de utilizar recursos tecnológicos da internet para estreitar o relacionamento com a creche e, conseqüentemente, acompanhar mais ativamente a vida escolar de seus pequenos. Cabe à instituição escolar planejar e gerenciar a utilização dos recursos da internet para favorecer a integração creche-família.

4.2. Sobre as entrevistas com as famílias

Foram entrevistados três representantes das famílias, um para cada faixa etária das crianças atendidas na creche pesquisada. Todas as entrevistas foram realizadas na própria creche nos momentos de entrada ou de saída das crianças e tiveram seus áudios gravados, devidamente autorizados pelos entrevistados. Participaram desse processo um pai e duas mães. O Pai A representa as famílias das crianças da Turma Berçário (de 7 meses a 1 ano e 4 meses); a Mãe B representa as famílias das crianças das Turmas Infantil I (2 anos) e a Mãe C representa as famílias das crianças das Turmas Infantil II (3 anos).

Para as entrevistas segui uma relação de perguntas semiestruturadas e as mesmas tiveram uma média de 10 minutos de duração (*vide* “Anexos C e D”). Todos os primeiros selecionados, a partir do questionário devolvido, aceitaram ser entrevistados, sendo assim, não houve necessidade de convidar nenhum outro representante por faixa etária. O ambiente escolhido para a entrevista foi a sala da direção.

As primeiras perguntas da entrevista tinham o objetivo de averiguar a quanto tempo os filhos daquelas pessoas estavam frequentando a creche e a visão geral de cada um acerca do trabalho que vem sendo desenvolvido pela instituição. A avaliação dos representantes das famílias reforçou a responsabilidade da equipe em manter um trabalho de qualidade. Os entrevistados afirmaram que o trabalho é muito bom; justificaram suas falas relatando as aprendizagens de seus filhos e comparando a creche com outras instituições de educação infantil das proximidades:

É muito bom. Não tenho nada... tanto no desenvolvimento dele, está sendo ótimo. A gente notou que ele vem desenvolvendo cada dia mais, né? (Trecho da Entrevista com o Pai A).

Olha, eu acho excelente. O trabalho daqui é uma das melhores escolas, das creches que eu conheço, inclusive por opinião de outras mães de outros bairros (Trecho da Entrevista com a Mãe B).

Achei maravilhoso, porque o desenvolvimento dela foi super rápido (Trecho da Entrevista com a Mãe C).

Na pergunta seguinte, os representantes das famílias tinham que comentar sobre o que achavam da relação creche-família. O Pai A e a Mãe C disseram que tal relação é muito boa, que a creche complementa a educação ofertada pelos pais e que as crianças são muito beneficiadas com isso. A Mãe C afirmou que compreende a creche como uma segunda casa para sua filha. Suas palavras, transcritas a seguir, traduzem bem esse sentimento.

Aqui foi onde ensinou a ela [filha] os primeiros passos, igual o que eu falei na outra questão. Em casa, como a gente trabalha, é... o horário é muito corrido. A gente não tem aquele horário... a rotina, principalmente. Então, assim, a creche tem a rotina de comer, de brincar, de aprender a escovar os dentes, de tudo isso, então, assim, a creche em si ajuda muito a mãe que trabalha fora, né? É um trabalho, assim, que você não tem nem como agradecer! (Trecho da Entrevista com a Mãe C).

As posturas desses dois representantes frente à relação creche-família, com o intuito de favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, reforça o que Caetano e

Yaegashi (2014) discutem. Relembrando, para as autoras a família atual reconhece “que a escola é a instituição habilitada e legítima para auxiliar na educação e formação de seus filhos” (CAETANO e YAEHASHI orgs., 2014, p. 5). O Pai A e a Mãe C verbalizaram, cada um a seu modo, que confiam nas professoras e na creche em geral para auxiliá-los no árduo trabalho de formação de seus respectivos filhos.

A Mãe B também expõe uma avaliação positiva quanto à relação creche-família, contudo, aponta que o período de adaptação das crianças é relativamente longo e que isso “aperta” as famílias. Na verdade, cada criança tem seu próprio ritmo para adaptar-se à rotina da creche, mas, enquanto órgão regulador, a Secretaria de Educação de São Bernardo do Campo determina um prazo para que as crianças frequentem a creche em um horário reduzido. Apesar de não agradar algumas famílias por diversos motivos, entre eles os horários diferenciados de atendimento às crianças nas primeiras semanas letivas, a adaptação é um processo fundamental para o bem estar dos pequenos.

As falas dos três entrevistados apontam para algo previamente constatado por Bronfenbrenner (2011), ou seja, para as ligações e os processos que ocorrem entre dois ou mais ambientes que contêm a pessoa em desenvolvimento, no caso, a criança nos contextos da família e da creche. Para o pesquisador, os *contextos integrados* são muito importantes na ecologia do desenvolvimento humano e o que ocorre em um contexto mais amplo influencia diretamente um contexto mais íntimo. Assim, as citações do Pai A e da Mãe C enfatizam as aprendizagens que a creche proporcionou aos seus pequenos e a Mãe B os “apertos” que algumas famílias enfrentam durante as primeiras semanas de adaptação das crianças por conta do horário de atendimento da creche.

Quando questionados sobre o que achavam da comunicação entre a creche e as famílias, os representantes entrevistados evidenciaram a constatação feita a partir do questionário enviado às famílias e citado anteriormente. Ou seja, a Agenda é o principal meio de comunicação entre ambas as instituições. Todos os representantes a citaram e salientaram sua importância; os trechos a seguir comprovam tal afirmação.

A comunicação é boa, né? A gente sempre está sendo notificado. *Tem uma agenda, uma agendinha que a gente sempre está olhando*; às vezes a gente até esquece de assinar, mas tudo o que acontece a gente está sendo comunicado no dia a dia por essa agenda. (Trecho da Entrevista com o Pai A; grifo meu).

Os meios de comunicação estão bem... *é a caderneta*, é a conversa, às vezes, no portão, pra mim está ótimo. (Trecho da Entrevista com a Mãe B; grifo meu).

Eu acho ótimo. [...] Porque, assim, *a creche, ela escreve na agenda o que a mãe precisa saber sobre o filho*, se acontecer um problema elas informam, elas ligam,

elas se preocupam com a criança. (Trecho da Entrevista com a Mãe C; grifo meu).

Como a pergunta seguinte dizia respeito à comunicação entre creche-família por meio da internet, ficou evidente que isso ainda não está efetivado na instituição pesquisada e que um longo caminho precisa ser trilhado para se atingir plenamente tal objetivo. Em sua resposta, a Mãe B demonstrou preocupação com as famílias que não possuem acesso à internet dizendo que:

“[...] tem algumas mães que eu acho que vai ficar sem [comunicação com a creche], né, porque não é todo mundo que tem acesso a internet. Apesar da era digital estar... mas eu acho que ainda tem pessoas que não tem acesso à internet cem por cento.” (Trecho da Entrevista com a Mãe B).

Em outras palavras, a Mãe B pontuou que se a creche extinguir o principal meio de comunicação com as famílias, a Agenda, muitas delas não receberão os recados e não conseguirão dialogar com os educadores como ocorre atualmente. A Mãe C externou essa mesma preocupação em outro momento da entrevista.

Por outro lado, os três representantes entrevistados acessam diária ou semanalmente a internet, principalmente através de seus celulares ou tablets, ou seja, por meio de dispositivos móveis. Também afirmaram que utilizariam algum aplicativo para comunicação com a creche ou com as educadoras de seus filhos se a instituição assim o propusesse e se fosse seguro – os dados apresentados pelos representantes das famílias são idênticos aos constatados por meio dos questionários enviados às mesmas. Assim, pode-se inferir que as famílias, já usuárias das tecnologias digitais em diversos momentos de suas rotinas, preocupam-se com aqueles que talvez não tenham acesso à internet, mas gostariam de ter canais virtuais de relacionamento com a creche de seus filhos, sem desprezar as formas mais tradicionais de contato.

A Mãe B, por exemplo, diz ser essencial que a creche tenha um canal de comunicação com as famílias via internet e o Pai A reforça que tudo o que auxiliar a família a acompanhar o desenvolvimento de sua criança será válido. Contudo, a Mãe C demonstra certa preocupação quanto a isso e alega que não acha seguro “colocar tudo na internet”. Sua fala quanto à segurança das crianças e das próprias famílias revela um sentimento de cautela e não de ojeriza em relação às tecnologias digitais mediando a relação creche-família. É necessário procurar cercar-se de todas as ferramentas possíveis

para evitar transtornos futuros quando se trata de segurança na internet e a preocupação da Mãe C reforça ainda mais a responsabilidade dos profissionais da instituição.

Ao serem perguntados sobre o Blog da creche, os representantes das famílias também demonstraram o que foi verificado por meio do questionário. O Pai A afirmou desconhecer que a creche tinha um Blog; a Mãe B disse que em três anos que seu filho frequenta a creche só o acessou uma vez, alegando falta de tempo; e a Mãe C, mais preocupada com a segurança, disse que sempre acessava o Blog porque ele é uma ferramenta tecnológica só da escola e, segundo ela, “era um meio mais seguro”. É possível identificar que o Blog da instituição precisa ser mais divulgado para as famílias e, conforme indicou uma professora em sua entrevista, precisa ser mais atrativo.

Por fim, é importante destacar o relato que a Mãe B fez sobre a criação de um grupo de mães no aplicativo *WhatsApp* para agilizar a comunicação entre elas. Pouco antes da última Reunião com Pais do ano de 2016, as mães decidiram se juntar e comprar presentes para as educadoras de seus filhos e utilizaram tal aplicativo para se comunicarem. Essa mãe contou que o grupo permanece ativo, mesmo após o início de um novo ano letivo, e sugeriu que a creche também tenha um grupo de *WhatsApp* para comunicação com as famílias. Isso corrobora com a ideia das pesquisadoras Oliveira-Formosinho (2013) e Goldschmied (2006) de que é a instituição de Educação Infantil quem deve proporcionar diferentes formas de participação das famílias, a começar pela divulgação dos trabalhos das crianças.

4.3. Sobre as entrevistas com as professoras

Da mesma forma que as famílias, foram selecionadas três professoras para serem entrevistadas. O critério utilizado também foi da faixa etária das crianças. Assim, em paralelo com os representantes das famílias, a Professora A representa as educadoras da Turma Berçário; a Professora B representa as educadoras das Turmas Infantil I e a Professora C representa as educadoras das Turmas Infantil II.

Todas as três professoras têm acesso à internet e a utilizam diariamente através do celular e/ou notebook (o celular foi o primeiro colocado nos dispositivos de acesso à internet pelas famílias, como mostra o “Gráfico 2”). As professoras afirmaram que utilizam as tecnologias digitais para estudar e para realizar seus planejamentos.

O relato da Professora C acerca da maneira como utiliza a internet para desenvolver seu trabalho pedagógico aponta que ela realmente incorporou o uso das tecnologias digitais em sua prática. O trecho a seguir elucida isso.

Bom, o planejamento ele é feito todo pela internet, apesar da coordenação nos dar uma ficha onde podemos fazê-lo eu opto por fazer pelo computador, porque é mais fácil pra fazer correções; depois que eu termino eu imprimo. Esse seria o registro, né?! Os relatórios também são feitos no computador, as fotos são tiradas e armazenadas também nele, mas acima de tudo ele é utilizado para planejar a aula, né! Definir o que eu quero fazer com meus alunos, separar material para utilizar com eles, procurar bons exemplos de atividades dentro do tema que eu estou trabalhando, então, o meu trabalho gira em torno das tecnologias.

Então, mesmo você trabalhando com a faixa etária de 0 a 3 anos, que, na teoria, teria um pouco mais de dificuldade para a utilização educacional das tecnologias, você consegue inseri-las em seu trabalho, é isso?

Sim, e com as crianças eu faço uso do projetor multimídia... ele foi muito utilizado nesses 2 anos em que eu trabalhei na creche e, no ano passado, eu comecei a trabalhar com o computador com eles. No final do ano eu apresentei a eles um programa chamado *Tux Paint*, um programa de desenho que você pode utilizar com crianças a partir de 3 anos, que era o público alvo que eu trabalhei no ano passado e me chamou muita atenção porque quando eu apresentei o *notebook* para eles com o mouse, o dedinho deles foi automaticamente buscar pela tela, tentar através do toque mexer, então essa é uma geração do *touch*, do toque, não é mais uma geração do mouse, né?! Então, assim, eu utilizo no planejamento, mas também comecei a utilizar com as crianças, eles desenvolvendo atividades. (Trecho da Entrevista com a Professora C).

As demais professoras também relataram utilizar as tecnologias digitais para realizar seus planejamentos, mas não o fazem de forma direta com suas crianças, talvez, porque essas são mais novas do que as crianças da turma da Professora C, ou, ainda, porque a experiência pedagógica da Professora C com a tecnologia digital é mais significativa do que das demais professoras entrevistadas. Já em relação ao uso das tecnologias digitais para comunicação com as famílias, as experiências das Professoras B e C estão relacionadas com o aplicativo *WhatsApp*, indicado pela maioria dos pais que respondeu ao questionário como uma possibilidade de ampliação da comunicação entre creche-família. A Professora A afirma nunca ter utilizado nenhum recurso tecnológico para conversar com as famílias de seus pequenos.

As experiências relatadas pelas professoras B e C foram bem pontuais e somente com um familiar, de uma única criança. A Professora B relata que uma mãe pediu o contato dela para as cozinheiras da creche por ser manicure e querer ofertar seus serviços à professora, mas, na visão da Professora B, isso foi um pretexto para estreitar a comunicação entre mãe e professora. A mãe enviava mensagens pelo *WhatsApp* questionando a Professora B sobre o comportamento de sua filha na creche. Era nítida sua

preocupação com o bem estar da criança e a professora comenta sobre sua preocupação em responder ou não a mãe e com o receio em se comprometer.

No começo eu fiquei meio com receio, pensei assim: falo, não falo, até que ponto eu posso ir, até que ponto eu posso falar; porque, a partir do momento em que a gente escreve tá mais comprometido do que o que a gente tá falando, né?! Será que, de repente, ela não iria usar isso, qualquer coisa que eu falasse, não sei né! E aí, de repente, ela me chamou e falou: “Ah, eu pedi seu telefone, eu queria saber da L., como ela está, como foi o dia dela na escola, tudo”. Algumas vezes eu falava e outras vezes eu me sentia um pouco limitada, porque eu fiquei pensando assim: “Mas, como também agradar? Estou fazendo essa comunicação só com ela, mas e as outras mães?” – pensei também nisso, porque ela pediu, as outras mães nunca solicitaram, mas também, será que não tinham curiosidade de saber, né?! E, também, achei assim, que acaba se comprometendo, por um lado, assim... às vezes vai ficar visualizando a última hora que você viu, fico pensando também neste sentido; às vezes a pessoa dá uma olhadinha e... mas aí podem pensar: “Será que ela está trabalhando, será que ela está cuidando”. (Trecho da Entrevista com a Professora B).

A Professora C também disse ter utilizado o *WhatsApp* como ferramenta de comunicação com uma avó e que gostaria de ampliar tal comunicação no ano letivo que se iniciava à época da Entrevista, a saber, 2017. Contudo, pela pequena experiência vivenciada no ano anterior, a Professora C comenta que é necessário construir regras com os pais e mães das crianças para que os horários de descanso das professoras não virem horários de trabalho. O excerto a seguir aborda esse assunto.

O ano passado eu passei a me comunicar com uma avó de um aluno; na verdade, foi algo que aconteceu de forma indireta: eu tinha tirado fotos do neto dela e ela pediu para que mandasse pelo celular. E aí a gente acabou começando a conversar; teve um dia que ela até me pediu socorro, era um final de semana; ele estava com dores de cabeça e ela não sabia se ele tinha batido ou não a cabeça e ela acabou me perguntando. Era um domingo a tarde, né?! Eu tenho intenção de trabalhar; pra mim foi bacana, foi uma experiência pequena só com um familiar, no caso uma avó, mas quando eu for conversar eu já sei que a gente vai ter de estabelecer regras pra gente utilizar. Como é uma ferramenta que todo mundo tem, você pode falar com a pessoa a hora que você quiser, então, no meio profissional precisa estabelecer claramente regras com os pais. Mas no meu primeiro contato com o *WhatsApp* com essa avó eu já gostei, eu acho que vale a pena investir em utilizar essa ferramenta. (Trecho da Entrevista com a Professora C).

Quando questionadas se utilizariam algum aplicativo via internet para comunicação com as famílias caso a creche assim o propusesse, as três professoras afirmaram que o fariam. Isso indica que as educadoras estão dispostas a estabelecer uma maior integração creche-família por meio das tecnologias digitais. E a mesma afirmativa é real em relação às famílias, levando em consideração as constatações levantadas até o presente momento através dos questionários e das entrevistas realizadas com três representantes das famílias.

Na análise das professoras acerca do Blog da creche, chama atenção a observação da Professora C transcrita a seguir:

Eu acho ele [o Blog] pouco atrativo. Eu acho que a ferramenta, esse *Blogger*, ele caiu em desuso. Hoje nós temos ferramentas ainda gratuitas, que usam outro tipo de linguagem, se não me engano é HTML 5, que ela é mais potente e ela chama mais atenção, além de ela ser mais fácil de a gente encontrar as informações. Eu sugeriria a troca do antigo *Blogger* para – é chamado de Wix essa plataforma, que é HTML 5 – para o Wix.

As professoras A e B pontuam que, apesar de divulgarem e comentarem sobre o Blog da creche nas reuniões com pais, as devolutivas que sempre receberam foram de que poucos pais visualizavam as postagens. Os trechos a seguir tratam sobre o assunto.

[...] é interessante! É interessante o que é divulgado no Blog, o que é colocado. Mas, ao mesmo tempo, a gente tem um retorno de que nem todas as famílias veem. Não sei o porquê, não tem acesso, eles não têm acesso. Não sei se é porque não tem interesse ou até a correria do dia a dia termina não tendo acesso ao Blog da escola. Mas eu já acho que se tivesse um negócio, sei lá, um aplicativo, alguma coisa a parte que direcionasse, que fosse mais rápido o acesso, ficasse mais visível ali na tela, eles poderiam consultar melhor. (Trecho da Entrevista com a Professora A).

Eu acho ele [o Blog] muito importante, sempre nas reuniões eu buscava ressaltar essa questão: “Olha, visualizem”. Só foi mesmo no período de eleição que acabou não tendo atualização, mas às vezes o pai falava muito assim: “Ahn, mas é que eu nem sabia do Blog”; e a gente falava assim: “Foi na agenda, no começo do ano, um informativo que existe o Blog”; “Ahn, mas eu não tenho tempo de acessar, eu não posso, não sei o quê”; “Mas dá pra ser do celular!”; e alguns diziam que não conseguiam abrir. Tinha toda uma questão, mas eu acho muito importante sim, até pra eles saberem o trabalho que é realizado na escola, né?! Muitos pais não podem comparecer à reunião, ou não sabem o que é feito, ainda tem aquela ideia de que a creche é só brincar, que a gente não desenvolve nenhuma atividade... eu acho bem importante. Eu gostava e, muitas vezes, eu acompanhava sim o que era postado. (Trecho da Entrevista com a Professora B).

Tais observações vêm ao encontro das constatações outrora pontuadas de que o Blog da creche não tem cumprido a contento seu papel de divulgador do trabalho desenvolvido pela instituição. Citando a pesquisadora Pinazza (2014) novamente, “não é uma nova ideia ou proposta pedagógica que garante uma transformação no terreno da prática” (PINAZZA, 2005, p. 86). Portanto, as tecnologias digitais precisam ser vistas como mais uma possibilidade para a integração creche-família e não como a única forma para tal integração ocorrer.

Por outro lado, as entrevistas com as professoras evidenciam um desejo de estreitar laços com as famílias dos pequenos por meio das tecnologias digitais. O papel do gestor

escolar – no caso o meu! –, deverá ser de fomentar discussões com os diferentes segmentos da instituição e pensar junto com a equipe diferentes estratégias para se atingir tal objetivo.

Considerações

A proposta geral desta pesquisa foi a de analisar o uso da tecnologia digital para facilitar a integração creche-família. Para tanto, ao longo da pesquisa teórico-bibliográfica busquei identificar os posicionamentos de diferentes autores acerca da educação de crianças de 0 a 3 anos e sobre os usos da tecnologia digital nos contextos escolares. Os posicionamentos teóricos levantados subsidiaram a análise dos dados coletados durante a pesquisa empírica para alcançar o objetivo geral desta investigação.

Em relação à educação das crianças de 0 a 3 anos, após o desenvolvimento da pesquisa, é possível afirmar que uma criança na fase da primeiríssima infância requer cuidados específicos. Nesse momento da vida, precisamente na faixa etária de 0 a 3 anos, os pequenos precisam ser acolhidos de forma afetuosa para se desenvolverem. Antigamente, a família – primeira instituição socializadora na qual a criança é inserida – era a única instituição responsável por esse pequenino. Atualmente, ela divide essa responsabilidade com as creches que, por sua vez, têm um propósito diferente da família, mas não deve dissociar o educar do cuidar.

Os principais contextos nos quais a criança pequena geralmente vivencia experiências são, portanto, a família e a creche. Esses contextos são integrados entre si, formando um *mesossistema* (BRONFENBRENNER, 2011) e são considerados como contextos integrados por conter a mesma criança em fase de desenvolvimento. Entretanto, quando essa integração refere-se à complementaridade das ações por ambas as instituições, ao trabalho em parceria, nem sempre ocorre de maneira natural e tranquila.

Como a creche traz em seu histórico a lógica de atendimento social às crianças das classes menos favorecidas, as famílias tendem a considerá-la como um espaço somente de cuidados para com seus filhos, sem nenhum caráter educativo. Por outro lado, a instituição de educação infantil, assim como as escolas de maneira geral, também influenciadas pelo contexto histórico do discurso científico de que as famílias não sabem educar seus filhos, tendem a manter distância das mesmas ou a tratá-las com alguma inferioridade.

Para romper essas barreiras constituídas ao longo da história é preciso assumir uma postura diferente e buscar estabelecer relações de parceria entre ambas os contextos por

meio do diálogo e da troca de experiências. A investigação teórico-bibliográfica apontou que para se alcançar tal objetivo, o primeiro passo precisa ser dado pela creche, pela instituição escolar. Ela é a principal responsável por apresentar propostas para uma maior integração com as famílias, abrindo espaços para o diálogo e para a participação em atividades gerais da creche ou específicas da turma de sua criança.

Entretanto, existem desafios a serem superados para que se efetive uma maior integração entre a creche e a família. Além do contexto histórico citado, outro desafio diz respeito à organização da vida contemporânea, ou seja, a falta de tempo. Como as mães e os pais precisam estar inseridos no mercado de trabalho para sustentarem suas proles, eles não têm condições de acompanhar a vida escolar de seus filhos, nem de dialogar com a instituição de educação infantil como gostariam.

Contudo, a pesquisa teórico-bibliográfica também apontou que essa mesma organização da vida contemporânea pode favorecer e facilitar a integração creche-família. Por vivermos em uma *Sociedade em Rede* (CASTELLS, 1999; 2006), na qual as possibilidades de comunicação foram ampliadas pelas tecnologias digitais, principalmente pelas que utilizam a internet, a creche e a família têm à disposição outras formas de comunicação que podem viabilizar maior integração entre ambas as instituições.

As famílias, as educadoras e todos os demais atores envolvidos na educação das crianças de 0 a 3 anos estão inseridos nessa Sociedade e utilizam as tecnologias digitais para diferentes fins, entre eles, para comunicação. Tanto a pesquisa teórico-bibliográfica quanto a pesquisa empírica indicaram que os smartphones são os dispositivos mais utilizados para o acesso à internet. Como esses aparelhos são mais baratos do que os computadores ou notebooks, convergem várias funções e são móveis, seu uso tende a aumentar ainda mais nos próximos anos.

A creche, por sua vez, deve aproveitar o acesso que as famílias possuem às tecnologias digitais para divulgar seu trabalho e estabelecer outros meios de comunicação com os pais, buscando, assim, ampliar a integração com as famílias. A pesquisa empírica mostrou que tanto as famílias quanto as educadoras estão dispostas a utilizar meios de comunicação via internet para se comunicarem. O aplicativo de celular *WhatsApp* foi citado por pais e educadoras como uma possível ferramenta de comunicação digital entre a creche e as famílias e experiências com tal aplicativo foram relatadas nas entrevistas com as professoras e com uma mãe de aluno.

Por outro lado, a mesma pesquisa empírica revelou que o Blog da creche onde a investigação foi realizada ainda não cumpre a contento seu papel de divulgador digital do trabalho desenvolvido com os infantes. As famílias ainda não se habituaram a acessá-lo para ver as postagens de vídeos, fotos e outras informações importantes tanto da instituição de educação infantil quanto do trabalho pedagógico que está sendo desenvolvido com as crianças.

À guisa de conclusão, mas sem pretender esgotar o assunto, esta pesquisa procura demonstrar que as tecnologias digitais podem favorecer a comunicação entre a creche e a família e, assim, contribuir para maior integração entre ambas as instituições. Outros estudos a respeito dos temas abordados nesta investigação fazem-se necessários. As relações entre creche e família são complexas e demandam muitos outros olhares investigativos e também novas temáticas de pesquisa.

Referências

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; RUBIM, Lígia Cristina Bada. **O papel do gestor escolar na incorporação das TIC na escola: experiências em construção e redes colaborativas de aprendizagem**. Curso Gestão Escolar e Tecnologias – Formação de Gestores escolares para o uso das TIC. São Paulo: PUC, 2004. Disponível em: <http://www.eadconsultoria.com.br/matapoio/biblioteca/textos_pdf/texto04.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2016.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Tecnologias e Gestão do Conhecimento na Escola. In: VIEIRA, Alexandre; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; ALONSO, Myrtes (orgs.). **Gestão Educacional e Tecnologia**. São Paulo: AVERCAMP, 2003. Páginas 113-130.

_____. **Inclusão Digital do professor. Formação e Prática Pedagógica**. São Paulo: Editora Articulação Universidade/escola, 2004a.

_____. **Tecnologia na escola: criação de redes de conhecimento**. Curso Gestão Escolar e Tecnologias – Formação de Gestores Escolares para o uso das TIC. São Paulo: PUC-SP, 2004b. Disponível em: <http://www.eadconsultoria.com.br/matapoio/biblioteca/textos_pdf/texto26.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2016.

_____. **Gestão de tecnologias na escola**. Curso Gestão Escolar e Tecnologias – Formação de Gestores escolares para o uso das TIC. São Paulo: PUC, 2004c. Disponível em: <http://www.eadconsultoria.com.br/matapoio/biblioteca/textos_pdf/texto22.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2016.

_____. Formação de educadores a distância na pós-graduação: potencialidades para o desenvolvimento da investigação e produção de conhecimento. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 33, n. 121, p. 1053-1072, dez. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302012000400008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 14 jan. 2016.

_____.; VALENTE, José Armando. Currículo e Contextos de Aprendizagem: Integração entre o formal e o não-formal por meio de Tecnologias Digitais. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 1162-1188, out. 2014. ISSN 1809-3876. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/20355>>. Acesso em: 27 fev. 2017.

ALONSO, Myrtes. **Gestão Escolar: revendo conceitos**. Curso Gestão Escolar e Tecnologias – Formação de Gestores escolares para o uso das TIC. São Paulo: PUC, 2004. Disponível em: <http://www.eadconsultoria.com.br/matapoio/biblioteca/textos_pdf/texto06.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2017.

AMANTE, Lúcia. As TIC na Escola e no Jardim de Infância: motivos e factores para a sua integração. **Sísifo. Revista de Ciências da Educação**, nº 03, mai/ago 2007, pp. 51-64. Disponível em: <http://www.letstry-ict.eu/press/As_TIC_na_Escola_e_no_Jardim_de_Infancia_motivos_e_factores_para_a_sua_integracao_o.pdf>. Acesso em 19 ago. 2017.

ANDERSEN, Elenice Larroza (org.). **Multimídia digital na escola**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2013.

ANDRADE, Vera L. A. Moreira; VOSGERAU, Dilmeire Sant'ana Ramos. As tecnologias de informação e comunicação (TIC) como facilitadoras às práticas pedagógicas voltadas para a Educação Ambiental. **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. PUCPR: out/2009. Disponível em <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3683_2090.pdf>. Acesso em 27 fev. 2017.

ANTONIO, José Carlos. Gestão escolar e novas tecnologias, **Professor Digital**, SBO, 16 fev. 2009. Disponível em: <<http://professordigital.wordpress.com/2009/02/16/gestao-escolar-e-novas-tecnologias/>>. Acesso em: 04 mar. 2017.

ARCE, Alessandra; MARTINS, Ligia M. (orgs.). **Ensinando aos pequenos de zero a três anos**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: 1996.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Brinquedos e brincadeiras nas creches: manual de orientação pedagógica**. Brasília: MEC/SEB, 2012.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. **Lei nº. 13.005**, de 25 de junho de 2014 – Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024). Brasília: 2014.

_____. **Primeiros resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012 e 2013. Brasília, 2013. Disponível em <ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Fasciculos_Indicadores_IBGE/pnadc_201302caderno.pdf>. Acesso em 15 nov. 2015.

BRITO, Rita. **Família.com: famílias, crianças (0-6) e tecnologias digitais**. Covilhã: Editora LabCom.IFP, 2017. Disponível em <<http://labcom-ifp.ubi.pt/book/295>>. Acesso em 19 ago. 2017.

BOCCIA, Margarete Bertolo. **Os papéis assumidos pelos diretores de escola**. Jundiaí/SP: Paco Editorial e Pulsar Edições, 2011.

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CAETANO, Luciana Maria; YAEHASHI, Solange Franci Raimundo (orgs). **Relação escola e família: diálogos interdisciplinares para a formação da criança**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

CAMPOS, Maria Malta. ROSEMBERG, Fúlvia. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. 6.ed. Brasília: MEC, SEB, 2009.

CAPELAS, Bruno. Até o fim de 2017, Brasil terá um *smartphone* por habitante, diz FGV. **Jornal Estadão**, São Paulo, 14 de abr. 2017. (Disponível em: <<http://link.estadao.com.br/noticias/gadget,ate-o-fim-de-2017-brasil-tera-um-smartphone-por-habitante-diz-pesquisa-da-fgv,70001744407>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

CASTELLS, M. **Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política. In: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (orgs.). **A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Acção Política**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006.

CUNHA, Marcos Vinicius da. A escola contra a família. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira. FARIA FILHO, Luciano Mendes de. VEIGA, Cynthia Greive (orgs). **500 anos de Educação no Brasil**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DALCORSO, Claudia. **Caminhos para uma gestão educacional inovadora**. Jundiaí/SP, Paco Editorial: 2015.

DIAS, Patrícia; BRITO, Rita. **Crianças (0 aos 8 anos) e tecnologias digitais: um estudo qualitativo exploratório**. Relatório Nacional: Portugal. Coordenado pelo Joint Reasearch Centre da Comissão Europeia. Lisboa: Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, 2016. Disponível em <<http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/19160>>. Acesso em: 19 ago 2017.

FERNANDES, Marisa Zanoni. **Bebê e criança pequena: imagens e lugar nos projetos pedagógicos de instituições públicas de educação infantil**. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, 2011.

FERRAZ, Beatriz Mangione Sampaio. **Bebês e crianças pequenas em instituições coletivas de acolhimento e educação: representações de educação em creches.** 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GALEB, Maria da Glória. **A tecnologia na Infância: investigando o projeto Kidsmart nos centros municipais de educação infantil de Curitiba.** 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, 2013.

GOLDSCHMIED, Elionor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

HADDAD, Lenira. **A creche em busca de identidade: perspectivas e conflitos na construção de um projeto educativo.** São Paulo, SP: Edições Loyola, 1991.

HESSEL, Ana Maria Di Grado. **As TIC podem auxiliar na gestão da escola?** Curso Gestão Escolar e Tecnologias – Formação de Gestores escolares para o uso das TIC. São Paulo: PUC, 2004. Disponível em: <http://www.eadconsultoria.com.br/matapoio/biblioteca/textos_pdf/texto09.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2016.

KENSKI, Vani Moreira. Gestão e uso das mídias em projetos de educação a distância. **Revista E-Curriculum**, v. 1, n. 1, dez. 2005 – jul. 2006. São Paulo/SP. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/3099>> Acesso em 14 jan. 2016.

_____. **Educação e Tecnologias. O novo ritmo da informação.** 3. ed. Campinas, Papirus, 2007.

_____. Educação e comunicação: interconexões e convergências. **Educação e Sociedade.** Campinas, v. 29, n. 104, p. 647-665, out. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302008000300002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 14 jan. 2016.

KRAMER, Sonia (org.). **Com a pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular para a educação infantil.** 7. ed. São Paulo: Ática, 1994.

LIMA, Elaine. **Escolas aprendem com a tecnologia.** Curso Gestão Escolar e Tecnologias – Formação de Gestores escolares para o uso das TIC. São Paulo: PUC, 2004. Disponível em: <http://www.eadconsultoria.com.br/matapoio/biblioteca/textos_pdf/texto02.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2016.

LÜCK, Heloísa. **A gestão participativa na escola.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2006. (Série: Cadernos de Gestão).

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARANHÃO, Damaris Gomes; SARTI, Cynthia Andersen. Creche e Família: uma parceria necessária. **Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n. 133, p. 171-194, jan./abr. 2008. Disponível em <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/298/308>>. Acesso em 27 fev. 2017.

MARTINO, Mariluci Alves. **Desafios para a gestão escolar com o uso de novas tecnologias**. Curso Gestão Escolar e Tecnologias – Formação de Gestores escolares para o uso das TIC. São Paulo: PUC, 2004. Disponível em: <http://www.eadconsultoria.com.br/matapoio/biblioteca/textos_pdf/texto05.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2017.

MEDICI, Ademir Roberto. **São Bernardo do Campo 200 anos depois – A história da cidade contada pelos seus protagonistas**. São Bernardo do Campo: PMSBC, 2012.

MORAN COSTAS, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. São Paulo: Papirus Editora, 2000.

MORAN COSTAS, José Manuel. Gestão Inovadora com tecnologias. In: VIEIRA, Alexandre; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; ALONSO, Myrtes (orgs.). **Gestão Educacional e Tecnologia**. São Paulo: AVERCAMP, 2003. Páginas 151-164.

MORENO, Gilmara Lupion. **A relação professor-escola-família na educação da criança de 4 a 6 anos: estudo de caso em duas instituições de ensino da cidade de Londrina**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2012.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de (et. all.). **Creches: crianças, faz de conta & cia**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tisuko Morchida; PINAZZA, Mônica Appezato (orgs.). **Pedagogia(s) da Infância: Dialogando com o Passado, Construindo o Futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; ARAÚJO, Sara Barros. **Educação em Creche: Participação e Diversidade**. Série Infâncias, Contextos e Diversidades. Porto/Portugal: Porto Editora, 2013.

PARO, Vitor Henrique. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais**. São Paulo: Xamã, 2000.

TIC Kids Online Brasil 2015. [livro eletrônico]: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, [editor]. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016. Disponível em: <<http://cetic.br/pesquisa/kids-online/>>. Acesso em 03 fev. 2017.

PINAZZA, Mônica Appezato. **A pré-escola paulista à luz das ideias de Pestalozzi e Froebel: memória reconstituída a partir de periódicos oficiais.** 1997. Tese (doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

_____. A Educação Infantil em suas especificidades. In: GERALDI, Corinta Maria Grisolia; RIOLFI, Claudia Rosa; GARCIA, Maria de Fátima (orgs). **Escola Viva: elementos para a construção de uma educação de qualidade social.** Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004.

_____. Os pensamentos de Pestalozzi e Froebel nos primórdios da pré-escola oficial paulista: das inspirações originais não-escolarizantes à concretização de práticas escolarizantes. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suely Amaral (orgs.). **Linguagens Infantis: outras formas de leitura.** Campinas/SP: Autores Associados, 2005.

POLONIA, Ana da Costa; DESSEN, Maria Auxiliadora. Em busca de uma compreensão das relações entre família escola. **Psicologia Escolar e Educação (Impr.)**, Campinas, v. 9, n. 2, p. 303-312, dez. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572005000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 dez. 2015.

SANCHES, Emilia Cipriano. **Creche: realidade e ambiguidades.** 2.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

SÃO BERNARDO DO CAMPO. **Sumário de Dados 2012. Ano-Base 2011.** Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo: PMSBC, 2012.

SÃO BERNARDO DO CAMPO. Lei nº 6.316, de 12 de dezembro de 2013. Estatuto e Plano de Carreira dos Profissionais do Magistério e servidores da Educação Básica do Ensino Público Municipal. **Jornal Notícias do Município**, n. 1756, de 01/01/2014 – Edição Especial.

SÃO BERNARDO DO CAMPO. Secretaria Municipal de Educação. **EMEB Antônio José Mantuan. Projeto Político Pedagógico.** São Bernardo do Campo/SP, 2016.

SARTI, Cynthia Andersen. A família como ordem simbólica. **Psicologia USP**, Brasil, v. 15, n. 3, p. 11-28, jan. 2004. ISSN 1678-5177. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/42289/45962>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Bento. A tecnologia é uma estratégia. In: DIAS, Paulo; FREIRAS, Varela de (org.). **Actas da II Conferência Internacional Desafios 2001**. Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho do Projecto Nónio, pp. 839-859, 2001.

SOUZA, Airle Miranda de; MATOS, Evandro Gomes de. Reflexões sobre as abordagens qualitativas, o método clínico e a entrevista como o encontro no aqui e agora entre sujeito-pesquisador e sujeito-pesquisado. In: GRUBITS, Sonia; NORIEGA, José Angel Vera (orgs.). **Método Qualitativo: epistemologia, complementariedades e campos de aplicação**. São Paulo: Vetor, 2004.

TORRES, Patricia Lupion; BEHRENS, Marilda Aparecida. Complexidade, transdisciplinaridade e produção do conhecimento. In: TORRES, Patricia Lupion (org.). **Complexidade: redes e conexões na produção do conhecimento**. Curitiba: SENAR-PR, 2014.

VIEIRA, Alexandre Thomaz. **Funções e Papéis da Tecnologia**. São Paulo: PUC, 2004. Disponível em: http://www.eadconsultoria.com.br/matapoio/biblioteca/textos_pdf/texto01.pdf. Acesso em: 18 jan. 2016.

VOSGERAU, Dilmeire; BRITO, Glaucia da Silva; CAMAS, Nuria. PNE 2014-2024: Tecnologias Educacionais e formação de professores. **Formação Docente**. Belo Horizonte, v. 08, n. 14, p. 103-118, jan./jun. 2016. Disponível em <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br/>. Acesso em 27 fev. 2017.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

_____. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ANEXO A**QUESTIONÁRIO (Enviado às famílias)**

Nome da criança: _____ Turma: _____

Nome do pai, mãe ou responsável por responder o questionário: _____

OBS.: os dados desse questionário são confidenciais e serão utilizados somente para pesquisa científica; nenhum nome ou qualquer outro dado pessoal será divulgado, em nenhuma hipótese.

1) Você tem acesso à internet? () Sim () Não

2) Se sim, a partir de qual aparelho você geralmente acessa a internet? (Você pode marcar mais de uma resposta)

() Computador e/ou notebook em casa

() Computador e/ou notebook no trabalho

() Celular / Smartphone

() Tablet

() Outros. Quais? _____

3) Você acessa a internet com qual frequência?

() Diariamente

() Semanalmente

() Quinzenalmente

() Mensalmente

() Outra. Qual? _____

4) Você acessa a internet para acompanhar o trabalho da nossa creche pelo Blog?

() Sim () Não

5) Quais são os meios que você mais utiliza para se comunicar com a creche? (Você pode marcar mais de uma resposta)

() Blog ou e-mail da creche

() Agenda

() Conversa pessoalmente nos momentos de entrada ou saída da criança

() Telefone

() Não costumo me comunicar com a creche

() Outros. Quais? _____

6) Avaliando o período em que sua criança frequenta a creche, que nota você daria para a relação escola-família (de 0 a 10)? Nota _____

Por quê? _____

7) Se a creche tivesse outras formas de comunicação via internet você usaria?

() Sim () Não

8) Que tipo de aplicativo ou recurso tecnológico você gostaria que a creche tivesse para ampliar a comunicação e a integração escola-família?

9) De que maneira você acha que a família pode participar mais ativamente da vida escolar das crianças?

ANEXO B

TABULAÇÃO DO QUESTIONÁRIO ENVIADO ÀS FAMÍLIAS

Enviado para todas as 87 (oitenta e sete) famílias das crianças da creche

Devolvido por 64 (sessenta e quatro) famílias

1) Você tem acesso à internet? (61) Sim (03) Não

2) Se sim, a partir de qual aparelho você geralmente acessa a internet? (Você pode marcar mais de uma resposta)

(27) Computador e/ou notebook em casa

(05) Computador e/ou notebook no trabalho

(58) Celular / Smartphone

(08) Tablet

(02) Outros. Quais? Celular e computador que são da empresa

3) Você acessa a internet com qual frequência?

(48) Diariamente

(04) Semanalmente

(02) Quinzenalmente

(00) Mensalmente

(04) Outra. Qual? De vez em quando; somente quando há necessidade; nunca; nenhuma vez

4) Você acessa a internet para acompanhar o trabalho da nossa creche pelo Blog?

(27) Sim

(37) Não

5) Quais são os meios que você mais utiliza para se comunicar com a creche? (Você pode marcar mais de uma resposta)

(02) Blog ou e-mail da creche

(52) Agenda

(41) Conversa pessoalmente nos momentos de entrada ou saída da criança

(33) Telefone

(01) Não costumo me comunicar com a creche

(01) Outros. Quais? Nas reuniões com pais

6) Avaliando o período em que sua criança frequenta a creche, que nota você daria para a relação escola-família (de 0 a 10)?

Nota 10 (49)

Nota 8,5 (01)

Nota 9 (09)

Nota 7 (01)

Nota 8 (04)

Por quê?

- a creche atende totalmente as necessidades das crianças e dos pais;
- boa relação; dispostos a conversar com a família;
- escola entra em contato com os pais sempre que necessário; demonstra preocupação e carinho;
- funcionários esclarecem as dúvidas;
- sempre atenciosos, dispostos a ajudar, atentos aos pequenos;
- creche excelente; professores muito bons;
- tem o calendário mensal e lembretes para as famílias se organizarem antecipadamente;
- dão atenção não só às crianças, mas também aos pais;
- a creche é a segunda família da criança; criança se desenvolve e cresce a cada dia;
- criança é mais independente; já sabe fazer muita coisa sozinha;
- a criança se desenvolveu muito após frequentar a creche; a família sempre descobre algo novo nela; família credita tal desenvolvimento ao trabalho dos profissionais da creche;
- aprendizados das crianças e professoras excelentes;
- crianças passam mais tempo na escola que em casa; demonstram aprendizado muito grande e convívio muito bom com todos;
- ótima escola, ótimos funcionários e administradores; método de ensino 100% eficaz;
- criança é bem cuidada, como se estivesse em casa; a rotina é muito bem elaborada e educativa;
- bom atendimento aos pais; mãe lamenta não conseguir participar das reuniões por conta do trabalho;

- criança cada dia mais esperta; família afirma que sempre foi a favor da creche;
- há diálogo com a família;
- fácil acesso para comunicar-se com as educadoras;
- relação muito boa;
- família relata sentir que a equipe da creche faz o impossível para que as crianças estejam bem;
- bom relacionamento com a escola; professoras atendem as famílias quando são procuradas;
- é nítido o desenvolvimento das crianças;
- equipe muito qualificada;
- ambiente educacional agradável; qualidade dos educadores e de toda a equipe escolar;
- criança gosta muito da creche; mãe relata que todas as questões que tem com seu filho na creche são bem resolvidas;
- mãe relata precisar da creche para trabalhar em paz;
- criança é bem acolhida;
- mãe relata que tinha receio de colocar o filho na creche por conta dos noticiários da TV, mas ela se “apaixonou” por nossa creche e pegou confiança em deixar o filho com ótimos profissionais;
- há uma comunicação muito boa entre a equipe da creche e os pais;
- escola maravilhosa, professores e funcionários espetaculares;
- a troca de informações é muito boa;
- as crianças são bem tratadas, tem boa educação, ótimo horário e alimentação;
- os objetivos e intenções da creche são muito claros;
- atendimento prestativo, boa comunicação;
- alimentação boa, os cuidados também; tudo muito bem administrado;
- são excelentes com os filhos e no atendimento que é dado aos pais;
- a creche se preocupa com a relação com os pais; mãe relata que sempre fica sabendo o que acontece e o que vai acontecer no dia a dia do filho;
- por manter a criança alimentada, cuidada; a criança tem atividades durante todo o dia.
- *deveria ter mais atividades incluindo os pais aos sábados;*
- *há maneiras de se buscar excelência na relação entre pais e escola;*
- *as famílias ainda precisam de mais informações e incentivos para uso do Blog;*
- *educadoras não comunicam quando a criança se machuca;*

Justificativas dos pais cujas notas foram 8 ou abaixo de 8.

7) Se a creche tivesse outras formas de comunicação via internet você usaria?

(60) Sim (04) Não

8) Que tipo de aplicativo ou recurso tecnológico você gostaria que a creche tivesse para ampliar a comunicação e a integração escola-família?

<i>WhatsApp</i> (31)	Câmeras p/ monitoramento das salas de aula (02)
<i>Facebook</i> (16)	Está bom assim (01)
Filmagem (01)	Não se interessa por comunicação via internet (02)
Blog (04)	Prefere contato pessoal (01)
E-mail (03)	Não responderam (12)

9) De que maneira você acha que a família pode participar mais ativamente da vida escolar das crianças?

- pelo *WhatsApp*
- tendo mais dias como a *Tarde Fashion*¹³
- tendo reuniões noturnas com os pais
- através das Redes Sociais
- tendo mais atividades escolares para se realizar em casa com a família
- tendo mais *Sábados Letivos*¹⁴
- tendo atividades com as famílias aos finais de semana
- pessoalmente mesmo
- através de dinâmicas nas reuniões com pais
- tendo uma comunicação mais imediata (mãe relata que a Agenda é um bom instrumento, que as professoras informam tudo, contudo, gostaria de algo mais rápido, mais imediato, para a comunicação)
- participando das reuniões, demonstrando mais interesse, lendo e dando um visto na Agenda diariamente
- está ótimo com está
- participando das atividades propostas pela escola, comparecendo às reuniões
- tendo mais projetos com as crianças e as famílias
- criando grupo de mães no *WhatsApp*
- pela internet, reuniões, mostra cultural, ou seja, através de atividades em que todos possam participar
- se fazendo presente nas atividades da escola
- família sugere que a escola utilize o *WhatsApp* e o *Facebook*, ferramentas praticamente em tempo real

¹³ *Tarde Fashion* é uma atividade em que as famílias são convidadas a virem até a creche, num dia de semana, durante horário normal de aula, para ajudar a “embelezar” nossas crianças com penteados, manicure, pintura facial etc.; o evento é finalizado, geralmente, com um “desfile” dos pequenos ou um “grande baile” para crianças e familiares.

¹⁴ *Sábados Letivos*: cerca de dois ou três sábados do ano contam como dia letivo no Calendário Escolar para compensar emendas de feriado; nesses dias são propostas atividades de integração para toda a família.

- acompanhando as atividades das crianças pela internet, por conta da vida corrida dos pais
- vendo mais fotos das crianças em atividades
- tendo mais interesse, preocupação e presença na escola
- tendo mais trabalhos para serem realizados em família, como um tapete coletivo, por exemplo
- assistindo uma ou outra “aula” e acompanhando o dia a dia da criança
- mantendo mais comunicação entre escola e família
- tendo passeios programados entre escola-pais
- tendo peças de teatro para pais e filhos
- buscando ter acesso ao Blog
- participando das reuniões da APM (Associação de Pais e Mestres)
- interagindo mais com a escola

ANEXO C

Perguntas para entrevista com as famílias

- 1) Há quanto tempo sua criança frequenta a creche? OU Por quanto tempo sua criança frequentou a creche?
- 2) De maneira geral, qual a sua opinião sobre o trabalho que vem sendo desenvolvido com sua criança? OU que foi desenvolvido com sua criança?
- 3) Qual a sua opinião sobre a relação entre a creche e as famílias? O que está ruim e precisa ser melhorado? O que está bom?
- 4) O que você acha da comunicação entre a nossa creche e as famílias?
- 5) E o que você pensa sobre a comunicação entre a creche as famílias por meio da internet?
- 6) Você tem acesso a internet na sua casa?
- 7) Com qual frequência você utiliza a internet?
- 8) Que aparelho/dispositivo você mais utiliza para acessar a internet?
- 9) Você utiliza ou já utilizou algum aplicativo ou recurso tecnológico da internet para se comunicar com a creche ou com as educadoras da sua criança?
- 10) Se sim, qual/quais? Por que você acha importante ter canais de comunicação via internet com a creche e com as educadoras?
- 11) Se não, você acha importante ter algum canal de comunicação via internet com a creche e com as educadoras? Por quê?
- 12) Se a creche propusesse a utilização de algum aplicativo via internet para comunicação com as famílias você utilizaria? Por quê?
- 13) Qual a sua opinião sobre o Blog da creche?
- 14) Como você acha que poderíamos ampliar a divulgação do Blog para as famílias?
- 15) Pensando na utilização da internet, de que maneira você acha que a creche poderia ampliar a comunicação e a integração escola-família?
- 16) Finalizando, tem mais alguma coisa que eu não lhe questionei e que você queira acrescentar em relação à integração escola-família mediada pela tecnologia digital?

ANEXO D

Transcrições das Entrevistas com pais e/ou mães das crianças

Pai A

Turma Berçário (crianças de 7 meses a 1 ano e 6 meses)

1) Há quanto tempo sua criança frequenta a creche?

Dois anos

2) De maneira geral, qual a sua opinião sobre o trabalho que vem sendo desenvolvido com sua criança na creche?

É muito bom. Não tenho nada... tanto no desenvolvimento dele, está sendo ótimo. A gente notou que ele vem desenvolvendo cada dia mais, né?

3) Certo. E qual é a sua opinião sobre a relação entre a creche e as famílias?

Ah, é muito boa. É uma relação muito boa. A gente não tem o que falar dos professores, da escola em geral, a gente não tem reclamação nenhuma; a gente só tem elogios.

E tem alguma coisa que possa ser melhorada?

Não tenho o que [dizer].

Nesse momento você não se lembra de nada?

Não.

4) O que você acha da comunicação entre a nossa creche e as famílias?

A comunicação é boa, né? A gente sempre está sendo notificado. Tem uma agenda, uma agendinha que a gente sempre está olhando; às vezes a gente até esquece de assinar, mas tudo o que acontece a gente está sendo comunicado no dia a dia por essa agenda.

5) E o que você pensa sobre a comunicação entre a creche as famílias por meio da internet?

Não posso falar muito porque a gente, pela internet, a gente não tem acompanhado, né? Então, eu não posso falar... mas, deve ser bom porque... não tenho muito o que falar; é um trabalho que é bem feito.

6) Você tem acesso a internet na sua casa?

Tenho.

7) Com qual frequência você utiliza a internet em sua casa?

Olha, porque eu trabalho com transporte, né? Então, eu estou usando sempre a internet, me comunicando com alguns clientes, pra ver e-mail, endereço, pesquisando alguma cidade pra qual eu vou.

Então, eu posso dizer que você usa a internet diariamente?

Diariamente.

8) E qual é o aparelho/dispositivo que você mais usa para acessar a internet?

Atualmente, porque eu trabalho na rua, né, eu estou usando o celular.

Então, no seu celular tem internet e você utiliza bastante, até por conta do seu trabalho?

Isso.

9) Você já utilizou ou utiliza algum aplicativo ou recurso tecnológico da internet para se comunicar com a creche ou com as educadoras da sua criança?

Não, nunca.

10) E você acha que seria importante ter algum canal de comunicação via internet com a creche e com as educadoras?

Sim.

Por quê?

Olha, tudo o que auxiliar a gente a estar acompanhando o desenvolvimento da criança – apesar que a gente tá sempre conversando com os professores, perguntando como foi o dia – é válido. Acho que todo tipo de informação é bem vinda, né?

11) E se nós aqui da creche propuséssemos a utilização de algum aplicativo via internet para comunicação com as famílias você utilizaria?

Utilizaria.

Por quê?

Ah, porque com um aplicativo acho que se torna mais fácil, né? Teria uma conexão direta com a creche e ia ser bom.

Você acha que seria interessante?

Seria interessante.

12) Você já acessou alguma vez o Blog da nossa creche?

Não, nunca.

Então, você não consegue opinar sobre ele, não é?

Não.

13) Você teria alguma sugestão para nos dar para ampliarmos a divulgação do nosso Blog para as famílias?

Olha, pelo Blog... eu não sei minha esposa, mas eu nem sabia que tinha, que existia, então, eu não posso... ah, sinceramente eu não sei!

Ok.

14) Pensando na utilização da internet, de que maneira você acha que a creche poderia ampliar a comunicação e a integração escola-família?

Silêncio.

Você acha que é possível a escola utilizar a internet para se comunicar com os pais?

Não sei se é possível, né? Talvez tendo um... um... não sei se eu diria um... é que na agenda vocês sempre estão... mas um... algum canalzinho que a gente pudesse pegar informações, assim, das atividades da creche, né, seria mais...

Alguma sugestão que você possa nos dar? Conhece algum desses canais que possa sugerir pra gente?

Silêncio.

Ou no momento não?

Não, no momento não.

15) Finalizando, tem mais alguma coisa que eu não lhe questionei e que você queira acrescentar em relação à integração escola-família mediada pela tecnologia digital?

Em relação à criança?

Isso.

Olha, eu não tenho... não tenho o que falar, viu, porque o trabalho aqui é bem feito, então... e a gente não teve experiência de outros lugares pra gente ter um... aqui a gente foi... foi a melhor coisa que aconteceu para o nosso filho foi ele ter vindo pra cá. Então, teve desenvolvimento... eu tenho sobrinhos que a mãe parou de trabalhar pra ficar com ele, ele

não teve o desenvolvimento como [o meu filho] teve na creche. Então, a gente compara muito; ele já está começando a comer com as próprias mãos, sabe, ele já está, assim, ficando independente, sabe? E tem coisas que meu sobrinho... minha irmã parou de trabalhar pra cuidar do filho, ele é um pouquinho mais velho e a relação não é tão distante entre ele que tem 4 [anos] e o E. Então, a gente, por enquanto, não tem o que... só tenho o que agradecer.

Está certo. Eu é que agradeço pela sua entrevista, muito obrigada!

Mãe B

Turma Infantil I (crianças de 2 anos)

1) Há quanto tempo sua criança frequenta a creche?

Esse é o terceiro ano.

2) Certo. E de maneira geral, qual a sua opinião sobre o trabalho que vem sendo desenvolvido com sua criança?

Olha, eu acho excelente. O trabalho daqui é uma das melhores escolas, das creches que eu conheço, inclusive por opinião de outras mães de outros bairros.

3) E qual a sua opinião sobre a relação entre a creche e as famílias?

E as famílias? Olha, a única coisa, assim, que eu acho que está um pouquinho fora é... que a gente até esquece de comentar na hora da última reunião, é só o horário de adaptação. Pra mim aperta um pouquinho, mas tem outras pessoas que, eu acho, aperta bastante ter quase um mês de adaptação. Fora isso, o resto, pra mim, está tudo ótimo.

Certo. Mas essa é uma questão que vai pra além da escola, pois vem da Secretaria de Educação. A relação mesmo de comunicação entre a creche e as famílias, o que você pensa sobre ela? Como você avalia?

Avalio como ótima, nada a desejar;

Tem algo que a gente possa melhorar?

Não, não. Os meios de comunicação estão bem... é a caderneta, é a conversa, às vezes, no portão, pra mim está ótimo.

4) Certo. E o que você pensa da comunicação da escola com as famílias por meio da internet?

Ah, tem algumas mães que eu acho que vai ficar sem, né, porque não é todo mundo que tem acesso a internet. Apesar da era digital estar... mas eu acho que ainda tem pessoas que não tem acesso à internet cem por cento.

5) Certo. E você, tem acesso a internet na sua casa?

Tenho.

6) Com qual frequência você utiliza a internet?

Direto.

Todos os dias?

Quase que 24 horas (risos).

7) E qual aparelho que você mais usa para acessar a internet?

O tablet.

Você quase não usa celular e computador?

Não. Uso o computador no trabalho, bastante, mas em casa não. Em casa é o tablet.

8) E você utiliza ou já utilizou algum aplicativo ou recurso tecnológico da internet para se comunicar com a creche ou com as educadoras da sua criança?

Não, só por telefone.

9) E você acha, então, que seria importante a creche ter um canal de comunicação via internet para que as famílias pudessem se comunicar com os educadores?

Eu acho que sim, acho que seria essencial.

Por quê?

Porque, olha, hoje o que mais está sendo utilizado é o *whatsapp*. Inclusive, no ano passado, nós criamos um grupo de *whatsapp* da turminha da nossa sala e todos estão se comunicando até hoje. Então, assim, é excelente, porque às vezes uma mãe tem uma necessidade e a outra pode cobrir, e na escola é a mesma coisa, né? Às vezes é uma emergência é mais fácil achar a mãe pelo *whatsapp* do que ligar.

Certo. Então, conta um pouquinho dessa experiência que você está me dizendo que as mães da sua sala de 2016 montaram um grupo de *whatsapp*, é isso?

Isso.

Foi uma iniciativa de vocês ou das educadoras?

Não, foi das mães.

Das mães... conta um pouquinho, então.

No início foi pra fazer uma lembrancinha de final de ano para as professoras e aí a gente tá se comunicando até hoje, né? Então, assim, depois teve a reunião, a última reunião, então, a gente fez os comentários pelo *whatsapp*, tiramos algumas dúvidas que, às vezes, na escola não dá tempo da gente tirar, né? E, aquelas mães que não vieram também puderam se inteirar com as informações da reunião. Foi muito importante! E agora no começo do ano, também, a gente estava se comunicando, quem sabia quando ia começar as aulas, quando iam ser as reuniões. Teve mãe que, acho que trouxe a criança... não, perdão! Teve mãe que a criança veio com outra pessoa, então, a mãe se comunicou através do *whatsapp*, né, pra saber como que a criança foi, se estava bem, até foto tiraram da criança dentro de sala. Então, assim, é importante. É uma forma de interagir mais rápido, né? Eu acredito que, se tivesse um *whatsapp* da escola pra um canal das mães acho que seria excelente.

Certo. Quantas pessoas, quantas mães têm nesse grupo de *whatsapp* que vocês montaram?

Umas 12 (doze), 13 (treze).

Na sala tem 18 (dezoito) crianças matriculadas, então, mais da metade [das mães] está no grupo?

Sim.

As outras mães foram convidadas também?

Foram, foram convidadas.

Não aceitaram?

Não, é... algumas acho que ou não aceitaram ou não deu pra... porque assim, a gente fez de última hora e aí, depois, pra pegar o contato de outras mães fora da reunião é meio complicado.

Entendi. Então, foi na própria reunião com pais que vocês conseguiram esse contato?

Foi antes, foi um pouco antes. Uma passava o contato da outra, algumas foram atrás das mães pra pegar o contato.

E o objetivo de vocês, que era fazer uma lembrancinha para as educadoras, foi atingido?

Foi, foi atingido.

E foi pra além, então, pelo que você está me dizendo.

Sim, foi pra além. A gente está se comunica até hoje.

E permanece o grupo?

Permanece o grupo, o contato e as informações, né! A fulana caiu em tal sala, com que professora que caiu, ou “ah, a minha bebê não gostou, chorou o dia inteiro”, é muito bom a gente interagir assim.

Joia, que legal saber disso!

Inclusive, por conta desse grupo aí, ontem eu precisei de uma mãe e ela me ajudou.

Conseguiu alguém para te auxiliar via grupo de *whatsapp* de mães?

Sim, foi isso sim.

Que bacana!

10) E se a creche propusesse a utilização de algum aplicativo via internet para comunicação com as famílias você utilizaria?

Sim, com certeza!

Por quê?

Porque, como eu já te falei, é bem prático e acho que é até mais cômodo pra mãe e pra escola.

Pela praticidade, então, você usaria?

É. A única coisa que seria ruim é que, assim, se não tiver internet ninguém se comunica. Mas, fora isso, eu acho que seria sim excelente um aplicativo que tivesse uma comunicação mais rápida.

11) Qual a sua opinião sobre o Blog da nossa creche?

Olha, eu vi uma vez só, porque eu quase não tenho tempo, mas eu gostei. Inclusive, ia ter o canal do *YouTube*, né, não sei se teve, porque eu não tive tempo de ver, de “fuçar”, mas eu vi o Blog só uma vez e eu gostei. É muito interessante.

12) E como você acha que poderíamos ampliar a divulgação do Blog para as famílias?

Olha, podia ser pela agenda, estar sempre lembrando a mãe que tem coisas novas, ou que tem um artigo novo, ou uma foto nova, aí a gente tá sempre de olho.

A agenda é um meio que você, particularmente, sempre lê?

Sim, todos os dias eu abro a agenda, todos os dias!

Então a agenda seria uma forma de comunicação na qual nós poderíamos divulgar nosso Blog, é isso?

Sim, é isso!

13) E pensando na utilização da internet, de que maneira você acha que a creche poderia ampliar a comunicação e a integração escola-família?

Olha, eu acho que e-mail, hoje, está um pouco obsoleto, né, pra comunicação. Porque eu tiro por mim, a minha comunicação é quase cem por cento por *whatsapp*. Então, seria ou *whatsapp*, ou um Messenger, que seria pelo *Facebook*. Poderia criar um *Facebook*. O *Facebook* também é um meio de comunicação muito utilizado. Mas, o mais utilizado é o *whatsapp*. O *whatsapp* ganhou.

Está acima de todos?

Está. Mas eu acho que criar um *Facebook* só pra escola e o *whatsapp* também, eu acho que seria o ideal.

E pelo *Facebook* dá pra vocês é, estarem postando o dia a dia da escola, o que teve de novo, o que não teve, tudo o que aconteceu. É... até problemas que “tá” acontecendo, que vocês estão passando com a administração, se está sendo resolvido ou não, eu acho que a gente interage um pouquinho melhor. Porque não é todas as mães que participam da APM, né? Eu mesma, eu participei uma vez na época do A. Ele já está com 13 anos. Eu não trabalhava, então eu participei. Mas faz falta. Porque muita coisa que você vê na escola você não sabe, é, como chegou até lá... uma reforma, uma pintura. Nossa, aconteceu, a escola podia fazer melhor, mas a gente não sabe se não fez melhor ou o porquê, né. Então, acho que um meio de comunicação de *Facebook* e *whatsapp* seria o ideal.

14) Finalizando, tem mais alguma coisa que eu não lhe questionei e que você queira acrescentar em relação à integração escola-família mediada pela tecnologia digital?

Não, eu acho que não. Assim, só assim... é... porque a gente tem.. é... em cada reunião elas fazem, as professoras passam CD's. Mas tem aquela complicação de que tem pais que não autorizam a imagem do filho [publicação], né? Mas, se não fosse isso, eu acho que seria importante, uma vez por semana, está postando as atividades do geral da escolinha, das salas, uma festividade que tenha, é, entre as crianças, pra postar para os pais interagir também! Alimentação, uma vez por semana, mostrar o que as crianças comeram... acho que é bem interessante! Então, assim, no final do ano teve uma historinha que foi contada, né, na reunião, eu achei lindo... eu adorei a historinha, né? Cada professora interagiu com um personagem e foi muito interessante.

Conta um pouquinho, então, sobre isso.

Ah, então, é... é que eu peguei na metade porque eu cheguei atrasada por causa da loja, né, mas assim, contava... era uma historinha dos personagens que um chamava o outro, né, pra participar de uma festinha. E aí foi interagindo todos os professores não só da sala do meu filho, mas as outras salas também. E cada personagem, é, interpretava uma forma diferente de convidar, né, de convidar. E aquele que era convidado convidava o outro. E sempre em locais diferentes... é muito interessante, até chegar nos alunos. Não, perdão, primeiro foi os alunos e aí foi interagindo com os professores. Assim, é uma historinha que até as crianças vendo elas gostam. Eu gostei muito! Em relação a isso a escola está de parabéns! A

elaboração das reuniões são muito boas. Pena, assim, que os vídeos são curtos e não são, né, porque a gente tem o tempo muito curto e corrido. Mas, poderia ter mais vídeos pra passar para as crianças mesmo, pra elas se verem, né? Eles adoram! Eles adoram se ver na telinha.

Então, esse uso da tecnologia seria, também, em prol das nossas crianças e não só da relação família-escola?

Sim, com certeza. Tem a tecnologia... algumas escolas estão usando, é, o vídeo acho que ao vivo, em tempo real, né? Eu acho que seria interessante também nas creches, pelo menos pro berçário, porque as mães que tem bebês, né, ficam muito preocupadas.

Você diz aquela câmera que fica “vigiando” os bebês e que por monitoramento remoto os pais conseguem ver o que está acontecendo?

Isso, isso... tem uma senha, né, e os pais acessam e tem acesso a... em tempo real.

Particularmente, nas escolas municipais ou públicas eu nunca ouvi falar; sempre nas escolas particulares.

É... só nas particulares.

E mesmo assim, só as que têm uma condição financeira um pouco melhor.

É. Eu acho que pelo menos o berçário; é que o berçário requer, assim, um cuidado muito maior, né? Os maiorzinhos não, porque os maiorzinhos já se comunicam, já sabem falar: “Ah, eu caí”, “Fulano me machucou”. Mas os bebês eu acho que deveria ter, sim, uma prioridade. Porque as mães de primeira viagem, as mães de primeira vez de creche elas questionam muito, né, com as mães anteriores ou até mesmo com pessoas do bairro como é a escola, como são os professores. E até mesmo porque a gente vê muita coisa errada, né, em algumas creches, não só públicas, mas particulares, né, que acontece. Então, eu acho que era um meio de comunicação para os pais ficarem mais aliviados, pelo menos com os bebês.

Está certo. Muito obrigada por sua entrevista!

Obrigada você.

Mãe C

Turma Infantil II (crianças de 3 anos)

1) Por quanto tempo sua criança frequentou a creche?

Ela ficou 3 (três) anos.

2) De maneira geral, qual a sua opinião sobre o trabalho que foi desenvolvido com sua criança?

Achei maravilhoso, porque o desenvolvimento dela foi super rápido.

Em que sentido você fala que foi “super rápido”?

Ah, ela começou a falar rápido, andar rápido, é... conhecer o nome das pessoas, fazer as coisas que ela não fazia, comer sozinha, né? Eu tinha medo dela comer sozinha, eu queria colocar e ela: “Não mãe, eu já sou mocinha”. As “prôs me ensinou”, então, assim, ela começou a se servir sozinha, eu achei, assim, estupendo o desenvolvimento dela pra... quando ela entrou no berçário que não sabia nem sentar e, depois dos primeiros meses já começou foi maravilhoso a creche pra ela.

Que bom!

3) E qual é a sua opinião sobre a relação que a creche teve com você mãe? Qual a sua opinião sobre essa relação entre a creche e a família?

Ah, eu achei um modo assim maravilhoso, porque, assim, eu pude compreender a creche como outra casa pra ela. Porque, aqui foi onde ensinou a ela os primeiros passos, igual o que eu falei na outra questão. Em casa, como a gente trabalha, é... o horário é muito corrido. A gente não tem aquele horário... a rotina, principalmente. Então, assim, a creche tem a rotina de comer, de brincar, de aprender a escovar os dentes, de tudo isso, então, assim, a creche em si ajuda muito a mãe que trabalha fora, né? É um trabalho, assim, que você não tem nem como agradecer!

4) Certo. E o que você acha da comunicação entre a creche e a família?

Eu acho ótimo.

Por quê?

Porque, assim, a creche, ela escreve na agenda o que a mãe precisa saber sobre o filho, se acontecer um problema elas informam, elas ligam, elas se preocupam com a criança. Quando eu pegara a L. na porta da sala elas falavam assim: “Olha, hoje a L. se alimentou super bem”, ou, tipo, se ela não estava bem, chorou um pouco, vê o que está acontecendo... porque, a L. em si é muito esperta também, minha filha é super esperta desde pequeninha, mas, assim, em si precisa de um olhar a mais que a mãe, às vezes, não pode

nem ver. Igual eu falei, na correria do dia a dia a gente acaba nem vendo... então, assim, as professoras, em si, se tornam como uma mãe da criança. Eu acho a comunicação aqui muito boa!

5) E o que você pensa sobre a comunicação entre a creche e as famílias por meio da internet?

Assim, em si eu acho, assim, um lado um pouco perigoso, porque, colocar tudo do filho da gente na internet eu acho que invade um pouco a intimidade da criança, da própria família em casa. Eu acho um pouco arriscado porque tem tanta gente maldosa no mundo querendo raptar as crianças, então, assim, já ia expor a criança. Por exemplo, grava um vídeo da minha filha e bomba na internet ou a pessoa lá, maldosa, vai... aquela pessoa que pega criança e estupra... “ahn, vou pegar tal fulana”, “é mais próximo”, é “mora *mais rápido* de casa”. Então, assim, eu acho um pouco... não muito seguro em si pra criança... é a minha opinião! Pra minha filha e pra minha casa eu acho que não seria bom.

6) Perfeito. E você tem acesso a internet na sua casa?

Tenho.

7) E com qual frequência você utiliza a internet?

Ah, semanal assim. Eu não sou muito de ficar ligada, né? Mas quando tem mais, assim... igual, o Blog da escola, eu acho ótimo, né, porque vai lá, você vê o que... vou ver se meu filho tá bem lá com os amiguinhos. Eu acho o Blog muito legal! E, assim, eu, praticamente, eu tenho *whatsapp* em casa, na minha casa eu tenho, eu falo com toda minha família. Mas eu acho que o *whatsapp* pra escola não seria tão legal.

Por quê?

Porque, igual eu falei, ficaria um pouco mais arriscado para as crianças. Talvez a família também não tem acesso a internet em casa, porque a comunidade também, às vezes, pode não ter condição de ter internet em casa. Então, eu acho que a escola em si já traz muita questão de educação fora a internet.

Então, você acha que essa comunicação entre a escola e a família, utilizando a internet, não seria tão proveitosa assim?

Não. Eu acho que o trabalho da escola em si já é muito grande, né, porque as famílias tem um dia com os filhos quando entram, é... tem o sábado letivo, as famílias aproveitam, então, assim, o Blog já é um meio de comunicação com a escola pra criança.

Certo, entendi.

8) Então, você nunca se comunicou com nenhuma educadora via *whatsapp* ou via *Facebook* ou qualquer outra “coisa” da internet?

Não. Eu sempre escrevi na agenda da minha filha, né, e quando eu tinha uma dúvida eu chegava na professora ou, então, marcava um horário pra falar com ela sobre o que estava acontecendo e eu ia direto a ela, mas nunca usei o *whatsapp* ou a internet pra falar com a professora não!

9) E se a creche colocasse essa proposta para as famílias de utilizar algum aplicativo via internet para conversar com as educadoras, de tudo o que você já falou, você acha que você usaria ou não usaria?

Assim, se fosse um meio mais de segurança talvez sim. Mas como a gente vive nesse mundo virtual cheio de “nhem, nhem, nhem”, né, então, talvez não.

Certo, ok.

10) Você já comentou um pouco sobre o Blog da creche... você já acessou esse Blog?

Sim.

Acessa sempre, gosta, não gosta, conta um pouco sobre isso?

Então, quando a minha filha estava na creche [estudou até dezembro/16] eu acessava porque, o Blog é um meio de segurança, né, o Blog é só pra entrar mesmo; mas como ela agora começou no pré eu ainda não cheguei a ver, não sei se lá vai ter também. Mas eu achei super legal e se tivesse de novo eu ia amar!

Você gostava de ver as fotografias e as atividades das crianças?

Sim, eu gostava. Porque ali eu sabia que era um meio só da escola... é tipo um *whatsapp* de família, é só da escola, então, eu acho que sim, era um meio mais seguro.

11) Finalizando, tem alguma outra questão sobre o uso da internet para comunicação da escola com a família que eu não te perguntei e que você gostaria de expor, de deixar aqui sua opinião?

Não. Eu acho que a escola em si já é um meio tão comunicativo com as famílias, principalmente essa creche aqui. Essa creche aqui eu tenho... vou até chorar nessa entrevista... porque foi onde minha filha aprendeu a... tudo! Agora ela tá no prezinho sozinha, assim, não estou perto dela, próxima né, mas eu sei que ela está sendo bem cuidada também, porque lá as professoras são muito boas, mas é que essa creche eu tenho ela como a minha família. Então, a minha filha mesmo falou: “ Mãe, agora eu não vou mais morar na minha creche?” (risos).

Como se aqui fosse a casa.

É... eu não tenho o que falar dessa creche, só tenho coisas boas pra agradecer, tanto por mim quanto por minha filha, porque o que vocês fizeram, as professoras... a comunicação

aqui é maravilhosa, tanto a comunicação quanto a segurança. Eu dou os parabéns pra vocês! Desculpa chorar...

Somos nós quem agradecemos a parceria, porque sem a parceria de vocês, pais e mães, nós jamais conseguiríamos desenvolver o trabalho que procuramos desenvolver.

Eu agradeço muitíssimo por sua entrevista!

ANEXO E

Perguntas para entrevista com professoras

- 1) Há quanto tempo você trabalha na área da Educação?
- 2) E destes anos, há quanto tempo você atua na Educação Infantil de 0 a 3 anos?
- 3) Você tem acesso à internet? (☐) Sim (☐) Não
- 4) Que aparelho/dispositivo você mais utiliza para acessar a internet?
- 5) Com qual frequência você utiliza a internet?
- 6) Você utiliza a internet para desenvolver seu trabalho pedagógico? Se sim, de que maneira você faz isso?
- 7) Você utiliza ou já utilizou algum aplicativo ou recurso tecnológico da internet para se comunicar com as famílias dos seus alunos?
- 8) Se sim, qual/quais? Por que você acha importante ter canais de comunicação via internet com as famílias?
- 9) Se não, você acha importante ter algum canal de comunicação via internet com as famílias? Por quê?
- 10) Pensando na utilização da internet, de que maneira você acha que a creche poderia ampliar a comunicação e a integração escola-família?
- 11) Se a creche propusesse a utilização de algum aplicativo via internet para comunicação com as famílias você utilizaria? Por quê?
- 12) Qual a sua opinião sobre o Blog da creche?
- 13) Como você acha que poderíamos ampliar a divulgação do Blog para as famílias?
- 14) Finalizando, o que você pensa em relação ao uso da tecnologia digital para a integração escola-família?
- 15) Tem mais alguma coisa que eu não lhe questionei e que você queira acrescentar em relação à integração escola-família mediada pela tecnologia digital?

ANEXO F

Transcrições das Entrevistas com Professoras

Professora A

Turma Berçário (crianças de 7 meses a 1 ano e 6 meses)

1) Há quanto tempo você trabalha na área da Educação?

Há 9 anos

2) E destes 9 anos, há quanto tempo você atua na Educação Infantil de 0 a 3 anos?

Há 9 anos

Então, o tempo que você tem de trabalho na Educação você sempre atuou na Educação Infantil de 0 a 3 anos?

Sim, sempre na Educação Infantil

Nunca trabalhou com o Fundamental?

Não

3) Você tem acesso à internet na sua casa?

Sim

4) Que aparelho ou dispositivo você mais utiliza para acessar a internet?

Ultimamente o celular; com o celular a gente acessa pra ter as informações mais urgentes. As informações mais rápidas é com o celular, mas eu também uso bastante o netbook, o computador.

5) Então na sua casa você também utiliza o computador. E com qual frequência você utiliza a internet?

Diariamente

6) Você utiliza a internet para desenvolver seu trabalho pedagógico?

Utilizo

De que maneira você faz isso?

É... nos planejamentos, quando estou planejando, que surge alguma dúvida ou quer pesquisar alguma atividade pra ver o resultado, se vai ser legal, se não vai... é mais pra esse lado, mais pra parte de planejamento e pra formação mesmo.

Pra sua formação pessoal você usa a internet pra ler artigos, matérias, pra te “alimentar profissionalmente”, digamos assim?

Sim

7) E você acha que isso traz resultados positivos para o seu dia a dia de trabalho?

Traz, porque às vezes a gente planeja uma atividade, com uma ideia do produto final, mas quando começa a ler surgem outros questionamentos: será que se eu for por aquele outro lado vai sair melhor, eu vou conseguir desenvolver melhor essa atividade, então, ajuda sim.

8) Você utiliza ou já utilizou algum aplicativo ou recurso tecnológico da internet para se comunicar com as famílias dos seus alunos?

Não, nunca.

9) Você acha importante ter algum canal de comunicação via internet com as famílias?

Eu acredito que sim

Por quê?

Eu acredito que dá pra manter uma proximidade maior da família se eu tivesse um meio de comunicação mais rápido, seria assim ou através de uma Rede Social que fechasse, eu não sei, ainda não tenho definido, mas um *Facebook*, se fosse da família, da escola, pra que essa família entrasse em contato diretamente... teria o contato direto mais rápido com as atividades, planejamento, com o que você vem desenvolvendo, com algum problema que venha surgir ou até mesmo através de um grupo no *WhatsApp*, pra você conversar com aquela família. Eu acho que teria um retorno mais rápido. Só que ao mesmo ponto que eu acho que isso é muito interessante, eu acho que tem que tomar muito cuidado.

Por quê?

Porque pode ter várias interpretações e, de repente, fugir do foco. Se o foco é entrar em contato com a família mais rápido pra... seja uma medicação, você não está conseguindo contato com a família através do telefone, através da mensagem, às vezes, você consegue mais rápido. Você vai conversar sobre um determinado assunto com uma família, mas ao mesmo tempo a família pode levar por outro lado e, qualquer coisinha, ficar atrapalhando o seu trabalho, ficar com coisas desnecessárias. Por exemplo, a família pede pra mandar uma foto do filho; você tá fazendo a atividade e a mãe fica pedindo pra mandar uma foto da criança dormindo, então, é esse medo que dá! Tem que testar pra ver se dá certo!

10) Certo. E em cima desse medo que você acabou de comentar, você acha que é possível algum tipo de trabalho na creche utilizando aplicativos como *WhatsApp* e *Facebook*, desde que haja regras bem claras para os pais e educadores?

Ah sim! Eu acho que dá! A partir do momento que tenha uma reunião, tenha um encontro com todas as famílias e deixe bem claro o que vai ser tratado, que o que for desnecessário não adianta que não vai ser respondido, não vai ser enviado foto a qualquer momento, não vai ser discutido assunto que não vai ser para o bem estar da criança. Tem que ser pra ajudar ali no momento em que você está com uma dúvida... a criança chega tá doente, não tá bem, só que você não sabe como foi o dia anterior; se você puder mandar uma mensagem: “E aí mãe, como foi o dia dele? Por que ele tá assim?” e ter um retorno mais rápido isso vai ajudar no nosso trabalho, entender o porquê daquela criança estar daquela maneira.

11) Se a creche propusesse a utilização de algum aplicativo via internet para comunicação com as famílias você utilizaria?

Sim

Por quê?

Porque eu acho que vale a pena tentar! Porque só a agenda, muitas vezes, é falha. Você manda um recado, mas não tem retorno, até mesmo pela correria do dia a dia. Às vezes a mãe chega [em casa] e diz: “Vou olhar a agenda”, mas vai fazer o almoço, a janta, vai fazer outras coisas e retorna: “Ai, daqui a pouco eu vou olhar”, termina que manda a criança e não olhou a agenda. Às vezes você até perguntou, questionou de alguma coisa que foi importante, de como que foi o dia da criança e a família não deu conta. E o celular, querendo ou não, está na mão o tempo todo, então, consegue ter um acesso mais rápido.

12) Qual a sua opinião sobre o Blog da creche?

Este ano de 2016 não tem como falar muito, por conta da política não teve como trabalhar muito com ele, mantendo atualizado. Mas é interessante! É interessante o que é divulgado no Blog, o que é colocado. Mas, ao mesmo tempo, a gente tem um retorno de que nem todas as famílias veem. Não sei o porquê, não tem acesso, eles não tem acesso. Não sei se é porque não tem interesse ou até a correria do dia a dia termina não tendo acesso ao Blog da escola. Mas eu já acho que se tivesse um negócio, sei lá, um aplicativo, alguma coisa a parte que direcionasse, que fosse mais rápido o acesso, ficasse mais visível ali na tela, eles poderiam consultar melhor

13) Certo. Então, como você acha que poderíamos ampliar a divulgação do Blog para as famílias?

Como?!... [fica pensativa]

Alguma sugestão de como ampliar essa divulgação?

Ah... é porque esse trabalho já é bem feito. Já é feito de uma maneira... tem no portão, tem no painel, tem recado na agenda, tem vários... já é divulgado bastante. Vai do interesse, mesmo, da família.

Então seria continuar o que já estamos fazendo e incentivar as famílias...

Continuar... tá no caminho certo! Só tem que continuar!

14) Finalizando, o que você pensa em relação ao uso da tecnologia digital para a integração escola-família?

Então, eu acho que é mais integrar a família neste sentido de ter algum aplicativo, alguma coisa que eles tivessem um acesso mais rápido, porque o que tinha que ser feito está sendo feito: tem o Blog, é divulgado... não sei!

15) Tem mais alguma coisa que eu não lhe questionei e que você queira acrescentar em relação à integração escola-família mediada pela tecnologia digital?

Não. Está no caminho certo!

Então, agradeço muitíssimo por sua entrevista.

De nada.

Professora B

Turma Infantil I (crianças de 2 anos)

1) Há quanto tempo você trabalha na área da Educação?

Há mais ou menos uns 6, 7 anos, incluindo o período que comecei a fazer estágio e logo comecei a trabalhar, uns 6 a 7 anos.

2) E destes anos, há quanto tempo você atua na Educação Infantil de 0 a 3 anos?

Comecei aqui na Rede de São Bernardo no ano de 2014.

Então, 2 anos e pouco?

Isso.

Você nunca tinha trabalhado dos 0 aos 3 anos antes?

Não, com essa faixa etária não.

3) Você tem acesso à internet?

Tenho.

Na sua casa?

Na minha casa, no celular.

4) Que aparelho/dispositivo você mais utiliza para acessar a internet?

O celular devido eu ficar a maior parte do tempo fora [de casa], eu acabo utilizando mais o celular.

5) Com qual frequência você utiliza a internet? Todos os dias?

Todos os dias, pra acessar e-mail, pra conversar, a maior parte do tempo eu acabo usando no celular, fora de casa.

6) E você costuma utilizar a internet para desenvolver seu trabalho pedagógico?

Sim; como eu passo a maior parte fora, né, então no ônibus eu procuro fazer pesquisa, fazer leituras de livros, às vezes até o planejamento, penso em alguma coisa, acabo utilizando. Assim, às vezes não dá tempo em casa, mas acabo no ônibus, devido o trajeto ser longo, né, pesquisando mesmo, olhando planejamento, formas de histórias; acaba sendo uma ferramenta muito importante pra gente que tem que estar bem atualizado.

Então, você costuma utilizar pra organizar o seu trabalho pedagógico e também para, vamos dizer assim, se atualizar?

Isso, exato.

7) Você utiliza ou já utilizou algum aplicativo ou recurso tecnológico da internet para se comunicar com as famílias dos seus alunos?

O *WhatsApp* e o *Facebook* também, mas o *Facebook* foi só, assim, algum recadinho ou outro, mas mais o *WhatsApp*.

Então, conta um pouquinho dessa sua experiência que você teve com o *WhatsApp* com as famílias.

Na verdade, né, eu sempre fui muito aberta com as mães e sempre procurei, assim, às vezes – tem mais aquelas crianças que é de transporte, você não tem muito contato, às vezes na agenda, a correria – e aí uma mãe pediu, solicitou meu telefone pra uma funcionária da cozinha e aí ela passou o meu contato. Eu achando que era porque ela trabalhava com questão de cabeleireiro, estética, passei o meu contato, só que na verdade eu vi que não era, ela queria mais se aproximar, saber da filha dela na escola. No começo eu fiquei meio com receio, pensei assim: falo, não falo, até que ponto eu posso ir, até que ponto eu posso falar; porque, a partir do momento em que a gente escreve tá mais comprometido do que o que a gente tá falando, né?! Será que, de repente, ela não iria usar isso, qualquer coisa que eu falasse, não sei né! E aí, de repente, ela me chamou e falou: “Ah, eu pedi seu telefone, eu

queria saber da L., como ela está, como foi o dia dela na escola, tudo”. Algumas vezes eu falava e outras vezes eu me sentia um pouco limitada, porque eu fiquei pensando assim: “Mas, como também agradar? Estou fazendo essa comunicação só com ela, mas e as outras mães?” – pensei também nisso, porque ela pediu, as outras mães nunca solicitaram, mas também, será que não tinham curiosidade de saber, né?! E, também, achei assim, que acaba se comprometendo, por um lado, assim... às vezes vai ficar visualizando a última hora que você viu, fico pensando também neste sentido; às vezes a pessoa dá uma olhadinha e... mas aí podem pensar: “Será que ela está trabalhando, será que ela está cuidando”. Às vezes pode acontecer alguma coisa e a mãe dizer assim: “É, mas você olhou o *WhatsApp*”. Eu não sei até que ponto o *WhatsApp* acaba colaborando nessa comunicação, mas, assim, não tive problemas maiores com ela e em relação à comunicação achei que foi, assim... é uma ferramenta importante, mas acho que ao mesmo tempo que ela contribui ela pode também não [contribuir], porque a partir do momento que você escreve, depois, é mais complicado você reverter.

Certo, então, seria mais ou menos assim, ela [a ferramenta *WhatsApp*] é importante, mas precisa ter regras pra utilizá-la?

Isso! Exato, ter regras. Assim, até que momento se pode utilizar, qual vai ser o horário, o que a gente vai poder falar ali, o que não vai poder falar, porque, às vezes, você pode até fazer um grupo com as mães, mas, de repente, começa uma confusão, fala isso, fala aquilo, então, vai ter que saber lidar, como resolver esses conflitos que podem vir acontecer.

8) Você acha importante, então, a escola/os educadores terem canais de comunicação via internet com as famílias por essa experiência que você já vivenciou?

Eu acho importante, tendo regras, porque eu vejo que muitos pais, às vezes, não tem acesso mesmo, é mais o celular. Hoje em dia é um ou outro que pode ser que não tenha [um celular], mas também tomar muito cuidado com o que vai ser divulgado, questão de foto também... é uma coisa muito minuciosa; é bem complicado! Eu acho importante, mas, ao mesmo tempo, teria que ter muitas regras pra poder se ter. E, também, tem que saber o tempo, quem vai ficar disponível pra cuidar disso, como é que vai funcionar, vai poder fazer isso, não vai, acho que é importante, mas, cabe aí talvez um tempo para poder se adequar.

9) Se a creche propusesse a utilização de algum aplicativo via internet para comunicação com as famílias você utilizaria?

Ahn... utilizaria.

Por quê?

Porque eu acho que é uma forma – como eu falei – daqueles pais que não podem estar vindo sempre pra conversar com a gente, às vezes, nem na agenda, então, acho que talvez aproximar mesmo e a relação se tornar mais afetiva, também, né?!, de saber, de passar as informações, eu participaria sim!

12) Qual a sua opinião sobre o Blog da nossa creche?

Eu acho ele muito importante, sempre nas reuniões eu buscava ressaltar essa questão: “Olha, visualizem”. Só foi mesmo no período de eleição que acabou não tendo atualização, mas às vezes o pai falava muito assim: “Ahn, mas é que eu nem sabia do Blog”; e a gente falava assim: “Foi na agenda, no começo do ano, um informativo que existe o Blog”; “Ahn, mas eu não tenho tempo de acessar, eu não posso, não sei o quê”; “Mas dá pra ser do celular!”; e alguns diziam que não conseguiam abrir. Tinha toda uma questão, mas eu acho muito importante sim, até pra eles saberem o trabalho que é realizado na escola, né?! Muitos pais não podem comparecer à reunião, ou não sabem o que é feito, ainda tem aquela ideia de que a creche é só brincar, que a gente não desenvolve nenhuma atividade... eu acho bem importante. Eu gostava e, muitas vezes, eu acompanhava sim o que era postado.

13) Certo. Você comentou aí que nas reuniões de pais alguns diziam a você: “Olha, eu nem sabia que existia esse Blog”. Como você acha que poderíamos ampliar a divulgação do Blog para as famílias?

Talvez como sugestão, na primeira reunião, tanto com os pais novos ou com os [antigos], tirar um *print* da tela do Blog e falar: “Olha, é aqui, é assim”, mais ou menos ensinar, porque tem muitos pais que tem esse receio de, talvez, clicar em alguma coisa errada e dar... e, talvez assim mesmo, ensinar: “Olha, esse é o Blog, essa é a página, é assim que funciona”, talvez, chamar a atenção deles: “Olha, aqui vai ter fotos dos filhos de vocês, se eles forem para os passeios será postado, vai ter... acho que chamar mesmo, procurar algo que chame a atenção deles.

14) Finalizando, o que você pensa em relação ao uso da tecnologia digital para a integração escola-família?

Eu acho uma ferramenta importante e também penso na possibilidade daqueles pais que não têm. Como nós faremos para integrar esses pais que não tem acesso, que não sabem ler, que não sabem escrever e que não vão poder participar. Será que, ao mesmo tempo em que a gente vai estar integrando, será que a gente não vai estar excluindo, também? Porque, muitas vezes, [a pessoa] não vai querer participar, vai se sentir desmotivado, aí, não vai querer mesmo participar. Acho assim, é importante a tecnologia, a questão dessa integração com a escola, mas eu acho que tem que visar assim: “Ah, tudo bem, vamos ‘fazer *WhatsApp*’, mas e para aqueles que não podem, e aquela pessoa que não pode ler, o que que a gente vai fazer pra ela? A gente vai procurar um outro meio? Nós vamos mandar fotos? Eu não sei! Eu acho que deveria pensar também nesse sentido, senão, na verdade, ao invés de integrar vai acabar excluindo essas pessoas e a pessoa acaba se sentindo desmotivada: “Ah, eu não sei ler, não vou querer mexer”, eu tiro exemplo pela minha mãe, não sabe mexer no celular, ela fica: “Ai não, não quero mais mexer, não quero mais saber”. Não é todo mundo, lógico, a tecnologia tá inserida no nosso meio, todo mundo, até as crianças hoje sabem mexer, mas vai ter sempre aqueles que são criados pelos avós, pelos que não sabem, aí, como que a gente vai também fazer com que essa integração aconteça com elas também?

Então, a escola precisa, pode e deve utilizar essas tecnologias digitais para essa integração, sem se esquecer de outros canais pra integrar todas as famílias, com todas as possibilidades, entendi corretamente?

Isso, isso mesmo!

15) Tem mais alguma coisa que eu não lhe questionei e que você queira acrescentar em relação à integração escola-família mediada pela tecnologia digital?

Não; o que eu acho que é necessário mesmo é isso, não se esquecer dos outros que não podem ter acesso. E é isso mesmo, eu acho muito importante, mas tem que tomar cuidado, até que ponto a gente pode ir, né, e até que momento ela vai ser útil, senão, às vezes, acaba confundindo, fazer com que a tecnologia, pras famílias, não acabe confundindo, você achar que é íntimo, assim, eu posso, ah, então eu posso te chamar meia noite, posso te chamar uma hora da manhã, posso chamar... entendeu? E também não sei até que ponto eles vão entender e interpretar isso, porque, às vezes, eu sei, muitas vezes acontece alguma coisa com a criança e, às vezes, na hora do nervosismo, fala “eu não quero saber, eu vou ligar, eu vou falar”, então, saber... existir regras e saber se é possível, se essas famílias realmente vão cumprir, porque a gente sabe que às vezes é difícil, assim, na hora do nervoso você acaba mandando uma mensagem que vai acabar, né... então, acho que é uma coisa que tem que ser estudada, planejada, pra que dê certo, para o bem. Mas, muitas vezes, a pessoa... é igual a internet, ela vem... tem coisas boas e tem coisas ruins, então, essa integração pode ser que seja boa, mas, ao mesmo tempo, não seja muito favorável. Mas é uma questão de estudar, saber se vai dar certo, tentar e, se não der... mas acho importante sim!

Muito obrigada por sua participação!

Eu que agradeço o convite.

Obrigada!!!

Professora C

Turma Infantil II (crianças de 3 anos)

1) Há quanto tempo você trabalha na área da Educação?

Há uns 17 anos; eu já fui coordenadora, fiquei 13 anos no Programa de Laboratório de Informática e Tecnologia da Informação em São Bernardo do Campo e nos últimos dois anos eu estou na Educação Infantil, em creche.

2) Então há 2 anos você trabalha com a faixa etária de 0 a 3 anos? Você nunca havia trabalhado com essa faixa etária nesses seus 17 anos de Educação?

Não, só tinha trabalhado com Fundamental.

3) Você tem acesso à internet na sua residência?

Sim

4) Que tipo de aparelho ou dispositivo você mais utiliza para acessar a internet?

Hoje é o celular.

Certo. Você também usa o computador ou muito pouco?

Computador também diariamente porque eu costumo fazer transações bancárias, compras pela internet, além de estudar, de obter informações no que diz respeito à Educação eu utilizo muito no meu dia a dia

5) Certo. Então a gente pode afirmar que você usa a internet diariamente?

Sim

6) Você comentou que utiliza também a internet para fazer suas pesquisas e estudar. E você geralmente utiliza a internet para desenvolver o seu trabalho pedagógico?

Sim

De que maneira você faz isso?

Bom, o planejamento ele é feito todo pela internet, apesar da coordenação nos dar uma ficha onde podemos fazê-lo eu opto por fazer pelo computador, porque é mais fácil pra fazer correções; depois que eu termino eu imprimo. Esse seria o registro, né?! Os relatórios também são feitos no computador, as fotos são tiradas e armazenadas também nele, mas acima de tudo ele é utilizado para planejar a aula, né! Definir o que eu quero fazer com meus alunos, separar material para utilizar com eles, procurar bons exemplos de atividades dentro do tema que eu estou trabalhando, então, o meu trabalho gira em torno das tecnologias.

Então, mesmo você trabalhando com a faixa etária de 0 a 3 anos, que, na teoria, teria um pouco mais de dificuldade para a utilização educacional das tecnologias, você consegue inseri-las em seu trabalho, é isso?

Sim, e com as crianças eu faço uso do projetor multimídia... ele foi muito utilizado nesses 2 anos em que eu trabalhei na creche e, no ano passado, eu comecei a trabalhar com o computador com eles. No final do ano eu apresentei a eles um programa chamado *Tux Paint*, um programa de desenho que você pode utilizar com crianças a partir de 3 anos, que era o público alvo que eu trabalhei no ano passado e me chamou muita atenção porque quando eu apresentei o notebook para eles com o mouse, o dedinho deles foi automaticamente buscar pela tela, tentar através do toque mexer, então essa é uma geração do *touch*, do toque, não é mais uma geração do mouse, né?! Então, assim, eu utilizo no

planejamento, mas também comecei a utilizar com as crianças, eles desenvolvendo atividades.

Perfeito. Essa sua observação é muito interessante, porque nós não somos uma geração tecnológica, estamos imigrando para essa situação, mas eles não! Eles já nasceram no mundo tecnológico.

7) E você utiliza ou já utilizou algum aplicativo ou recurso tecnológico da internet para se comunicar com as famílias dos seus alunos?

No ano passado eu tive a ideia de fazer um site onde eu apresentaria o dia a dia da creche. Eu fiz esse site na verdade, mas eu não pude nutri-lo, porque, por conta das eleições a gente não pode postar nada, por conta do decreto¹⁵. O ano passado eu passei a me comunicar com uma avó de um aluno; na verdade, foi algo que aconteceu de forma indireta: eu tinha tirado fotos do neto dela e ela pediu para que mandasse pelo celular. E aí a gente acabou começando a conversar; teve um dia que ela até me pediu socorro, era um final de semana; ele estava com dores de cabeça e ela não sabia se ele tinha batido ou não a cabeça e ela acabou me perguntando. Era um domingo a tarde, né?! Eu tenho intenção de trabalhar; pra mim foi bacana, foi uma experiência pequena só com um familiar, no caso uma avó, mas quando eu for conversar eu já sei que a gente vai ter de estabelecer regras pra gente utilizar. Como é uma ferramenta que todo mundo tem, você pode falar com a pessoa a hora que você quiser, então, no meio profissional precisa estabelecer claramente regras com os pais. Mas no meu primeiro contato com o *WhatsApp* com essa avó eu já gostei, eu acho que vale a pena investir em utilizar essa ferramenta.

8) Então você acha importante ter canais de comunicação via internet com as famílias, desde que hajam regras bem claras para que as famílias não “invadam”, digamos assim, a privacidade do profissional em momentos em que ele não está trabalhando, entendi corretamente?

Sim, é isso mesmo.

Perfeito, vamos continuar então!

10) Pensando na utilização da internet, de que maneira você acha que a creche poderia ampliar a comunicação e a integração escola-família?

Por meio da internet?

Isso...

Bom, eu acho que o aplicativo *WhatsApp*... acho que é legal ter um grupo de pais, desde que a gente possa conversar, estabelecer as regras com eles. Eu acho que o site que permita que os pais possam acompanhar o trabalho da creche, a rotina da creche. Eu acho que a gente só respeita aquilo que a gente conhece, né?! O pai – e não só o pai, mas a sociedade – tem uma visão muito errada da creche; ainda vê a creche como depósito de crianças, a

¹⁵ Refere-se à determinação da Lei Eleitoral nº 9504/97

creche onde as crianças não aprendem nada, elas somente ficam lá. Ou, muitos perguntam e esperam por um aprendizado escolarizado – ele não vai aprender a escrever o nome, não vai aprender as cores – então, eles ainda não sabem por que a creche está aí. Eu acho que demonstrar a rotina desse espaço e o aprendizado das crianças dentro desse espaço por meio da internet, por meio de consulta, ele pode olhar pelo celular dele, facilitar, também, esse acesso eu acho que é bacana; acho que a creche deveria investir. E eu também sou a favor da utilização de tablets pelas crianças de 3 anos. Infelizmente, São Bernardo nunca investiu na Educação Infantil; quando eu estava no Laboratório de Informática o investimento era só para o Fundamental e a EJA [Educação de Jovens e Adultos]; então, a Educação Infantil não foi levada em consideração quando houve todo esse planejamento¹⁶. E como eu percebi o ano passado, as crianças já são dessa “*geração touch*”, então, de repente, nem *notebook*; já investir na geração que eles estão, que eles já nasceram, que é a geração do tablet.

11) E se a nossa creche propusesse a utilização de algum aplicativo via internet para comunicação com as famílias você utilizaria?

Com certeza!

Por quê? Qual caminho que você tomaria em relação a isso e em relação às famílias das suas crianças?

Eu acho que a informática aí... eu utilizaria dentre de duas vertentes: a primeira é que os pais pudessem simplificar essa comunicação conosco; então, se ele tiver alguma dúvida ele vai poder me perguntar, lógico, dentro do meu HTP [Horário de Trabalho Pedagógico – momento de planejamento do professor]. Ele vai estar ciente de que não vai me perguntar 9h da manhã; eu estarei com o filho dele e não vou responder, porque nesse momento estou trabalhando [com as crianças]. Mas das 13h50 às 15h, que é o horário de HTP, eu posso responder uma dúvida que, de repente, pra ele ligar seria mais difícil ou pra ele ir até a escola seria mais difícil. Acho que a função da tecnologia é simplificar a nossa vida, simplificar essa comunicação com os pais também, essa eu acho que é uma das vertentes. A outra é realizar um trabalho pedagógico com esses pais, mesmo! Tinha pensado, em logo no começo do ano, trabalhar cantigas de acalanto, trabalhar contações de histórias com esses pais, enviar livros para casa, pedir que eles gravem histórias e que a gente pudesse usar esses áudios na creche, né!? Seja com o berçário, Infantil I ou Infantil II [nomenclatura das turmas nas creches municipais de São Bernardo do Campo] esse trabalho cabe; ele vai ter só enfoques diferentes, mas ele cabe. Por que a tecnologia é isso, ela é muito flexível. Você tem a tecnologia e você não trabalha só com um público, você vai trabalhar com qualquer público dentro da Educação; ela tem essa plasticidade, né?! Então, com certeza ela será utilizada e dá pra usar as duas formas: dá pra fazer essa integração, esse canal de comunicação com os pais e fazer com que eles também “deem aula” junto conosco, contribuindo com a bagagem que eles têm.

¹⁶ Refere-se à aquisição de equipamentos como computadores e *netbooks* para uso dos alunos do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos da Rede Municipal de São Bernardo do Campo.

Então seria uma forma de abrir outro canal, de ouvir esses pais e de fazer com que eles participem também, de uma ou de outra forma, desse contexto que o filho já está inserido, mas que ele nem sempre pode estar inserido. É isso?

Isso, ok!

12) Qual a sua opinião sobre o Blog da nossa creche?

Eu acho ele pouco atrativo. Eu acho que a ferramenta, esse *Blogger*, ele caiu em desuso. Hoje nós temos ferramentas ainda gratuitas, que usam outro tipo de linguagem, se não me engano é HTML 5, que ela é mais potente e ela chama mais atenção, além de ela ser mais fácil de a gente encontrar as informações. Eu sugeriria a troca do antigo *Blogger* para – é chamado de Wix essa plataforma, que é HTML 5 – para o Wix.

Eu conheço o Wix. Em uma das disciplinas que eu fiz lá na USP nós o utilizamos para fazer um Blog.

13) E como você acha que nós poderíamos ampliar a divulgação do Blog para as famílias?

Eu acho que por meio da agenda. Acho que a gente poderia chamar a atenção por conta das publicações. O ano passado uma professora teve a ideia de fazermos impressões de fotos e enviar nessa agenda. Além de trabalhoso pra gente, seria um material que sairia, esporadicamente, do nosso bolso pra fazer as impressões dessas fotos. O Blog traz essa economia! Então, eu vou lá e escrevo: “Olha, fique atento! Tem postagens novas no Blog da escola essa semana!” ou “Ontem nós postamos”, enfim, e o pai já sabe que vai ter fotos do filho dele lá naquele espaço, então, fazendo assim, a gente faz com que o pai se habitue a entrar nesse espaço, faz com que o acesso seja uma coisa rotineira; ele sabe que sempre esse Blog será atualizado e os profissionais vão avisá-lo, vão dar aquele toque: “Não se esqueça, tem publicação do IA, do IB, lá no nosso Blog”, essa é uma das formas.

Eu acho que o Blog poderia ser construído, também, em várias mãos. Eu acho que a gente poderia ter, de repente, até uma página “IA”, então, na página IA estarão as minhas postagens, de uma ou outra atividade que eu achei interessante. Procurar que os professores construam essa página, mesmo que seja em *Power Point*, naquilo que eles conseguem lidar, mas que seja a escrita de cada professor da sala, porque foi ele quem fez a atividade, ele quem viu a importância, ele que conhece os objetivos e ele é quem pode falar melhor daquele tipo de atividade. E fazendo assim, a gente faz com que o Blog seja sentido como nosso, quando ele é construído por todos, que foi a ideia do Jornal, né?! Cada um fazendo a sua parte e depois a coordenação fazendo a junção, então, eu defendo essa ideia também para o Blog.

14) Finalizando, o que você pensa em relação ao uso da tecnologia digital para a integração escola-família?

Eu acho que é aproximar a família da escola, né?! E lançar mão de estratégias que vão facilitar e diminuir essa distância. A grande maioria dos pais trabalha, então, eles não têm o

tempo pra poder participar. A gente sabe que tem muitos pais que gostariam muito de participar; muitas vezes eles se desculparam, mas eles precisam trabalhar, essa é a nossa realidade. Então, a gente precisa se adaptar a essa realidade; a gente não pode ficar cobrando a participação do pai, sendo que ele não pode fazer isso, né?! Então, eu acho que a internet vai facilitar; ele vai poder estar participando, ele vai se sentir parte... se a gente tiver um grupo que o pai possa dar sugestões a respeito do Dia da Família, sugestões a respeito do Conselho, sugestões a respeito da APM isso será feito de uma forma mais simples pra ele também. E o celular principalmente! A internet pelo celular, todos os pais tem, né?! A gente percebe que é a grande maioria. Computador, eu acho que vem caindo o número de pais que possuem esse material, mas o telefone é praticamente 100%. Então, a gente consegue inserir sem excluir.

15) Tem mais alguma coisa que eu não lhe questionei e que você queira acrescentar em relação à integração escola-família mediada pela tecnologia digital?

Não... acho que já está bom!

Ok... Agradeço muito por sua participação em meu trabalho.

Obrigada!